

Gratuita

Magia

O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. Grátis. Sem remuneração. De graça. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A experiência, única autoridade, único valor. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Sou Gratuita. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. Sou Gratuita. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. Grátis. Sem remuneração. De graça. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Grátis. Sem remuneração. De graça. A experiência, única autoridade, único valor. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Sou Gratuita. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. Grátis. Sem remuneração. De graça. A experiência, única autoridade, único valor. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Sou Gratuita. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração.

Gratuita

A literatura, inserida no círculo das trocas (sistema que mede o valor de cada coisa por um princípio de equivalência, e no qual o gasto deve ser recompensado pela restituição), é simultaneamente uma das linhas de fuga que o interrompe. As palavras não são instrumentos, não têm proprietário, não prestam contas. Essa insubordinação é a sua mais generosa afirmação: o exercício da palavra é o desejo da partilha desmedida, e dá-se como solicitação de resposta, mas sem valor de troca. Isso significa que os seus efeitos são incalculáveis. Gratuita decide relançar este desejo: a literatura como dádiva improvável que se inscreve na incessante reinvenção do comum.

Gratuita

Magia

Maria Carolina Fenati

Apresentação

Será a escrita um gesto mágico? Em *Causa Amante*, de Maria Gabriela Llansol, a escrita é um animal, e quem escreve busca-o pela floresta. O animal nunca é visto por inteiro, o que há são os seus rastros, e escrever é farejá-los, segui-los criando outros traços. O farfalhar das folhas é um dos sons dessa grafia. Talvez a magia também seja como esse animal-escrita, que escapa, indomesticável, e no entanto não desaparece, porque oferece variadas formas da sua presença. Está na floresta, e também no céu, no corpo, nas relações, no tempo. A magia espraia, espreita e destina-se — quem a escuta, quem a vê, quem a imagina, inventa formas de com ela viver e, não raro, de com ela escrever, e assim ela continua e se expande nas palavras. A literatura é um dos seus modos de acontecer.

Nesta Gratuita, partimos do desejo de escolher textos nos quais a magia está, de algum modo, presente. Pulverizada em mil formas, há magia na escrita que se dedica às montanhas, aos cantos, às crianças, às janelas, às plantas, às memórias, ao sexo, aos pássaros. O que está nas páginas respira e mira os olhos de quem lê. A magia é uma dobra na linguagem. Lado a lado com cada um dos textos que havíamos escolhido, publicamos também uma nota entendida como um fragmento de leitura. A nossa aposta é a de que a relação escrita-leitura é encantatória porque amplifica as palavras, e faz surgir entre elas distâncias, diferenças e relações imprevistas. A magia é tema, e é também um modo de dar forma à edição. Por vezes, convidamos pessoas a escrever as notas, enfeitadas pela leitura e enfeitando de volta pela escrita. Noutras, escolhemos textos que, já escritos, faziam isso a seu modo. Acender os gravetos que são os textos e as notas, soltar faíscas no atrito entre eles, ver arder a sua chama, com elas chamejar as páginas — a magia é um modo de arder.

Com poemas e diários, ensaios e cantos, línguas e a sua tradução — nesta Gratuita, a magia é uma paisagem.

8
INTRODUÇÃO À ARTE
DAS MONTANHAS
Leonardo Fróes
NOTA Guilherme Freitas

12
POEMAS
Ana Martins Marques
NOTA Daiane Carneiro Pimentel

20
ABOMÉ E RUA 125
Audre Lorde
NOTA Stephanie Borges

24
A ENJEITADA
«fragmento»
Liudmila Ulítskaia
NOTA Maria Carolina Fenati

30
A MADAME KÉLÉMAN
Patrick Chamoiseau
NOTA Edimilson de Almeida Pereira

39
MAMBO
Aníbal Aleluia
NOTA Daniel de Jesus Figueiredo

50
KUZUELA
André Capilé
NOTA Ana Estaregui

56
COMO VIREI PAJÉ
«fragmento»
Narrador João Duruteu Xàj
NOTA Ellen Lima Wassu

65
EISEJUAZ
«fragmento»
Sara Gallardo
NOTA André Brasil

74
UM TEXTO CAMINHO
Caístulo e Dani Zelko
NOTA Mayara Alexandre Costa

83
VELADA
«fragmento»
María Sabina
NOTA Henry Munn

90
TEM MACUNAÍMA?
Patricio Rago
NOTA Filipe Lampejo

95
PARTILHAR COM COELHINHOS
Louise Glück
NOTA Maria Fenati Ribeiro

100
INICIAÇÃO AOS
NÚMEROS IMAGINÁRIOS
Marcílio França Castro
NOTA Ana França

108
AS ÓRBITAS DOS PLANETAS
«fragmento»
Friedrich Hegel
NOTA Aline Magalhães Pinto

111
SOBRE OS ORÁCULOS
«fragmento»
Plutarco
NOTA Roberta Ferraz

115
A BRUXA [EM SETE MOVIMENTOS]
Micheliny Verunskh
NOTA Sara Pinheiro

122
JANELAS
Maria Carolina Fenati
NOTA Maura Lopes Cançado

133
AS MULHERES DANÇAM
NUAS NA PRISÃO
Starhawk
NOTA Marina Apolinário

138
A CASA DOS MEUS SONHOS
Natalia Toledo
NOTA Conceição Evaristo

143
UHURA
Stephanie Borges
NOTA André Capilé

151
HISTÓRIA DE SANGAMA
Morán Zumaeta Bastín
NOTA Nian Pissolati

162
TRATADO DO TODO-MUNDO
«fragmento»
Édouard Glissant
NOTA César Guimarães

166
SEIVA VENENO OU FRUTO
«poemas»
Júlia de Carvalho Hansen
NOTA Roberto Zular

178
O BEBEDOR DE VINHO DE PALMA
E SEU FINADO FAZEDOR DE VINHO
NA CIDADE DOS MORTOS
«fragmento»
Amos Tutuola
NOTA Pedro Bomba

186
A EVOLUÇÃO DA FORMA
E OUTROS POEMAS
Jalaludin Rumi
NOTA Lena Yunis

194
QUATRO FÓRMULAS MÁGICAS
DAS ILHAS TROBRIAND
Registro de Bronisław Malinowski
NOTA Guilherme Gontijo Flores

200
FEITIÇOS
«fragmento»
Agnieska Szpila
NOTA Fernanda Regaldo

206
A MULHER DOS OSSOS
«fragmento»
Selva Almada
NOTA Vinciane Despret

209
ENCANTAÇÃO
CONTRA CORONAVÍRUS
Afonso Fontes
NOTA Sony Ferseck

224
SÁ RAINHA
Cidinha da Silva
NOTA Cida Reis

229
SALMO 91
NOTA Douglas Cristiano Silva

234
CANÇÃO DA ÂNCORA
Björk
NOTA Elisa Marques e Fernanda Regaldo

239
CHAMA
Mary Oliver
NOTA Leonardo Fróes

252
POEMAS RITUAIS
«fragmento»
Edimilson de Almeida Pereira
NOTA César Guimarães

263
LISTA DE AUTORES,
TRADUTORES, REVISORES
E COLABORADORES

267
CRÉDITOS

Leonardo Fróes

Introdução à arte das montanhas

Um animal passeia nas montanhas.
Arranha a cara nos espinhos do mato, perde o fôlego
mas não desiste de chegar ao ponto mais alto.
De tanto andar fazendo esforço se torna
um organismo em movimento reagindo a passadas,
e só. Não sente fome nem saudade nem sede,
confia apenas nos instintos que o destino conduz.
Puxado sempre para cima, o animal é um ímã,
numa escala de formiga, que as montanhas atraem.
Conhece alguma liberdade, quando chega ao cume.
Sente-se disperso entre as nuvens,
acha que reconheceu seus limites. Mas não sabe,
ainda, que agora tem de aprender a descer.

SELEÇÃO E NOTA
Guilherme Freitas

SELECIONADO DE
Leonardo Fróes. *Argumentos invisíveis*.
Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Guilherme Freitas

Sobe e desce

Há algum tempo, passei uma semana caminhando pelo Vale do Pati, uma região da Chapada Diamantina rodeada por paredões rochosos e montanhas escarpadas. Ali vivem poucas famílias, em casas espalhadas pelo vale, e alguns moradores conduzem os visitantes pelas trilhas locais, que podem ser difíceis para forasteiros como eu.

Meu guia foi o Everaldo, um patizeiro que conhecia cada rio, planta e pedra daqueles caminhos. Nas trilhas mais complicadas, indicava a direção com gestos precisos: “Agora é mais seguro pisar ali.”

O dia mais duro envolveu uma subida íngreme de duas horas, que se tornou ainda mais delicada por causa de uma chuva fina que tinha caído no início da manhã. O esforço para galgar as pedras escorregadias castigava as coxas e os joelhos. Mas a vista do cume, a 1.500 metros de altitude, compensou tudo.

Na descida, sem perceber, acelerei o ritmo. Estava cansado, com dores, queria chegar logo. Escorreguei algumas vezes, umas delas perto de um despenhadeiro. Everaldo achou por bem intervir: “Tenta avançar sempre com o menor passo possível.”

De noite, descansando numa casa do vale, lembrei de um poema do Leonardo Fróes, “Introdução à arte das montanhas”.

Lembrei de como me senti quando o li pela primeira vez, dez anos antes. Eu tinha acabado de descobrir que ia ser pai, estava eufórico e apavorado, e vi algo de mim nesse bicho que sobe a montanha, atraído por ela e entregue aos próprios instintos, arranhando alegremente a cara contra os espinhos da vida.

Lembrei que li o livro com esse poema enquanto me preparava para entrevistar o Leonardo. E lembrei do dia em que o conheci, quando subi a serra de Petrópolis até seu sítio em Secretário para fazer essa entrevista.

Eu nunca tinha falado com o Leonardo, mas ele acabou se tornando uma das primeiras pessoas a quem contei que ia ser pai. E assim a entrevista virou uma conversa, que se estendeu pelos anos seguintes.

Desde então, volta e meia, em momentos grandes da vida, penso na imagem desse bicho ofegante, em seu aprendizado da arte das montanhas. Como naquela noite no Vale do Pati, exausto e feliz, com uma dor nos joelhos que dava um sentido mais literal do que eu gostaria ao verso final do poema.

“Tenta avançar sempre com o menor passo possível”: será isso aprender a descer? Não sei, talvez não importe. Para mim a frase do Everaldo agora faz parte do poema, e acho que o Leonardo teria gostado disso. Dá para imaginar a risada dele.

Ana Martins Marques

Poemas

SELEÇÃO E NOTA
Daiane Carneiro Pimentel

NOTA DAS EDITORAS

Os poemas escolhidos foram publicados em quatro livros de Ana Martins Marques, listados pela ordem em que aparecem nas páginas que se seguem: *Da arte das armadilhas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011); *De uma a outra ilha* (São Paulo: Círculo de poemas, 2023); *O livro das semelhanças* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015); *Risque esta palavra* (São Paulo: Companhia das Letras, 2021).

Carta a Safo

perto []
escuta

] noite e cabelos [

...
inadvertidamente

é doce []
era doce
porém
tu []

entre automóveis e pássaros
queimarei para ti

longe []
escuta

diante [distante (?)] de ti

o [mesmo] mel
há milênios

teu corpo quebrado pelo amor
[] infinitas estrelas [sobre]
[uma] pequena praia

vem
veloz
[] escrita
[] brilhando]

combater [comigo]
[contra mim]

pequena
e no entanto

também ardo
[de desejo] por

nem céu
nem setas

Eros e
[outros] erros

mas para um tempo intenso
e sem cuidados
vigorosamente pelas tuas mãos
eu...

Seus poemas nos chegaram
em pedaços
quebrados como vasos de cerâmica
ou conchas espatifadas na praia
palavras como ilhas
cercadas de silêncio
por todos os lados

*

Existem muitos modos de guardar
escrever embalsamar gravar
mas também: esquecer abandonar
estilhaçar

Esconderijo

Involuntariamente plagiado do poema “Os vivos devem ultrapassar os mortos”, de Robert Bringhurst, em tradução de Virna Teixeira publicada no número 17 da revista Inimigo Rumor.

Estas são palavras que eu não
deveria dizer

palavras que ninguém
devia ouvir

que elas permanecessem no silêncio
de onde vêm

no fundo escuro da língua
cheio de doçura e ruídos

com o ranço informulado
dos segredos

por via das dúvidas escondi-as aqui
neste poema
onde ninguém as vai encontrar

Meu amigo,

quase já não escrevo
passo o dia sentada em algum lugar
olhando florescer qualquer coisa que esteja
posta diante dos olhos

com isso já vi morrer uma pedra
e um cachorro enforcar-se
numa nesga de sol

mas nada disso era uma palavra
dessas que coloco agora uma após a outra
para que depois você as receba como um aviso
de que ainda não morri de todo

não se parecia tampouco com uma palavra
embora lembrasse vagamente *naufrágio*
a mulher que atravessou a rua velozmente
carregando como uma criança
um girassol sem cabeça

e o que encontrei
um dia após o outro
não foi uma palavra
mas uma canoa em chamas
não foi uma palavra
mas um acidente doméstico
envolvendo um barco de brinquedo
e uma máquina de costura
não foi uma palavra

(embora em torno das coisas
sempre se ajuntem palavras

como cracas no casco
de uma embarcação antiga)

às vezes sim me ocorre encontrar uma palavra
apenas quando a encontro
ela se parece com um buraco
cheio de silêncio

às vezes sim me ocorre encontrar uma palavra
enganchada numa lembrança
como uma lâmpada num bocal

um poema não é mais
do que uma pedra que grita

risque por favor
esta palavra

Daiane Carneiro Pimentel

Riscos

Perder

Não é de estranhar que o tempo estilhace inclusive os poemas, matéria maleável, tão pouco calcária. Obras inteiras, como a de Safo, chegaram até nós em pedaços — uma evidência de que, desde o começo, a poesia estaria fadada à falta do verbo? A nós, leitores, resta vagar pelos versos à procura das palavras perdidas, ardendo de desejo por elas.

Esconder

Há silêncios que em versos estão materialmente inscritos, às vezes bordejados por colchetes. Os olhos tropeçam no sinal gráfico em riste, a indicar que o mundo, em especial o dos poemas, é uma carência de palavras e uma exigência de palavras. E há versos de silêncios sutis, camuflados na profusão de letras, vocábulos, frases. Os olhos escrutinam esses versos como crianças vasculham a areia à caça de conchas que sussurrassem segredos indizíveis.

Riscar

A leitura também cria seus silêncios. Talvez ela estilhace os poemas ainda mais do que o tempo. Mesmo quando todas as palavras parecem estar ali, uma ao lado da outra, formando um arquipélago, podemos nos atrever a riscar, a abandonar algumas delas, movidos pelo ímpeto de arriscar nossas cartas no erótico jogo da poesia.

Audre Lorde

Abomé e rua 125

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E NOTA
Stephanie Borges

SELECIONADO DE
Audre Lorde. *A unicórnio preta*. Trad. Stephanie Borges.
Belo Horizonte: Relicário, 2020.

Cabeça curvada, caminhando através da neve
eu vejo você Seboulisa
pintada dentro do fundo da minha cabeça
como marcas de uma akai recém trançada
que mantinha meu sonho fértil no Daomé
e entreguei à terra vermelha em sua honra
aquelas partes antigas de mim
mais preciosas e menos necessárias
meu passado bem guardado
os segredos devoradores de energia
eu me rendo a você como uma libação
mãe, ilumine minha oferenda
de vitórias antigas
sobre homens sobre mulheres sobre os meus eus
que nunca antes ousaram
assoviar na noite
leve meu medo de ficar sozinha
como minhas irmãs guerreiras
que cavalgaram em defesa de seu reino de rainhas
disfarçadas e separadas
dê-me a força de mulher
de falar nessa estação fria.
Metade da terra e o tempo nos separam
como uma rocha partida ao meio.
Um pedaço vive histórias elegantes
colocadas com simplicidade demais
enquanto um sonho no limite do verão
de chuva marrom nos pés de amargosas
conchas de caramujos no quintal
do rei Toffah
trazem-me onde meu sangue se move
Seboulisa deusa mãe com um seio
comido pelos vermes da mágoa e da perda
veja-me agora
sua filha mutilada
rindo nosso nome no eco
o mundo inteiro vai se lembrar.

125th Street and Abomey

Head bent, walking through snow
I see you Seboulisa
printed inside the back of my head
like marks of the newly wrapped akai
that kept my sleep fruitful in Dahomey
and I poured on the red earth in your honor
those ancient parts of me
most precious and least needed
my well-guarded past
the energy-eating secrets
I surrender to you as libation
mother, illuminate my offering
of old victories
over men over women over my selves
who has never before dared
to whistle into the night
take my fear of being alone
like my warrior sisters
who rode in defense of your queendom
disguised and apart
give me the woman strength
of tongue in this cold season.
Half earth and time splits us apart
like struck rock.
A piece lives elegant stories
too simply put
while a dream on the edge of summer
of brown rain in nim trees
snail shells from the dooryard
of King Toffah
bring me where my blood moves
Seboulisa mother goddess with one breast
eaten away by worms of sorrow and loss
see me now
your severed daughter
laughing our name into echo
all the world shall remember.

Stephanie Borges

Como atravessar

Numa encruzilhada improvável, uma das célebres ruas do Harlem desemboca na antiga capital do Reino do Daomé, atual Benim. A primeira viagem de Audre Lorde ao continente africano, nos anos 1970, lhe apresentou imagens, texturas, sabores e histórias que antes figuravam nos livros, ou nas memórias de sua mãe, Linda, para quem o lar sempre foi o Caribe, a Ilha de Granada.

Orixás, voduns, heroínas lendárias e deusas vêm povoar seus versos. Invocações, orações, ladainhas. O passado deve ser abandonado, pois o silêncio não protege. É preciso descobrir a força de falar no inverno. Poema ou ensaio? Conferências, cartas, longos telefonemas para as amigas, diários. Tons, timbres, repetições e insistências.

Desapegar de segredos tortuosos e de ideias antigas do que seria a vitória para que outros sonhos cheguem com o verão, alinhar-se aos ciclos das estações. Travar conversas com entidades misteriosas e pouco conhecidas, combatidas há séculos pelos colonizadores. Encontrar nas guerreiras lendárias do Daomé uma referência para o próprio corpo após a mastectomia. Descobrir como estar em paz consigo mesma, pedir ajuda, reconhecer a fragilidade. Viver com câncer não é uma batalha contra o próprio corpo, mas a redefinição dos cuidados, novo pacto com a finitude e com o tempo.

A vida na diáspora africana é recompor laços, atar nós que podem parecer incoerentes diante de lógicas lineares, fazer convergir até mesmo geografias e temporalidades dispersas. A transformação do silêncio em linguagem e ação faz com que os gestos se alinhem com o desejo, é um modo de encantar a palavra. Se é impossível rastrear linhagens, os fragmentos e vestígios alimentam a imaginação. É no poema que se cria um tempo em que a passagem entre o mítico e o urbano é simples como atravessar a rua.

Liudmila Ulítskaia

A enjeitada

‹fragmento›

TRADUÇÃO

Irineu Franco Perpetuo

NOTA

Maria Carolina Fenati

NOTA DAS EDITORAS

Escritas entre os anos 1980 e 1990, as histórias do livro *Meninas*, entre as quais está “A enjeitada”, envolvem meninas que crescem durante a retomada da vida em Moscou depois da Segunda Guerra. Ainda que possam ser lidas de maneira separada, as histórias se relacionam, com personagens que as atravessam, criando o que a autora chamou de “romance fractal”.

SELECIONADO DE

Liudmila Ulítskaia. *Meninas*.

Trad. Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Editora 34, 2021.

As meninas almoçaram no terraço, depois a avó deixou, devido ao calor, que dormissem no caramanchão, e não em casa. Fênia abriu para elas as camas portáteis e saiu, e então Vika comunicou um segredo à irmã: na realidade, a velha cigana era uma bruxa de verdade, e podia se transformar no que quisesse, e transformar as crianças no que quisesse. E seu cavaleiro manco não era um cavaleiro, mas duas crianças roubadas, Vítia e Churik, que os pais estavam procurando há tempos e não encontravam em lugar nenhum...

Conversavam aos sussurros.

— Se ela quiser, pode se transformar na vovó...

— Na nossa avó? — apavorou-se Gayané.

— Aham. E, se quiser, no papai... — assustava-a Vika. — Veja lá, estão indo — e gesticulou na direção da cerca da *datcha*... Um plano interessante amadurecia em sua cabecinha esperta...

Era ainda o começo de junho. Cachos oleosos e grossos de lilases imiscuíam-se no caramanchão e exalavam um cheiro forte como o da comida quente no prato. Um zangão zunia, grave, devagar e arrastado, e as cigarras na grama quente respondiam com vozes de violino. A vida era tão jovem e tão assustadora.

— Não tenha medo, Gáika — Viktória apiedou-se da irmã assustada —, vou te esconder.

— Onde? — perguntou Gayané, com voz desesperada.

— No galpão de lenha. Não vão te encontrar lá de jeito nenhum — Vika tranquilizou-a.

— E você, vai fazer o quê?

— Vou dar com um pau nela [na velha cigana]! — falou Vika em tom ameaçador, e Gayané não duvidou. Daria mesmo.

Descalças, só de shorts de chita com bolsos grandes na barriga, introduziram-se no galpão de lenha. Vika puxou o ferrolho e fez a irmã entrar.

— Sente aí e não olhe. Quando eles tiverem ido embora, eu te solto.

O ferrolho estalou do lado de fora. Gayané tranquilizou-se: agora estava em segurança.

Viktória esgueirou-se de volta para o caramanchão, cobrindo-se com o lençol até a cabeça. Imaginou como a estúpida Gáika devia estar com medo agora, e também sentiu um pouco de medo. Mas era engraçado. Assim, adormeceu com um sorriso.

Emma Achótovna acordou-a às cinco horas e perguntou onde estava Gayané. Viktória não se lembrou de imediato e, quando se lembrou, preocupou-se. Preocupou-se ainda mais a avó — agitando-se pelo terreno grande, primeiro correu até o banheiro, que era proibido para as meninas, depois foi aos arbustos de framboesa, depois, colina abaixo, à parte completamente abandonada do terreno, rodeada de ripas decrépitas. A menina não estava em lugar nenhum.

— Gayané! Gayané! — gritava Emma Achótovna, mas ninguém respondia.

O grito prolongado, o som do nome, com um talho no meio e uma cauda comprida no final, penetrava sem resposta no frescor da folhagem, que ainda não reunira suas verdadeiras forças. Eram os primeiros dias de calor, quando a resina começava a sublimar e, sobre a terra, após a azáfama primaveril da germinação apressada de todas as ervas e folhinhas, iniciava-se o sossego do verão, e os gritos de Emma Achótovna perturbavam, de forma algo indecente, todo o decoro da tarde, que se encaminhava para a noite.

Viktória achegou-se ao galpão de lenha e puxou o ferrolho.

— Saia! — sussurrou ruidosamente para dentro. — Saia, a vovó está chamando!

Gayané estava sentada entre um velho barril e uma pilha de lenha, comprimindo as costas enrijecidas contra a parede. Seus olhos estavam abertos, mas ela não viu Viktória. E mesmo sem olhar para o seu rosto, Viktória compreendeu. Ela estava fora de si. Gayané, após passar um pavor tão enorme que não cabia em seu corpo de sete anos, estava muito além de suas fronteiras mais ignotas.

Enfiada pela irmã na penumbra sufocante do galpão, Gayané, no começo, meio que cochilou, mas ao sair do cochilo com um movimento oculto perto das têmporas, de repente se descobriu em um lugar completamente desconhecido: traços amarelados de fogo cortavam o espaço em todas as direções, como se ela estivesse encerrada em uma jaula fosforescente, balançando de leve na escuridão marrom e cinzenta. A pobre Gayané teve a impressão de que já tinha sido roubada de algum jeito sobrenatural, junto com o galpão, a pilha de lenha redonda de bétula, o barril, a velha cama de ferro empinada e o monte de instrumentos de jardinagem que ninguém mais utilizara após a morte do avô. E roubada de forma cruel, junto com o tempo, que se esticava como um elástico frouxo, perdendo o fim e o começo. E esse movimento, que passava ligeiramente pela sua têmpora, também tinha relação com o fato de o tempo normal ter se dissipado e ido para algum lugar, enquanto esse novo tempo se movia junto com ela em um nauseante círculo invertido.

“É até pior do que ser roubada”, pensou Gayané, “me esqueceram em um lugar horrível.”

A pontinha do nariz entorpeceu de pavor, formiguinhas de gelo percorreram-lhe a espinha e um turbilhão escuro lentamente ergueu-a, rodopiou-a, levando-a tão fundo que ela achou que estava morrendo.

— Gayané! Gayané! — chamava-a, de longe, uma voz alta e rutilante, parecida com a da avó, mas ela entendia que quem a chamava não era a avó, nem mesmo uma cigana transformada na avó, mas outra coisa, ainda mais apavorante e desumana...

— Gáika, saia! — ela ouviu o sussurro insistente da irmã. — Os ciganos foram embora, foram embora. A vovó está te procurando!

O lugar pavoroso converteu-se no galpão. Raios estreitos de luz penetravam pelas frestas entre as tábuas, e tudo ficou muito simples e feliz na *datcha* de Krátovo; a avó, com o vestido azul de ervilhas, já estava entrando no galpão para finalmente encontrar a neta perdida, e Gayané, voltando a si lentamente, espantou-se com a pequenez e a graça daquele mundo, em comparação com a falta de limites e a imensidão que a recobriram lá, no galpão de lenha, no começo do verão, em seu sétimo ano de vida...

Atirou-se à irmã com o grito “Vika! Vika! Não vá embora!”, e tomou-lhe as mãos. Vika acariciou-lhe as costas geladas, beijou-lhe as tranças rígidas, a orelha, o ombro, e sussurrou:

— O que é isso, o que é isso, Gáietchka? Não tenha medo!

E naquele instante teve a impressão de que estava mesmo defendendo a irmã graciosa e assustada do perigo que se escondia além do portão.

A partir daquele dia, de que Gayané se lembrava tão bem, e que Viktória esqueceria completamente, despertou em Gayané uma rara sensibilidade para tudo o que fosse escuro e inquietante. Era uma sensação especial de escuridão, que ela experimentava até ao abrir a porta do guarda-roupa. Lá, nas trevas, onde faltava luz, havia outra coisa, algo não expresso em palavras, e que tinha se revelado para ela no breu do galpão de lenha. Mesmo a escuridão pequena e aconchegante que se formava quando deslizava a tampa de seu estojo suscitava suspeitas. Experimentava uma sensação similar, ainda que vaga, ao se aproximar da mãe doente. A doença materna também se apresentava como um coágulo de trevas, e ela poderia até delimitar a região da cabeça, do pescoço e do peito onde sentia que a escuridão se concentrava.

Maria Carolina Fenati

Gayané! Gayané!

“Tudo que vive [...] precisa da segurança da escuridão para poder crescer.”

Hannah Arendt

Talvez a paixão pelo escuro venha da memória — tênue, profunda — de como era viver no interior da barriga de uma mulher. Porque dentro de uma mulher é quente e escuro, molhado e escuro, apertado e escuro, vivo e escuro, ruidoso e escuro. As células aprenderam ali quase tudo o que passarão a vida a repetir. Todavia, só muito depois o escuro chega às palavras. Viver é também um modo de enfiar esse escuro nas letras, o que antes deve passar pelo corpo, como pelo da criança adorável que é Gáietchka.

Ela vivia na Rússia e, porque era verão, estava no campo, na claridade do sol. Foi numa tarde que os ciganos chegaram, e com eles o medo de ser roubada e passar o resto da vida enrolada nas saias das mulheres que viam nas linhas da mão o destino de tudo. Ela não queria ser roubada, queria seguir na Rússia com sua irmã, sua avó, seu pai e sua mãe, mesmo que essa, desde o nascimento das filhas, não saísse do quarto, triste e apática com suas longas tranças.

Naquela tarde, escondida no galpão, Gáietchka adormece, mas quando acorda o escuro não desaparece, e sim a rodeia, imenso, terrível, quase total. O escuro torna indiscerníveis o íntimo e o exterior — o pensamento, a sensação de estar viva, o galpão, o tempo presente. Ela tem sete anos e, desde antes, brincava de fazer *sekriétki*, que são buracos na terra feitos para guardar pequenos tesouros que eram papéis de bala amassados, pedaços de

vidro colorido, carcaça de insetos. Nessa tarde, ela era o tesouro escondido no buraco, e ela torna-se o escuro que vê.

Pouco a pouco Gáietchka retorna, o escuro encolhe-se e ela volta a estar no galpão do interior da Rússia. Volta à claridade do sol e ao colo da avó, mas não se esquece — naquela tarde, ela viu o escuro e por isso aprende a buscá-lo nos objetos, nas relações, no rosto da mãe, onde poderia apalpá-lo com seus dedos infantis. Para ela, o escuro cinde a matéria e espreita por toda parte, por ele o indeterminado retorna e qualquer forma é passageira. Naquela criança, o que era temor tornou-se também desejo, e outras vezes ela encontraria o escuro e nele se resguardaria, a ele se dedicaria, porque pelo escuro ela se torna quem é.

Patrick Chamoiseau

A Madame Kéléman

TRADUÇÃO
Raquel Camargo

NOTA
Edimilson de Almeida Pereira

NOTA DAS EDITORAS

Publicado na França em 2014, *Contes des sages créoles*, de Patrick Chamoiseau, reúne “A Madame Kéléman” e outros nove contos. No prefácio, o autor evoca os Contadores como porta-vozes do povo colonizado da Martinica, com narrativas nas quais o convívio com o medo e a violência é inseparável da criação de estratégias para sobrevivência e invenção de outras formas de vida: “Se sua função lúdica é inegável (que solo mais fértil à esperança do que o riso quando se tem de viver de forma infernal?), os contos constituem globalmente uma dinâmica educativa, um modo de aprendizado da vida ou, mais exatamente, da sobrevivência em país colonizado: o conto crioulo diz que o medo está presente, que cada canto do mundo é aterrorizante e é preciso saber conviver com isso; o conto crioulo diz que a força aberta é precursora da derrota, do castigo, e que o fraco, contando com artimanhas, desvios, paciência e espertezas que nunca são pecados, pode vencer o forte ou agarrar o poder pelo colarinho; o conto crioulo mina o sistema de valores dominante, com todas as sabotagens da imoralidade, quero dizer, da amoralidade do mais fraco.”

SELECIONADO DE
Patrick Chamoiseau. *Contos dos sábios crioulos*.
Trad. Raquel Camargo. São Paulo: Editora 34, 2025.

Bo-boua intenção, ô três vezes o conto é belo! Vou sacar aquele da senhorita Kéléman. Ouçam para entender, pois irão escutar como uma mãe, já em desgraça, deu à luz sua décima quarta filha, complicando mais ainda a impossível partilha do nada de comer no cotidiano da família. Essa mãe, para se livrar da filha com fé em Deus, a enviava a cada manhã aos perigos da floresta profunda, em busca de provisões inúteis e, sobretudo, inencontráveis.

Foi então que, um dia, ela lhe pediu: “Ma fi ho, vá lá buscar quatro vinténs de manteiga pra mamãe...”. E fez como se fosse colocar quatro vinténs num caroço de manga (o único porta-moedas que a penúria permite nas bandas de cá). Sem pestanejar, a menina pegou o caroço e partiu rumo à floresta, em direção a lá se sabe qual lugar propício à compra de um pouco de manteiga. Indo, andando, ela passeou por tantos sonhos que perdeu o caminho e não o encontrou mais, nem na frente, nem atrás, nem mesmo na geografia, no entanto tão clara, dos sonhos de infância. À noite, ela topou com uma velha senhora, sentada como só essa idade sabe se sentar, à sombra de uma enorme samambaia. A menina lhe disse: “Manman ho, an pèd latras, Eu perdi o meu caminho”. Então a velha senhora, doce feito mel, a levou ao seu casebre na floresta, um casebre de palha, feito de ossos e penas de pássaros brancos, com um telhado de cocos secos soldados pela baba de aranhas sem teia. Era, em todos os aspectos, um desses casebres de quimbandeira, que, em outros lugares, é chamada de feitiçeira. Mas a menina de nada sabia, pois o que não sabia era de longe maior do que ela. No interior, muito escuro, a chama imóvel de vela imunda iluminava apenas uma cadeira de balanço, onde a velha senhora se sentou rangendo. Foi quando a garotinha gemeu: “Man, fal mwen flo, Mamã, tenho fome”. A velha respondeu com uma voz pastosa de gengiva mole: “E eu, é sede o que tenho, sede, estou sempre com sede! Vá buscar para mim, pois então, um tantinho de água da fonte, depois te darei todo o comer que você quiser...”. A menina fez (pra valer) uma viagem de água que a velha engoliu, gluf! Depois outra viagem, seguida de outras viagens, e quanto mais trazia cabaças de água, mais a velha engolia, engolia, engolia, era de se pensar que sua garganta estava ao sul dos calores de um deserto. No momento da exaustão, a menina gemeu: “Tenho fome, ô tenho fome!...”. A velha senhora disse: “Oo ma fa, quando você encontrar o nome de mamã, mamã vai te dar todo o comer que você quiser, manteiga e até o caminho certo para chegar em casa! Mas, pra começar e antes de tudo, encontre meu nome...”. E em sua arte de desaparecer, se tornou invisível.

A menina permaneceu sob o clarão imundo da vela, com as sombras da cabana vivas ao seu redor, sombras que adquiriam formas e depois se distorciam como véus ao sabor do vento, sombras de olhares sem olhos atraídos pelos medos de sua pele. Quando a luz da vela tremeluziu em cores agonizantes, a menina se desesperou. A cascata de suas lágrimas foi de uma angústia tão grande que uma cobra *grand-bidime* escorreu das sombras. Não era uma cobra qualquer, mas uma serpente enorme e muito grossa que se aproximou com modos de cão adestrado e até roçou a cabeça em suas pernas para lhe tranquilizar (o que, a este que vos fala, não teria tranquilizado nem um pouco, mas, infelizmente, não sou mais criança!). Depois, lhe confidenciou: “Ni yonn dé bèt anba bwa-a ki konnèt non’y, fuyé pala, Alguns animais da floresta sabem o nome dela, procure desse lado”. A menina, apesar da noite, tratou de descer em direção à densa floresta. Nas catedrais de bambu, ela interrogou vinte e dois mil ratos que ignoravam o nome da madame. Caminhou por baixo das folhas aveludadas onde os lagartos papa-vento acordaram ignorando o nome da madame. Escalou os pés de graviola onde gambás-de-orelha-preta interromperam seus banquetes noturnos para se desculpar por ignorarem o nome da madame. E nas águas pantanosas onde mergulhou os tornozelos, sapões e saponas nem sequer pararam seus amores acrobáticos para coaxar sua ignorância do nome da madame. No mais, para ser exato, permitam-me entrar em detalhes: nem *chouval-bois*, nem bichos de fogo em chamas, nem as aranhas-tigres, nem beija-flores guerreiros, nem percevejos-baratas, nem moscas yin-yin e mosquitos, nem mesmo essa lagarta de amor que adora mamar nas mulheres se mostraram sabedoras do nome da madame. A menina, desmotivada, desmaiou perto de uma nascente.

Ora, naquele tempo, os caranguejos viviam no frescor das nascentes, com suas sete mulheres-caranguejos, seus molhos de caranguejinhos e a companhia inesgotável de primos, afilhados e padrinhos-caranguejos. Era bonito vê-los, pois usavam na ponta do longo pescoço, sobre a cabeça alta belos belos chapéus de palha com copa de ovo e abas achatadas. Ô, eles eram bem bonitos os caranguejos daquele tempo, e como a palha da copa do chapéu não lhes abafava a orelha, conheciam muito bem os fuxicos, as bisbilhotices, os disse-não-disse das más línguas, os ouvi-dizer, os boatos, os anúncios fúnebres, as notícias da savana e, até mesmo, o que os brancos-França chamam de bobagens e balelas. E, como a verdade costuma se dispersar nesse tipo de coisa, os caranguejos responderam em coro à pergunta da menina:

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman.

E eles diziam isso girando em torno da água ao ritmo da calinda. Mas com os caranguejos, o inconveniente é que, apesar de seus exuberantes chapéus de palha com copa de ovo e abas achatadas, apesar do longuíssimo pescoço e da cabeça de marechal, eles tinham muito mais patas do que inteligência, e mais pinças do que cérebro. Então, quando a menina pediu também um pedacinho de um comer, a direção do caminho certo de volta para casa ou uma dessas palavras que alimentam a coragem, eles só respondiam:

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman.

A garotinha se cansou dessa história e voltou lentamente para a casa da senhora. Ao amanhecer, a velha chegou-chegando, juntando ao ranger de seus ossos o ranger da cadeira. “Então ma fi”, disse tremelizando, “você sabe o nome da mamã?” “An sav, Eu sei!”, sussurrou a garota. A velha madame interrompeu sua cantiga, encheu um cachimbo e o acendeu, tirou das dobras do vestido as trinta lagartixas frias que aliviam os calores, depois franziu os olhos em fendas, se preparando para saborear essa provação milenar na qual tantos desafortunados haviam encontrado o seu destino final. E sussurrou com uma voz malévola (como já havia feito antes setecentas e sete vezes, seis mil vezes e cento e sete vezes mais): “Se você não pronunciar meu nome, vou te comer aqui mesmo...!”. Ô pavor! A menina perdeu a memória e gaguejou Charlottes, Jeannes, Genevièves, Thérèses, Armansias, Vovonnes, Manottes, Fidelines, Aristophanes e Sidonies, provocando tão somente uma risada sinistra na velha madame, que não dissimulava mais sua verdadeira natureza: uma minhoca parasita de planta formava cachos em seus cabelos, como dentes de boi idoso seus dentes ganharam força, suas unhas formaram garras e os seus pés, faça-me o favor, haviam se recoberto de um corno bífido, cinza e reluzente, chamado de casco pelos Contadores exagerados. Gulosa, ela já ia se levantando da cadeira de balanço, quando a menina gritou em vinte e oito velocidades:

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman.

Ooo! A velha madame rodopiou em torno de si mesma, esperneando como se pequenas centelhas lhe consumissem cada pelo. “Você venceu, você venceu...!” E, de raiva, esmagava lagartixas e serpentes, arrancava bons tufo de cabelo, batia num coração que possuía do lado direito e choramingava pequenos cristais que lhe picavam os olhos. Ela ofereceu à menina todo comer que havia por lá: qualidades de gratinados, fricassês em série, variados caldos de peixe e diversas sopas gordurosas, desfiados e assados de carne. E por fim, lhe disse: “A casa é sua, com tudo que tem dentro dela...”. E enquanto a menina comia — Ô se isso era comer! — a madame Kéléman (era de fato ela, sim, quimbandeira de vícios e feitiçarias, fofoqueira de pinico de mais de um velho zumbi, dama de pelos do rei dos morcegos, e quase segunda servente das cozinhas do inferno, sim, ela sim!) ergueu seu velho cutelo e partiu em represália nos primeiros raios do alvorecer. Os moradores da densa floresta, ao pressentirem sua presença, davam ar e espaço à sua raiva, a tal ponto que em seu caminho não cruzava uma formiga, nem sequer a sombra de uma formiga. Foi somente na savana que ela desentocou um touro de três chifres, chamado Bêf. E sem tribunal nem promotor, ela o acusou assim: “Bêf ho! É você mesmo, tá ouvindo! É você mesmo que sabe, que conhece e que disse que eu me chamo:

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman.”

Mas Bêf retorquiu: “Não sou eu, tá ouvindo! Não sou eu que sabe isso, não...”. Madame Kéléman o encarou dos pés à cabeça enquanto ele tremia feito vara verde. Por pura maldade, ela lhe arrancou um chifre antes de ir embora (é por isso que, hoje, os chifres dos touros não passam de dois). Do outro lado da savana, a madame Kéléman surpreendeu uma mula de cinco patas chamada Milé, que não a viu chegar, extasiada que estava comendo uma grama rasteira. E sem tribunal nem advogado experiente, ela também a acusou. Milé lhe respondeu: “Não, não, não”, numa saraivada só. Por pura maldade com sua inocência, a madame Kéléman lhe arrancou uma pata antes de ir embora (é por isso que, neste exato momento, as mulas são como vocês sabem).

Após uma nova ronda na floresta baixa, a madame Kéléman chegou à fonte onde residiam os caranguejos com seus pescoços extravagantes, suas cabeças cerimoniais, seus chapéus de carnaval com copa de ovo e abas achatadas. Os caranguejos estavam numa comoção só, pois uma de suas mulheres-caranguejos ia ser mãe de uma bela ninhada. Todos se aprontavam para o acontecimento. Alguns se preparavam para ir atrás de uma dessas parteiras que sabem bem como dar à luz. Então, do seu jeito, sem tribunal nem advogado de traquejo, a madame Kéléman os acusou: “Krab ho! São vocês mesmo, tão ouvindo! São vocês mesmo que sabem, que revelaram que eu me chamo...”. Mas, antes que ela terminasse, os caranguejos enfurecidos com aquela falta de respeito, lhe gritaram na cara, espumando de raiva: “Fomos nós mesmos, nós mesmos, bruxa velha! Fomos nós mesmos, cachorra sem dono! Sim, fomos nós, gengiva banguela! Fomos nós que revelamos a canção do seu nome:

A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman
A Madame Kéléman bradiman Kéléman.”

E se puseram a dançar uma calinda frenética que levou a madame Kéléman a uma loucura de raiva e lágrimas, dessa que reduz as rugas, mas dá cabelos brancos. Ela levantou sua espécie de cutelo talhado num ferro de desgraça, afiado na pedra dos desastres, e o tacou badabrá! no grupo de caranguejos. Ô chorem por eles! A sua canção voou pelos ares. Seu chapéu de casca de ovo e abas achatadas se afundou em seu longo pescoço. E sua cabeça orgulhosa, a orgulhosa sim, foi esmagada por uma grande tristeza, e se misturou ao restante do corpo (é por isso que, hoje, os caranguejos não possuem cabeça). Apesar da devastação, o grupo de caranguejos continuou clamando sob o sol o nome da madame. O eco de suas vozes atravessava as florestas densas, escalava as casuarinas, e dali se lançava em direção ao inesgotável firmamento dos ouvidos, dos oradores sem graça, dos reveladores de segredos, dos relatores de casos, e em direção àquela qualidade tão detestável dos que escrevem, e reescrevem, as histórias que permanecem no oco de seus tímpanos.

O nome da madame ficou tão conhecido de todos que ela pensou que nunca mais conseguiria água submetendo os desgarrados ao seu enigma milenar. Em algum lugar de si própria, ao que parece, se misturaram muita mágoa e piedade, raiva demais, e ela se tribuchou, jeito crioulo de se estrebuchar com grande espetáculo, e foi uma pancada tão forte que a terra se abriu como um livro de sofrimento e se fechou sobre ela como uma bíblia do

destino. Essa parte da terra ficou tão insalubre que se vê surgir ali (em horas como essa) a planta espinhosa que os *békés* chamavam de “planta de parar negros” e que cultivavam no tempo da escravidão. A madame desapareceu no momento em que a menina acabava o seu comer. Com uma luz esplêndida, as sementes de encantamento se romperam em torno dela em longas caudas de faíscas. A velha casa de palha de ossos e penas de pássaros brancos se tornou bela, de uma madeira perfumada que só existe na Guiana. Os sapos se tornaram jovens cantores. As lagartixas e as pequenas cobras, negrinhas de olhos piscando em sonhos desapressados. Quanto ao resto, foi tudo riqueza: plantas imortais de inhames e frutas-pães azuis, cristais de lágrimas com promessas de diamantes, sementes de fecundidade, penca de grana pesada que a madame extorquia, tambores-ka que soavam de memória e palavras esquecidas da língua crioula que a madame espremia em cabaças secas para se embriagar ao ouvi-las. A menina, se diz por aí, viveu bem bem contente com a grande cobra que se tornou bom moço. Sua casa é tão aberta a todos que os vagabundos como eu sempre dão um pulo lá depois dos contos para saciar a sede e cantarolar sua beleza.

Edimilson de Almeida Pereira

UmNomeUm À maneira dos contos cumulativos

I

Naquele tempo, o bela viola que vos conta não tinha rugas. A esfinge era uma folha de abre-te-selamos vivendo no alto de uma árvore. Se um sopro de gente não dissesse seu nome — Uó, a tuiuiú comia-lhe o fígado. Antes de seguir o esse-dessa-fábula, um alerta: tudo é feito de fio com viés, revés & música de abelhas na cítara. Aqui se vai saber da menina que indo à floresta cumpriu duas impossíveis tarefas. Na primeira, ordenada pela mãe, matou a Fome da Fome da Fome que assolava o mundo. A menina se esgueirou entre ninhos de mafagafos, cordões de embira e grumos de alho. Ouviu, viu, viu de novo até se perder na floresta. Lá, na folhagem, quase foi morta pela Senhor que se escondia no medo dos bichos. Por conta da tesoura dessa Senhor, temos hoje o touro com duas vírgulas na cabeça e os caranguejos chapéu de ovo com pescoços tão curtos que não podem usar gravatas.

II

Esse que vos conta se lembra que a segunda tarefa da menina era dizer o nome da Senhor presa na casa com telhado de asma. Se não resolvesse o enigma iria para o estômago onde a Senhor colecionava ossos. Esse que insiste em vos contar franze a testa por hábito: se em vez do pássaro chamoi-seau que escreveu essa história, eu-camaleão sem interesse nenhum que não o de emendar mais fio ao carretel, vos contasse outra versão? Silêncio dito é acordo tácito. Digo que a Senhor era a Miséria, o Escárnio — misérrima —,

três ideias suficientes para agoniar o telefone da savana e adoecer os tubérculos. Se nem a samambaia que abria seu mistério na meia-noite de São João ouvia a Senhor, quem havia de? A ninguém-pode sequer a maldizia tamanho o receio do revés. Por isso a Senhor se associou a si mesma como um besouro lustrando a carapaça. Passado tempo e tempo, o que se sabia da Senhor era esta índole: errar seu nome era virar cáfila, acertá-lo era matá-la. Dos bichos plantados e das plantas aéreas somente os caranguejos intuíram que a Senhor tinha um bom coração. Ciosos de sua raiva cantaram o nome Kéléman, a madame que a menina não conhecia.

III

Enfim, esse que se cansa de ter dito o que já deveria ter sido revelado, corta o fio da meada. Há uma festa de ácaros na floresta. É hora de deixar a aranha com sua teia. Se o camaleão se atrasar, quem distribuirá máscaras aos convidados? O fato que vos digo é: sabendo-se Kéléman — Uó, a tuiuiú, uó! —, a Senhor não rugiu, não rangeu. Perguntou à menina qual o seu nome. E eis que lhe surgiu uma terceira tarefa a resolver com o pássaro chamoiseau.

Aníbal Aleluia

Mambo

SELEÇÃO E NOTA
Daniel de Jesus Figueiredo

NOTA DAS EDITORAS

Escrito na década de 1950, o conto “Mambo”, de Aníbal Aleluia, compõe o livro *Mbelele e Outros Contos*, publicado em 1987, em Moçambique. Na “Advertência” — breve nota publicada nos paratextos do livro —, Aleluia conta que escreveu a despeito daqueles que diziam que existia “um substracto orgânico a incapacitar o nativo de fazer ficção”, e com o intuito de contradizê-los. Ainda na nota, ele escreve: “Se o leitor encontrar nestes contos as motivações que me levaram a escrevê-los, numa época em que nós, os filhos de assimilados, chegávamos a crer que a Natureza nos fizera negros por engano, sentir-me-ei sobrejamente compensado.” Para esta edição, mantivemos a grafia das palavras, fazendo mínimos ajustes do uso das aspas que, convivendo com o travessão nos diálogos, nos pareceram excessivas.

SELECIONADO DE
Aníbal Aleluia. *Mbelele e Outros Contos*. Coleção Karingana.
Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1987.

— Toca o batuque, Luíce, toca — gritava de vez em quando o velho Camisa, por entre goladas de *pombe*, incitando o filho mais novo.

Este inclinava a cabeça em sinal de obediência e movimentava as mãos, rapidamente, batendo na pele tensa do tambor. Os ares tremiam. O ritmo alagava o ambiente. Mas Camisa insistia com gestos maquinais:

— Toca, Luíce, toca o batuque...

Zuaquinho, o primogénito, sacudindo com a destra a lata de cacos que servia de maracá, acompanhava com a cabeça o trupitar do tambor.

E os sons vibravam, Zóbuè além: buquitibum! buquitibum! buquitibum!

A'Símbuè, o amigo da casa, sacudia as nalgas em saracoteios senis.

E Camisa sentia o íntimo inchando-se-lhe de orgulho ao ver a perícia com que os filhos orquestravam a batucada; derretia-se ao ver a mulher às voltas com os caris de pipiri e a nora, nédia de gravidez, trabalhando afanosamente.

— Tocai, Luíce, Zuaquinho, tocai — continuava, arregaçando a camisa para fazer ondular o ventre em pregas.

Zuaquinho, vendo o pai com fome de batuque, meteu-se na palhota grande e trouxe um tambor velho que só saía nos dias de grande batucada. Aquilo prometia forrobodó de arromba, como sempre que Camisa resolvia fazer batuque. E os sons dos tambores bombardearam os ares, enchendo tudo de movimento. E do Muese ao Chessa, do Pandatsone ao M'sanga, gentes ávidas de danças vieram apreciar os ritmos enervantes dos tambores, empurrando-se, acotovelando-se, rindo e incitando-se e insultando-se para conseguirem um lugar na vasta sanzala que a multidão tronava pequena.

Mai-Iana, terminada a confecção das iguarias que ajudam a empurrar o *pombe*, substituíu agora Zuaquinho, sacudindo com mestria o maracá e garganteando canções “nhúnguè”. Moças espevitadas começaram a jogar as mãos em palmadas estudadas. E o contágio misterioso da batucada foi empolgando todos os corações, diluindo todas as resistências, vencendo toda a timidez, desnudando todas as almas.

A alegria tornara-se endêmica, volátil.

O sol, já mais baixo, espreitava agora os cumes dos montes orientais através das frondes viçosas do arvoredado lá para as bandas do Nicondeze, doirando poeticamente a poalha que adejava no ambiente sereno da tarde; a

beleza do entardecer era aliciante. As rolas choravam despedidas, empoleiradas no verde brilhantes dos rícinos.

Depois, o sol atingiu um rubro ofuscante e mergulhou, rútilo, numa esteira de nuvens que fechava o horizonte. O céu, lentamente, foi ganhando um tom de cinza leve. E o escuro da noite desbobinou-se com igual vagar, lambendo a terra, aos poucos, até ser substituído pelo branco suave da Lua Cheia.

— Toca, Luíce; anda, Zuaquinho. Bate palmas, Iana. Dança Ana'Ngondo!

— Sim, A'Malunga — respondeu Iana, já certa de que o marido estava bêbado, pois, doutra forma, não teria ousado juntar nisto o nome duma nora, porque é tabo.

Agora, Camisa toscanejava. O *pombe* dominava-o. Minutos depois, reclinava a cabeça ao peito e ressonava tranquilamente.

Os filhos carregaram-no para a palhota grande, deixando os tambores em mão de gente estranha.

* * *

Os moços que empunhavam agora as baquetas vinham da terra fronteira, do chão dos ingleses. Sob a pressão das raparigas, começaram a tocar *macoreia*. Os dois irmãos aprovaram calorosamente porque lhes era mais grato apreciar uma dança feminina do que os rebolados inestéticos e frios do velho A'Símbuè, agora descontrolado pela bebida. Este sentou-se e dormiu.

Começara assim aquela noite que viria a ser das mais notáveis da vida da sanzala. A *macoreia* terminara tarde, quando lá na Missão já se não avistavam as luzes do jardim.

A lua estava muito em cima, quase no zénite. Suas pratas cobriam a terra inteira, rórida de cacimbo. Os vultos dos montes recortavam-se com nitidez a preto no fundo plúmbeo do horizonte. As moças iam-se afastando em correrias por entre os moitais, acossadas pelos baixos madrigais da rapaziada.

A brisa parara por completo. As ramagens dos bosques pareciam cromadas duma prata esverdeada. A mudez das cigarras tornava mais forte o silêncio da noite e a quietude do panorama.

Mai-Iana deitara-se também, ao lado do marido. Como ele, também ressonava. Feliz, sonhava com uma neta gorduchona, dada por Ana'Ngondo. Zuaquinho, satisfeito com a paternidade, oferecera-lhe missanga para adornar os artelhos.

Um sorriso lhe entreabriu os lábios. Mas logo se esvaiu quando sentiu dentro de si algo de inexplicável. Na inconsciência do sono, esse algo era por demais forte para não acordá-la. Era a um tempo doce e penoso, algo mais intenso do que a sede, mais forte do que a fome: era vontade de fumar. A “coisa” fazia-lhe cócegas na garganta. Acordou.

De manso, pôs-se de pé, com muitas precauções, para não bulir com o marido que dormia tranquilamente. Desceu da sua tosca cama e dirigiu-se para um dos cantos da palhota, onde tinha um pouco de tabaco. Tirou dum caixote um jornal de que rasgou um pedaço com o qual enrolou o tabaco.

Feito o *candudo*, acendeu-o e começou a fumar voluptuosamente.

Sentia-se soberanamente feliz. Tinha tudo quanto precisava. Não era como as vizinhas, Zimbas, que não sabiam reconhecer no incisivo central talhado em V a característica mais interessante dos homens. Era gente de melhor raça, uma Nhúnguè, “gente civilizada”. Malunga.

Cuspinhou no chão um pouco por desprezo aos Zimbas, um pouco porque a nicotina activava a segregação da saliva. Limpou o beijo inferior com o dorso da canha e acorcorou-se à beira do leito, sentindo uma grande euforia. Satisfeita a vontade de fumar, quis subir para a cama. Mas recuou: O marido tinha o rosto transfigurado. Dos cantos da boca saía-lhe baba sanguinolenta; o rosto ganhara traços angulosos e duros; os músculos da face crispavam-se-lhe com estremecimentos de espasmo e toda a fronte estava trabalhada por sulcos profundos que ora aumentavam ora diminuía. Estava inundado de suor. Ofegava. Os seus dentes rangiam.

Mai-Iana estava perplexa. Em mais de vinte anos de vida comum, nunca vira o marido assim. O medo mudou-lhe a cutis em pele de galinha. Abriu desmesuradamente os olhos e chamou:

— A'Malunga!...

O homem continuou alheio ao chamamento.

— A'Malunga — tornou a mulher sacudindo-o. Sua voz tremia.

Recuou. Camisa, ao contato da mulher, estremecera. Os bícipes contraíram-se-lhe. Arregalou excessivamente os olhos.

— A'Malunga! — tornara a gritar Mai-Iana, espavorida.

Nisto o velho estrebuchou-se, soergueu-se e tornou a cair na cama em convulsões entremeadas de gritos agudos.

Mai-Iana perdeu a coragem e correu para a porta. Mas já ali estavam os filhos, seminus. Vinham saber a causa do barulho que os acordara.

Mai-Iana indicou-lhes o pai. Os filhos observaram-no, atónitos. Formulavam intimamente muitas perguntas: — “Loucura? Epilepsia? Bruxedo? Ira dos *muzimos*?” E não achavam resposta.

Agora uma crise de coprolalia piorava tudo. Os seus gritos ecoavam no dorso do monte Zóbuè, no silêncio da madrugada. Os vizinhos acorreram assustados. Formaram um grupo de rostos curiosos e amedrontados que espreitavam à porta para descobrir na semiescuridão da palhota a cena que se passava.

O cão da sanzala gania lugubrememente, investindo contra as sombras das mangueiras.

— Andam feiticeiros na sanzala e o cão agoura desgraças — disse Ana'Ngondo ao ouvido do marido.

Este, com um gesto de cabeça, aprovou o que a mulher dizia.

— Isto é complicado, Zuaquinho — disse Luíce.

— Sim. Mas nós não podemos ir consultar um adivinho esta noite. A crise pode agravar-se e, sem homens cá em casa, nada poderiam as mulheres fazer sozinhas...

O outro concordou.

Mas o velho parecia piorar. Agora a língua grudara-se-lhe ao palato. Fazia baldados esforços para falar.

Enquanto todos observavam, perplexos, aquela cena, um desconhecido arredou os que barravam o caminho e dirigiu-se para a cama. Uma vez ali, inclinou o rosto sobre Camisa A'Malunga, quase tocando o seu nariz no do velho e procurando ler-lhe algo nas pupilas. Depois virando para Mai-Iana, disse num tom de voz que não admitia observações: — “Rapé! Tabaco...”

A velha entregou-lhe um punhado de folhas secas de tabaco e uma mão cheia de rapé que ele passou para Camisa. Este arrebatou-lhos das mãos e pôs-se a esfregar com um e outro o rosto, os olhos, os braços, soltando risadas de alegria.

— Este é *nvula* — disse o forasteiro — tem *mambo* de leão.

* * *

Soube-se depois que o desconhecido era um forasteiro que também tinha *mambo-pondoro*. Por isso lhe fora fácil descobrir em Camisa um novo confrade.

A possessão dos *mambos* é um dos aspectos da complexa metempsicose dos Nhúnguès. Por todo este Moçambique nada há que se lhe compare. No sul existe o *mandiqui*; no setentrião há o *ndzuca*. Mas entre os Nhúnguès, além do *malombo*, que corresponde àqueles, existe o *mambo* que não possui equivalente no mundo inteiro.

O que no sul chamam de *mandiqui*, *ndzuca* no norte, *malombo* no centro, é uma dança que teve extensão ecuménica e se encontra documentada na literatura universal. É a “dança de possessão” da etnografia afrobrasileira, que se realiza nos *xangós* do Recife ou nas *macumbas* no Rio. É a dança dos *wes* da Ásia, entre os Karens. É a “dança do *vodú*” entre os “hussi boussales” do Haiti. É o mambo afrocubano (nome que mais deve ser contracção de *malombo* do que transposição de *mambo* tetense e que deve ter influído no mambo, dança de sala). É o “delírio dos Coribantes” milenário, cuja origem, segundo Sanchoanton (citado por Philos de Biblos) remonta à cosmogonia frígio-turânica.

Nesta, um espírito se apossa de um corpo provocando uma crise que remata por uma dança mística. Mas no *mambo*, o espírito é não de um feiticeiro morto, mas de um animal, preferentemente leão ou macaco.

Segundo o forasteiro, Camisa tinha mambo de leão. Era necessário, portanto, no dia seguinte, ouvir um bom curandeiro. Este diria que ritos era necessário cumprir para efectuar-se a “instalação” do leão.

* * *

Após ter-se esfregado com rapé e tabaco, Camisa caíra numa sonolência rápida e deitara-se como se de redor de si não houvesse gente aflita com o seu estado.

De manhã, Zuaquinho e o irmão foram para a terra dos ingleses procurar o adivinho. Este prometeu vir naquela noite.

Chegou quando o luar começava a espalhar-se pelos cumes das serras. Reuniu a família na palhota-grande e consultou um manipanso. Era um boneco de trapos vestidos de missangas e que se movimentava para a direita ou a esquerda, acenando com a mão em gestos de concordância ou não, às perguntas do curandeiro.

— Que é que Camisa tem? — perguntava o curandeiro. — Loucura?

E o manipanso sacudia lentamente a cabeça em sinal de discordância.

— Bruxedo? — tornava o curandeiro.

E o boneco repetia o gesto anterior.

— Mambo?

Então o boneco sacudi verticalmente a cabeça, muitas vezes.

— Camisa tem *mambo* — sentenciou o mago.

Os assistentes mostraram a sua admiração pela sabedoria dele.

E ele, impando de orgulho, continuou consultando o manipanso.

Depois, com ar grave, explicou:

— É preciso organizar o rito da instalação. Comprai uma galinha branca e uma ovelha preta para se imolarem em holocausto ao *mambo*. Tende sempre presente o perigo que correis caso menosprezeis os ditames do leão (porque de hoje em diante, Camisa é leão). Toda a família perecerá às garras do *mambo*, só morrendo o *nvula* em último lugar...

Zuaquinho e Luíce concordaram com humildade.

O curandeiro voltou à sanzala pelo Quarto Minguante. Vinha acompanhado de inúmeros acólitos. Chegara o momento do esperado rito. Camisa ia ser “confirmado”. Os acólitos eram outros tantos *nvulas* de leão ou, em termos etnográficos, “cavalos” de *mambo leão*.

Formaram um círculo, deixando no centro o curandeiro e o iniciando.

A um sinal do curandeiro os tambores começaram a tocar.

Camisa, envolto num lençol, conservava-se quieto. A luz da fogueira iluminava-lhe fracamente as feições abatidas, porque a crise daquela noite lhe abalara o físico.

Os assistentes olhavam para os *nvulas*, mal fitando os olhos no vulto esbelto do curandeiro que os observava com ar imponente.

Quando os tambores ganharam uma vibração mais intensa, dum pulo, o curandeiro atirou-se às chamas da grande fogueira que ocupava o centro da roda. No meio das altas labaredas que por ali se erguiam, ele dançava exuberantemente, aureolado pelas pinceladas rútilas do brasido.

O vibrar das palmadas intensificou-se. O trupitar dos tambores atingiu o paroxismo. O curandeiro espreguiçava-se agora, envolto pelas línguas de fogo que silvavam, sorrindo tranquilamente, até sair da fogueira.

Depois, lentamente, afastou-se para o lado do Camisa, tirou duma caixa de latão que pendurara ao pescoço, uma raiz vermelha que queimou fazendo inalações ao iniciando. Este espirrou ruidosamente, caindo no chão, em seguida, em convulsões.

Os seus gritos vararam a noite, sobressaindo-se dos tons dos atabaques.

A um sinal do curandeiro todos os *nvulas* cercaram o velho. Tinham na dextra rabos de quizumba e na canha pedaços de bambu. Eram estes os instrumentos da contraprova metempsíquica. Mas o mais velho de todos trazia um maço de madeira cravejado de pitões de latão.

Um por um e em diversos idiomas, os *nvulas* desfilaram diante do iniciando, interrogando-o. Mas ele não respondia. Cada *nvula*, que acabava a série de perguntas da praxe sem resposta, afastava-se com muxoxo, indo tomar o seu lugar à roda do círculo.

Quando chegou a vez do *nvula* idoso, Camisa saiu do seu mutismo e respondeu a todas as perguntas, numa língua estranha que só dois ou três dos circunstantes entendiam.

Explicou que o seu *mambo* vinha de terras distantes, lá onde o sol se põe. Que podia ir mostrar onde ele fôra sepulto, na pessoa do *nvula* precedente cujos parentes nomeou.

— A prova! A prova! — gritavam em uníssono os outros *nvulas*, com os rostos carregados, as mãos crispadas.

— A prova — acrescentou um deles — pois há muita gente que brinca com os mistérios da metempsicose...

— Tocai os tambores — ordenou o curandeiro.

De novo começaram os toques dos atabaques, os ritmos das palmas, o coro das mulheres. Agora a animação era maior porque Camisa se erguera dum pulo e dançava. Os seus pés pareciam não tocar o chão. Tão exaustivamente estava ele dançando que uma hora depois caiu derreado.

O curandeiro fez-lhe cheirar a raiz cor de sangue e logo se ergueu de novo para, em seguida, ser derrubado pelos confrades. Era a contraprova. Ele tentou reerguer-se, mas o *nvula* velho assentou-lhe no dorso o maço pitonado, enquanto com a canha lhe batia a nuca com a vara de bambu.

Os outros *nvulas*, com igual sanha, caíram sobre ele e bateram-lhe furiosamente.

Não soltou um grito, um gemido. Cerrou os molares e tapou o rosto com ambas as mãos, sofrendo com estoicismo os azorragues dos confrades. Estes suavam. Outros *nvulas* começaram a abandoná-lo e rodopiaram, entusiasmados pela sua resistência.

— Camisa é *mambo* — gritou por fim o curandeiro, segurando os braços do *nvula* velho. Este suspendeu a pancadaria e respondeu:

— Camisa é *nvula*.

— Camisa é leão — tornou o curandeiro, erguendo ao ar o rabo de quizumba.

— Camisa tem *mambo* — gritaram em uníssono todos os *nvulas*. Então, o curandeiro matou a galinha branca e a ovelha preta e, misturando-lhes o sangue, com ele aspergiu a cabeça do neófito.

As asas da galinha, ao expirar desta, abençoaram o novo *nvula*. Os olhos do carneiro, ao fecharem-se, iluminaram-lhe a alma.

As palmadas esmoreceram.

As fogueiras apagaram-se. Outros brasidos se ergueram fora do círculo para cozerem as iguarias para o festim do *mambo-pondoro*.

A multidão esperava que Camisa voltasse a si para felicitá-lo.

Mai-Iana chorava de alegria ao ver o marido reconhecido como *nvula*. Ana'Ngondo, boquiaberta, estranhava os costumes dos Nhúnguês porque, como Zimba, não compreendia que um morto pudesse penetrar no corpo dum ser vivo visto que o seu lugar é no *cáxice* onde “vivem” os *muzimos*.

Uma única coisa entristecia a sanzala: o *mambo* “queria” que o *nvula* fosse abstémio, mas Camisa não aguentava. O curandeiro prognosticara-lhe por isso um fim triste.

E certa noite, quando descansava queimado de febres que os remédios dos brancos da Missão não conseguiam tolher, Camisa ouviu rugidos de leões. Dormiu. E nunca mais acordou. O *mambo* tinha morto o *nvula* porque desobedecera às suas determinações.

Mas, como era bruxo, Camisa virou quizumba. O *mambo* rejeitou-o.

Daniel de Jesus Figueiredo

Devir leão, devir literatura

A escritura de Aníbal Aleluia dedica-se aos mundos tradicionais situados em Moçambique. O escritor define a si mesmo como um “artesão de cultura” mais do que um “artista de literatura”. Os contos de Aleluia são produzidos a partir da experiência do jornalista, do cronista, do observador de culturas que viajava pelo país entre os anos 1940 e 1960, trabalhando para jornais da capital. Nessas viagens, Aleluia vivenciava o mundo rural que era mantido afastado da vida urbana nos tempos do colonialismo português. Seus contos são uma invenção literária que expressa as vivências em mundos próprios de povos que mantêm suas tradições, elaboradas a partir de ontologias variáveis, que pouco a pouco se reimaginariam no contato com o mundo dos brancos.

“Mambo” apresenta um fenômeno que se encontra em todos os continentes e em diferentes cosmologias, no passado e no presente: refiro-me à mudança de perspectiva entre humanos e animais. No conto em questão, Aleluia descreve em detalhes o processo (inclusive corporal) da possessão, do tratamento espiritual e da transformação em leão, além de uma teoria sobre as especificidades e a transculturalidade da possessão. Parte da afecção que ele provoca vem da relação intrínseca entre o humano e os outros animais.

Entre um homem e um leão, entre a cosmologia e a escrita, entre a observação e a imaginação, este fragmento literário também afirma a possibilidade de uma literatura que performa como antropologia especulativa. Se existe alguma dimensão fantástica e sobrenatural no texto, ela se dá pelo contraste entre a cosmologia dos modernos e as demais cosmologias que há muito excedem a perspectiva mononaturalista da modernidade. Por se dedicar a narrar mundos mágicos tangíveis, a literatura de Aníbal Aleluia embaralha a já antiga separação entre o fantástico, que seria fruto da imaginação irrestrita e abstrata, e o real como mundo da *res*, das coisas e da fenomenologia.

Em “Mambo”, a transformação em leão não é uma fantasia saída de uma narrativa de horror ou de ficção científica, tampouco se dá como uma metamorfose naturalista que se sujeita a revirar as regras do especismo biológico. No conto, a afecção de leão alcança o leitor por diferentes vias: por uma fidelidade literária ao real, pela perspectiva cosmológica dos povos autóctones de Moçambique, e também pela construção de uma literatura capaz de abrir outros horizontes de possibilidades para o real. Como é possível uma pessoa se transformar em leão? No mundo moderno esta pergunta é fantástica. Em “Mambo”, ela é antropológica.

André Capilé

Kuzuela

NOTA
Ana Estaregui

SELECIONADO DE
André Capilé. *Muimbu*. Juiz de Fora: Macondo, 2017.

POEMAS DA NOTA SELECIONADOS DE
Ana Estaregui. *Fazer círculos com mãos de ave*.
São Paulo: Editora 34, 2025.

ó pássaro verdadeiro
ó pássaro sincero

papagaio ê!

seja bem vindo
gostamos de recebê-lo

mas não nos garantimos boas novas

os maridos ainda recusam a voz das esposas
os pais renunciam a voz de seus filhos

nossos avós saíram da raiz faz tempo
mas o tronco resiste apesar dos inventos

esta é a terra e o que se tornou

veja
estamos sempre prontos a nos repetir

viemos a esta terra
comemos desse esterco
em um mundo
que não devia ser tão espalhado
em um mundo
que se distrai por trair ser pacífico
em um mundo
que é apenas um lugar de mercado

uê papagaio uê!

será possível que se instale um vau
que se preciso atravessemos juntos?

e o que virá depois do salto, o óbvio?

de um lesa-majestade ouvi a prece
nem todos voltarão pra casa um dia

até que dê ciência a concha ao molde
é o estéril que engravida o caracol

viemos até aqui
agora chamamos de casa

ó há terra para todos

talvez devesse um elogio
que te fizesse mais feliz

ó há terra para todos

e me escutasse o que rezava
e respondesse cada reza

ó há terra para todos
é de lá meu papagaio

uê que espalha o mundo no lajedo
tão grande, tão poderoso

que não pode vencê-lo a calma
a violência de teu silêncio

quem ousar eiá eu vos digo
enxaguará as mãos pra comer terra

quem ousar eiá eu vos digo
entrará pelo duto ó cu dos céus

e quem ousar eiá que aproxime
mil e um passos contados pra trás

hoje não vou ousar ser tão rude com ele
são mais de mil passos à frente do rei

ó colorido com a tintura do açafão
patrono dos tapetes sem tamanho

esta terra deve ser pacífica
esta terra deve ser prolífica

a terra deve ser boa pra nós
a terra deve nos favorecer

não botamos nossos ovos pra guerra
nós que somos testemunhas do luto

não merecemos castigo
não devemos ser roubados

papagaio ê!
venha ouvir nossas súplicas

papagaio ê!
prestamos homenagens ao senhor

ó pássaro verdadeiro
ó pássaro sincero

seja bem vindo
gostamos de recebê-lo

não ouça amanhã nossos gritos
não nos garantimos boas novas

Ana Estaregui

Três poemas

I.

com a palavra — *terra*
voo a prumo
o mesmo olhar da ave

2.

carrego este pássaro nas mãos
como quem carrega uma palavra irrepetível
— qualquer palavra é sempre outra e jamais
consciente do risco que há — tudo é tênue
ao próprio destino: um coração a bater
carrego-o como quem maneja o fogo
sabendo que pode escapar
como uma música que se dissipa
e pode ser cantada muitas vezes
por muitas bocas

3.

alguém que decida escrever a palavra pássaro
terá antes de atravessar um túnel cheio de sons
afastar os corpos cegos que se chocam no ar
vê-los colidir em anteparos transparentes
precisará certamente riscar
alguns números da lista
aqueles que gorjeiam em exílio
os que são nítidos demais, inertes demais
os que voam muito alto para depois despencar
para colocar a palavra pássaro num poema
é preciso antes abandonar os princípios da leveza
abdicar daqueles que dançam no paraíso
esquecer do próprio voo para que um outro voo surja
maior e mais noturno
deverá primeiro aprender o poema I
o das montanhas para montanhas
aquele cujo texto se conserva em branco
ainda que pese como o céu sobre os ombros

Narrador
João Duruteu Xàj

Como virei pajé

‹fragmento›

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO
Elton Hiku Krahô e Ian Packer

NOTA
Ellen Lima Wassu

NOTA DAS EDITORAS
Esta narrativa foi contada por João Duruteu Xàj, do povo Krahô, a Ian Packer em outubro de 2017, na aldeia Pé de Côco, na Terra Indígena Krahô, no Tocantins. Nela, Xàj conta como adquiriu sua condição xamânica — conversando com os gafanhotos e comendo a mesma comida que eles, Xàj passa a ter uma visão excepcional, com a qual vê e sabe aquilo que ataca os doentes.

SELECIONADO DE
Ian Packer. *Sobre a lenha, labaredas: poética da memória e do esquecimento nas artes verbais krahô*. Tese de Doutorado em Antropologia Social — Universidade de Campinas, 2020.

Foi assim...
Pajé...
Pajé...
Me perguntaram o que foi que me fez assim
o que foi que gostou de mim.

Eu estava andando
estava andando.
Eu tinha saído para caçar
e fiquei com muito medo mesmo.
Fiquei com medo.

Os gafanhotos me cercaram
muitos gafanhotos vieram me cercando.
Eu fiquei vendo
fiquei vendo.
O chefe deles me viu
e ficou lá na frente do caminho.
Ele ficou no caminho.
Eu parei e vi
parei e vi.

Fiz um cigarro e segui
fui na direção deles.
Eles me cobriram todo, mas eu continuei
continuei e parei.
Eles encostaram em mim, então parei.

O chefe me perguntou:
— Oi sobrinho!
Ele falava muito bem mesmo.
Eu respondi:
— Oi!
— Aonde você vai?
— Estou indo caçar

estou indo caçar.
Talvez eu consiga matar algo.

Ele me disse:
— Não, você não vai.
Você não vai não.
Ele me falou.
— Você não vai.
Vou falar com você e você vai voltar.
Fica aqui.
Vou falar com você e você volta para a aldeia.
Eu ouvi e falei:
— Tá bom!

Fiquei ali e eles me cobriram.
Esses pequenos que vocês veem por aqui
esses pequeninhos
e também os grandes.

Então o chefe se aproximou de mim e disse:
— Olha, eu gostei de você.
Eu te vi.
Percebi você.
Fiquei te vendo
e te cercamos.
E você também está vendo a gente.
— Sim, estou com medo
estou com medo
mas não vou para lugar nenhum.

O chefe deles era feio
vocês sabem.
O chefe deles era grande
vocês sabem.
O rosto dele era muito claro
e muito feio mesmo.
Ele foi falando
eu escutei e gostei do que ele me disse.

Eles colocaram alguma coisa em mim.
Então eu vi e enxerguei
percebi tudo como eles.
No meu olho enxerguei tudo
e gostei.
Gostei.

Então ele se sentou comigo na sombra e disse:
— Agora você não esquece.
Nossa comida é essa
nossa comida é essa.
É isso que você vai comer.
Você segue minhas palavras.
Se não, você não vai viver.
Ele falou assim abertamente para mim:
— Você não vai viver não.

Eu já era maduro e escutei:
— Eu já te escutei e não vou desrepeitar não.

Cute hajÿr...
Caj...
Caj...
Cute tahna icukij ampo pê ito hanẽ
ampo pê amjĩ mã ikĩn.

Pê wa ma ityj apu mõi
ma ityj apu mõi.
Ijapõj to apu mõi mã ijujahêr to mõi
cute hajÿr re nã imã pa.
Pê imã pa.

Pêan ra xycxycrê ipê hahêr
hohkêat ipê hahêr to mõi.
Wa te hõmpun to mõi
wa te hõmpun to mõi.
Pêa mã kãm ra cute ipupun par
pêa mã prya kãm ra mam xa.
Prya kãm ra hõ pahhi xa.
Wa ijohuc nẽ xa nẽ hõmpu
ijõhuc nẽ xa nẽ hõmpu.

Nẽ ite xicar ton nẽ ma mõi
ma ijapõj to hyrmã mõi.
Ra cute ipÿm tu wa ma mõi
ma mõi nẽ ijohhuc.
Ite ihtêp nẽ ijohuc nẽ xà

Ma icukij:
— Hàapa japar!
Ihpêr peaj te hajÿr.
Wa cumã:
— Ýhÿ!
— Jũhkãm ca mõi?
— Wa ma apu ijujahêr to mõi

ijujahêr to mõi.
Ahheaj nã ampo cura.

Pêa mã apu imã:
— Ca ha nẽ amõr nare.
Ca ha nẽ amõr nare.
Imãn hiahpuro.
— Ca ha nẽ amõr nare.
Wa ha kãm amã icakõc ca ma apÿ mã mõi.
Ca itar api.
Itar amã icakõc ca ha ma mõi.
Wa ite impar nẽ cumã:
— How!

Cute ipÿm tu nẽ ito xa.
Ihkrare ca mẽ hõmpu ita
ihkryjre itajê
catia ita.

Pêa mã iwÿr mõi tapi xa nẽ apu imã:
— Hã ite amjĩ mã akĩn.
Ite amjĩ mã apupun xà.
Ite amjĩ mã akõt hakop xà.
Wa apu apupu
nẽ ite mẽ apê hahêr.
Ca amjĩ nã mẽ hõmpu he.
— Ýhÿ Imã hupa
imã hupa
mas jũhkãm wa tẽ.

Hõ pahhi ihkêanre
ca jamãn amẽ hõmpu.
Hõ pahhi ca jamãn cati
ca mẽ hõmpu.
Ihkuc jiwry crinare
nẽ ihkêanre hanẽ.
Pêan imãn to mõi
wa ite impar pêa ityj ite tahna amjĩ xõr.

Pêan cura cute mã ampore itajê imã hakjên.
Wa ite hõmpun nê irît
nê ijõ kôpir partu.
Ito kãm ite irît partu
nê imã ihkîn.
Imã ihkîn.

Pêa mã ito jỹ amkrâti ita kãm ito jỹ nê apu imã:
— Hã cormã nê apu gapac tu nõ kãm mã.
Nê mẽ ijõ pàn xà ita
mẽ ijõ pàn xà ita.
Ita ca ha apu ku.
Ca ha ijarkwa mẽ.
Nê hanẽ ca ha nê atir nare.
Hirã cute imãn:
— Ca ha nê atir nare.

Ra ikà tu xan nê apu kãmpa:
— Ra ite apar wa ha nê hajĩr nare.

Ellen Lima Wassu

*guatá**

faz escuro
e no estalo
do fogo
acorda a luz
de mais uma história
que acontece assim

mas escuta bem
escuta

ele conta como é
o que pode gostar
em alguém
o pajé
quando sopra
aquelas palavras
que se repetem sem fim

mas escuta bem
escuta

quando o medo grita
no silêncio do espaço

* “Guatá”, em tupi e guarani, significa caminhar.

guatá
apesar do medo
ficar com medo
sentir o medo
seguir com medo
não parar o passo

mas eu escuta bem
escuta

foi assim
o fogo acendeu
a flor do segredo
em mim
enxergo tudo
gosto de tudo
coberto de gafanhoto
e fumaça
benzer e fazer
fazer e benzer
guatá
o medo está
mas eu não saio
não arredo
não vou a lugar nenhum

escutei com respeito
suas asas
comidas e palavras
ganhei novos olhos
me tornei fruta boa
e com novos olhos e asas
guatá

Sara Gallardo

Eisejuaz

‹fragmento›

SELEÇÃO

Ian Packer

TRADUÇÃO

Mariana Sanchez

VERSIFICAÇÃO E NOTA

André Brasil

NOTA DAS EDITORAS

Escrito em espanhol por Sara Gallardo, *Eisejuaz* foi publicado na Argentina em 1971, pela Editorial Sudamericana, e no Brasil em 2021, pela editora Relicário. O livro tem origem no encontro de Gallardo, em Salta, no Chaco argentino, com Lisandro Vega, indígena wichí chamado Eisejuaz. A crônica desse encontro foi publicada inicialmente em 1968, na revista *Confirmado*, como “A história de Lisandro Vega”. No entanto, como escreve Alexandre Nodari no “Estudo”, publicado na edição brasileira, a voz que Gallardo ouviu demandaria outro registro para reverberar. Um registro capaz de inventar uma dicção para esse corpo marginalizado e brutalizado pelo proselitismo de missionários protestantes, mas também a dicção para um corpo “fora da linguagem”, como sugere Mariana Sanchez, tradutora do romance para o português.

Selecionamos fragmentos que são falas de Eisejuaz, retiradas do livro e exiladas da prosa. Grafá-las em verso responde ao desejo de aproximá-las da palavra cantada, do ritmo da voz; responde também à aposta de bifurcar suas imagens, inserindo a ambiguidade e a variação dos sentidos pela força do intervalo.

SELECIONADO DE

Sara Gallardo. *Eisejuaz*. Trad. Mariana Sanchez.

Belo Horizonte: Relicário, 2021.

Anjo da anta, faça-me
duro na água e na terra
para aguentar a água e a terra.
Anjo do tigre, faça-me
forte com a força do forte.
Anjo do xuri, deixe-me
correr e esquivar,
e dê-me a paciência
do macho que cuida da cria.

Anjo do sapo cururu, dê-me
coração frio.
Anjo do guaçuê, traga-me
o medo.
Anjo do porco, tire-me
o medo.
Anjo da abelha, ponha-me
o mel no dedo.

Anjo do aracuã,
que eu não me canse
de dizer Senhor.

Digam-me.
Venham aqui.
Acendam seus fogos
aqui. Façam suas casas
aqui, no coração de Eisejuaz,
anjos mensageiros do Senhor.

Anjo do tatu,
pra descer bem fundo,
para saber, couro de osso
para aguentar.

Anjo da serpente,
silêncio.

Venham, digam-me,
acendam seus fogos,
façam suas casas,
pendurem suas redes
no coração de Eisejuaz.

[...]

Anjos mensageiros dos paus,
fiquem em mim,

façam seus fogos,
pendurem suas redes
no coração de Eisejuaz.

Angico, sendo
casca faz água-forte,
curte os couros, segura
as vigas do telhado,

eu conheço
teu segredo de semente,
meu pai soube
o teu segredo e o cumpriu,
você levou a alma dele
passear, buscar
seus mensageiros ocultos,
aqueles que curam.

Angico-preto,
este que não lasca,
que nunca rache também
o meu coração.

Angico-vermelho,
este que lasca, rache

o meu coração
para que se abra,
para que receba o Senhor.

Timbaúba
bom pra água,
pra chalanas,
que meu coração saiba
flutuar nas águas do Senhor,
que não pese, que não afunde.

Timbaúba
enfermiço pra fazer casas,
que o coração de Eisejuaz saiba
flutuar sem saúde, sem paz.

Conheço
dois paus que são fogo,
um cipó de folhas miudinhas,
esse com flor, esse *nichauk*.

Esses que são fogo
que venham,
vivam em Eisejuaz,
pendurem suas redes,
ergam suas casas na língua
de Eisejuaz.

Digo ao quebracho-vermelho:
e esse verme?
Digo a ele: e esse branco,
esse grosso como o dedo,
esse que caminha
até o teu coração?

Não era duro como a pedra, você?
Agora entendi como
os anjos mensageiros do Senhor
vêm misturados,

ensinam a viver misturados,
quebracho-vermelho.

Um ano depois de serrado eles
vêm da ferrovia te ver;
contam cento e vinte e oito
buracos de verme
e não te querem;
cento e vinte e sete
e te compram.

E você não é duro como a pedra?
Misturados eles
vêm, ensinam a viver misturados,
anjos, enviados, filhos do Senhor
que é só, quieto,
que vive sempre.

[...]

Amoreira boa,
que não arde,
amarela, que não esquentar
a mão, boa de bulir com fogo,
boa pra cabo de machado,
de martelo, boa pra dormente
na linha do trem.

Freijó, frio na mão.
Pau-branco, que não tem samo,
que não esfarela, que se quebra,
que esquentar a mão.

Pau-amarelo,
que não se quebra
mas que esquentar a mão.

Digam pra mim
por que vem misturado,

por que vem com nuvem,
com sol, o segredo, a palavra
secreta do Senhor.

Guajuvira mensageira
do Senhor,
nunca grande,
aguentadora do vento,
espelho desse guaibi-branco.

Pau-de-lança
órfã de flor,
não me doa, não chore,
não diga “por quê?”

E esse que vai
ficando leve com o tempo,
esse pau poroso,
que não pesa, que o sol
não racha,
bom pra arção, pra serigote,
caça-cabaça.

E esse bom pra estaca quadrada,
bom pra tirantes,
esse ipê.

E esse carvalho perfumoso,
cinchona perfumosa,
cedro perfumoso.

Essa aroeira e esse
quebracho que queimam,
essa amoreira que não queima.

Essa alfarrobeira
que nunca desgasta,
que foi cama de carroça,
carroceria de caminhão,

que é nanica, que não passa
dois homens.

E esse pau-santo
verde,
com perfume,
duro como pedra, amigo
do fogo, que queima molhado.

Curem,
venham, salem, alimentem,
segurem o coração
de Eisejuaz.

Paus, anjos dos paus, cada um
com seu sabor na boca do lenhador,
cada um com
uma palavra do Senhor.

André Brasil

Acordar nos anjos os bichos

Eisejuaz — wichí, indígena matakó convertido ao protestantismo. Eisejuaz, Lisandro Vega, Este Também, o do longo caminho, Água Que Corre, nome de tantos nomes — ele inicia sua peregrinação. Diante do reverendo que pragueja em sua partida, se despede: “ficará grudada no céu da sua boca a língua que quiser me chamar”.

A língua, seu visgo.

O coração, couro de osso.

Eisejuaz encontra aranhas. Como pássaros nas lagoas, como peixes no rio, elas “irão tecer uma rede para pescar os mensageiros e grudá-los de novo no meu coração”. No Chaco argentino, cumpre-se sua peregrinação pelo sonho que a mulher lhe enviou; pela língua, sua teia.

Aquele que, nomeado, nomeia; aquele que, em língua alheia, cria o mundo em que irá peregrinar. Eisejuaz, nascido do trauma, o que tudo perdeu sem nada ter perdido, nomeia os limiares por onde erra.

Eisejuaz reza seu canto-reza: lembra os bichos — a anta, o tigre, o xuri, o sapo, o guaquetê, o porco, a abelha, o aracuã — que habitam os anjos. Ele escuta as vozes do Senhor, que fogem, se calam, não respondem, se multiplicam. “Vão ao cinema.” Clama, sem resposta, e, em meio ao silêncio, inventa a língua em que irá caminhar (como a aranha na teia que ela mesmo secreta). Nela se expande sua ramificada solidão.

O coração de Eisejuaz, onde fazem casas, penduram redes, onde crescem folhas miudinhas. Onde se esconde a teia de aranha, se incendeia, se abre. Coração que não lasca, coração que racha, por onde a fala escoar.

Sua fala não é a do delírio, ela é a precisa nomeação do que rachou, do que se duplica e se multiplica.

Eisejuaz sonha o sonho que a mulher lhe enviou, e reza seu canto-reza. Reencontra os paus que habitam a madeira: angico-preto, angico-vermelho, tambaúba, *nichauk*, quebracho-vermelho, amoreira, freijó, pau-amarelo, guajuvira, guaibi-branco, pau-de-lança, ipê, carvalho, cedro, aroeira, alfarrobeira, pau-santo. Que eles acendam fogo, façam casas, pendurem redes no coração de Eisejuaz; que acendam fogo, façam casas, pendurem redes na língua alheia de Lisandro Vega.

Ao nomear o inumerável, a língua de Eisejuaz povoa a língua que o quer colonizar, que o quer evangelizar — o missionário, o patrão, a polícia —, pelo fogo, pela nuvem, pelo visgo, pela pedra, pela lasca e pelo que não lasca, pelo perfume, pelos vermes, pelo segredo. Para acordar os bichos, os paus, as trilhas, as teias, as redes penduradas, a língua soa outra língua, trabalha por dentro o alheio, retirando dele a nuvem do que não quebra, o pau que é fogo, o fogo molhado.

A reza de Eisejuaz se avizinha ao canto e seu canto se avizinha à poesia: porque a voz que vem de longe, voz cindida pela história, abre seu silêncio aos bichos, aos paus, ao fogo, ao mundo onde vai se mover. O que sai pela boca — da literatura — é essa fala torcida, retorcida, porque nomeia algo sem apagar seu fogo, que se contorce e foge.

A língua-reza-poesia de Eisejuaz retorce a literatura, que inventa e que a inventa. Peregrina por ela — como uma árvore que lembra, vive, se retorce e foge no interior da ruína, da história.

Caístulo e Dani Zelko

Um Texto Caminho

TRADUÇÃO

Coletivo Paqueta

Diana Rosa Delgado Hernández, Érica Diviana Osnas Chocue,
Fernanda Ferreira Dos Santos, Gastón Cosentino, Giovana Pietra
Carvalho de Barros Viga, João Pedro Da Silva Oliveira, Mayara
Alexandre Costa, Mario Rodríguez Torres, Pedro Szozda Correa
Garcia, Sofía Hernández Novoa e Yasmín Viviana San Juan Rojas

NOTA

Mayara Alexandre Costa

Eu me comunico com os animais
através de uma mãe
através das mães falam os animais
a mãe
o que vocês chamam de árvore
é a minha antena
eu peço pra ela
que me ajude a informar
aos seres que querem saber
como aprender.

As mães
se comunicam terrestremente
caminham por debaixo
do coração da terra
cada mensagem das mães
é uma mistura de pensamentos
de todas as mães da terra
parece exagerado
mas é assim

As palavras das mães
são o que nós relacionamos
as raças
os países
podem ter outras línguas
mas são da mesma saliva
não muda
a ponta afiada da filosofia
que traduz o pensamento
que debate o pensamento
e fortalece
as palavras de como pensar

Podemos ter mesma língua
 ou língua diferente
 mas cada língua vem
 das mães que há nesse território
 o idioma é uma música
 que vem de outra música
 e de outra música
 e essa música
 vem de um som
 o som das mães
 de cada território
 como têm diferentes raízes
 falam em diferentes línguas
 movem os ventos diferente

E os ventos se unem
 e se tornam palavras e vozes
 que fazem soar instrumentos humanos
 nós
 ao presenciar
 e nos apresentar
 como protetores de pensamento
 e da cobertura da terra
 e dos seres queridos
 recebemos um texto caminho
 na língua nos unimos.

Olham otahuyej itshätäy
 isej lako tefwaji
 häp ta lhamelh lepak inukwe lako
 lako na
 häp m'ak ta ameyay lhok hal'ä
 häp ta olhämet n'äyij
 wet ot'alhe
 yämthilek ifwelhnoho
 lhamelh ta iwatläk ihanej m'ak
 chik nitäfwel.

Lakolis
 lhämet inuke honhat lach'oye
 inuke ta tumchä
 häp honhat lachulak
 tefwaji lakolis lasilät
 häpe t'at latichunhayahay
 ta nilhokej lhamel ta i'pe honhat
 mahnij chi tok matche
 mat häp ta malhjejtso

Lakolis lhämtes
 häp mak ta n'amelh y'athatwek
 wichil pej
 honhatil pej
 elat wujpe lhayhil
 mat tefwaji t'at lhach'i
 tok w'enhalhamej
 n'ohanhyhayaj ta itshelhäj
 ifwelh oelh latichunhayaj
 wet iwo huseyape n'otichunhayaj
 äp ikhajyen
 lhämtes ta tälho latichunhayaj

Elat lhalhayhi tefwaji
 wok w'enhahamej
 mat olhämet inuphä
 ta tälhe lakolis ta ihi honhat na
 olhayhi häpe ochos
 tälhe ochoslis iyhäj
 äp tälhe ochos na
 wet ochos na
 iche lapak
 häpe lakolis lapak
 ta ihiche tefwaji law'et
 wet ta wujpe lafwetsilh
 layhil w'enhahiche
 w'enhahiche ihwok lhayis

Iwhok lhayis lhaithatwek
 nech'e häpe lhalhämtes wet lhapakas
 ta tumche hin'o t'isan
 n'amelh
 ta y'echehen
 wet n'ahäpehen
 otichunhayaj lewos
 wet n'at'uye m'ak ta i'pe honhat
 wet tälhe lhamelh ta ihi
 n'äyij ta olhämtes tayhinpe
 n'aihutwek lhalhayhi.

Yo me comunico con los animales
 a través de una madre
 a través de las madres hablan los animales
 la madre
 lo que ustedes llaman árbol
 es mi antena
 yo le pido
 que me ayude a informar
 a los seres que quieren saber
 cómo aprender.

Las madres
 se comunican terrestremente
 caminan por debajo
 del corazón de la tierra
 cada mensaje de las madres
 es una mezcla de pensamientos
 de todas las madres de la tierra
 parece exagerado
 pero es así

Las palabras de las madres
 son lo que nosotros relacionamos
 las razas
 los países
 pueden tener otras lenguas
 pero son de la misma saliva
 no cambia
 la punta filosa de la filosofía
 que traduce el pensamiento
 que debate el pensamiento
 y fortalece
 las palabras de cómo pensar

Podemos tener misma lengua
o lengua distinta
pero cada lengua sale
de las madres que hay en ese territorio
el idioma es una música
que viene de otra música
y de otra música
y esa música
viene de un sonido
el sonido de las madres
de cada territorio
como tienen distintas raíces
hablan en distintas lenguas
mueven los vientos distinto

Y los vientos se unen
y se vuelven palabras y voces
que hacen sonar instrumentos humanos
nosotros
al presenciar
y presentarnos
como protectores de pensamiento
y de la cobertura de la tierra
y de los seres queridos
recibimos un texto camino
en la lengua nos unimos.

Mayara Alexandre Costa

Vento no rosto

O material escrito por Caístulo e Zelko nasce de um esforço de pôr em palavras o encontro com a língua de *las madres* (como os indígenas wichís traduzem para o espanhol seu modo de nomear as árvores). Essa língua caminha entre a escuta e a oralidade, se manifesta terrestremente, mobiliza cantos de cura, se move com os ventos e, como diz Caístulo, “pensa a gente”. A nota que abre *Um Texto Caminho* nos conta que Caístulo, guardião desses cantos, vive em um território indígena wichí, entre o Chaco e as Yungas, na fronteira entre Bolívia e Argentina, em uma comunidade composta de casas de adobe e lona, sem acesso à eletricidade. O povoado se situa junto a um pequeno monte, cercado por uma paisagem profundamente modificada pela expansão da monocultura, da pecuária e da exploração petrolífera. Aos oitenta anos, pouco depois do início da pandemia de Covid-19, Caístulo entrou em coma enquanto caminhava pela mata. Onze horas mais tarde, despertou entoando os cantos com as mensagens que recebeu das mães.

Do encontro com as árvores-mães nasceu a publicação de um livro da série “Reunión”, um experimento de escuta e escrita que o editor e artista Dani Zelko iniciou em 2015 para intervir em regiões de conflitos urgentes. Entre 2020 e 2022, os dois — Caístulo e Dani Zelko — se encontraram no monte em quatro ocasiões, quando Caístulo entoou cantos em wichí lhäntes, sua língua materna, e depois narrou sua experiência em castelhano. Zelko registrou à mão, sem auxílio de instrumentos de gravação. A cada pausa na respiração de Caístulo, iniciava uma nova linha, buscando marcar na escrita o próprio ritmo da oralidade e algo da materialidade daquela experiência. Ao final de cada sessão, ambos liam o texto em voz alta e o revisavam juntos.

Esse gesto, que Zelko nomeia “procedimento”, não termina na escrita: quando os textos estão impressos, são lidos em voz alta, num círculo

para o qual são convidados parentes, amigos e vizinhos da pessoa com quem o artista coescreve. Nessa fase, o livro é lido, discutido e editado coletivamente. É um ritual de encontro que põe no centro a palavra, a criação e a escuta como dimensões colaborativas e compartilháveis. As ressonâncias desse encontro continuam na impressão dos textos, na leitura em atos públicos e na distribuição do trabalho nos territórios em que foram escutados-escritos e além. O livro resulta desse processo compartilhado de escuta, transcrição e leitura, devolvendo à escrita uma voz tecida nos encontros.

O fragmento aqui publicado foi traduzido no Brasil pelo Coletivo Paqueletra, projeto vinculado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Desde 2022, o coletivo desenvolve um trabalho colaborativo e artesanal de tradução e edição, buscando construir outras formas de circulação. Os livros e materiais produzidos pelo coletivo são distribuídos gratuitamente. *Um texto caminho* foi traduzido e editado entre bosques e árvores, em encontros que reuniram pessoas de diferentes territórios, etnias e comunidades do Brasil e de outros países da América Latina. Foi uma tentativa de fazer uma tradução que também caminha, encontrando e perdendo as palavras, ou ainda, tentando sentir o vento no rosto de que também fala Caístulo:

Em minha língua
as mães e os pais de que te falo
não se dizem mãe e pai
mas não sei como dizer isso na tua língua
que cada um aprenda do jeito que ouve
deixo no meio
como uma pergunta
uma pergunta como um ventinho no rosto.

María Sabina

Velada

‹fragmento›

TRADUÇÃO

Ana França e Sara Pinheiro

NOTA

Henry Munn

NOTA DAS EDITORAS

Este canto de María Sabina faz parte de *La singularidad de María Sabina*, livro organizado e traduzido para o espanhol por Enrique Flores e Isaac Magaña Gcantón, que reúne, entre outros textos, alguns cantos e o ensaio homônimo de Henry Munn. Na versão em mazateco que inserimos aqui, mantivemos as ocorrências dos colchetes em espanhol, conforme a edição original.

SOBRE A TRADUÇÃO

Ana França e Sara Pinheiro

Para realizar esta tradução, tivemos como guia a introdução do livro *La singularidad de María Sabina*, de Henry Munn, tradutor dos cantos de María Sabina para o inglês. Com uma minuciosa contextualização da obra da poeta-curandeira, Munn nos mostra como durante as veladas — rituais de cura em que entoava seus cantos — Sabina transitava entre mundos, a começar pelas línguas e simbologias: mulher mazateca, ela incorporava ao seu idioma palavras em espanhol e imagens do mundo hispânico, algumas das quais pertenciam ao universo jurídico, como trâmites, licenciada. Assim como o advogado nas sociedades hispânicas é o intermediário entre as pessoas e a Lei, o papel de Sabina, em sua comunidade, era interceder pelo paciente e defender seu caso junto às forças que governam a vida. Ela era, portanto, mulher de lei, mulher médica. Na poesia de Sabina, a linguagem é um trâmite com o sobrenatural, e tem o poder da cura.

Ainda na assimilação das tradições mesoamericanas e hispânicas, a imagem do “livro” se insere no mesmo campo simbólico do papel do xamã: o livro é o compêndio de um conhecimento recebido; em paralelo, Sabina é mulher que conhece, mulher que sabe. A imagem do relógio, também moderna, surge frequentemente de mãos dadas com a figura da águia, emblema mexicano. Uma vez, depois que um homem ingeriu cogumelos com Sabina, ela lhe disse: “Filho, há relógios por todo o seu corpo.” Ele respondeu: “Mas eu tenho apenas um.” “O que ela quer dizer”, explicou sua mãe, “é que você tem muito tempo, você tem muita fortuna”, conta Munn em sua introdução.

Como tradutoras, e portanto também mediadoras das línguas e dos sons, estivemos atentas à tradução fonética do mazateco, fazendo o triplo cotejo com as versões em espanhol e inglês e conciliando, de um lado, a oralidade que compõe os cantos e, do outro, a linguagem da reza. Os estudos de Munn orientaram algumas de nossas escolhas e confortaram nossas limitações, uma vez que algumas das imagens dos cantos são muito antigas, e é difícil saber o seu significado. Lançamos mão do que conhecemos e do que desconhecemos, e assim, fazendo coro com o sincretismo mazateco de María Sabina, chegamos a uma tradução que é, à sua maneira, também sincrética.

CANTO SELECIONADO DE

Henry Munn. *La singularidad de María Sabina*.

Edição e tradução para o espanhol de Enrique Flores e Isaac Magaña Gcanton. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2021.

FRAGMENTO DA NOTA SELECIONADO DE

Henry Munn. “The Mushrooms of Language”, capítulo de *Hallucinogens and Shamanism*, editado por Michael J. Harner. Londres, Oxford, Nova York: Oxford University Press, 1973.

Ó, minha Mãe padroeira, Mãe Conceição [zumbido prolongado]
Minha Virgem santinha, *Santo Rosário*, mãe *Mazatlán*
Meu pai Santo Rosário
Mulher do redemoinho do lago sou, mulher, mulher que espera sou
Mulher que prova sou, mulher pura sou
Ai, *Jesus*, minha Mãe *padroeira*, olha este mundo
Olha como está, mundo perigoso, mundo sombrio
Vou livrar isto, diz, vou colocar no sol para quazar, diz [o cogumelo]
Mulher do cão de caça sou
Minha Mãe padroeira, mãe Conceição [prolongamento]
Minha virgem Madalena, mãe Guadalupe [zumbido]
Pelos seus calcanhares, pelas suas mãos, Pai *Cristo*
Vou ali aonde você cuspiu, *Cristo*
Assim é que vou aí para o céu
Aí, diante da sua vista, diante da sua boca, sua *glória* [hum]
Coração de *Jesus*, que viva, sou mulher licenciada
Sou mulher de *trámite*, sou mulher *mexicana*
Sou mulher da estrela regente, sou mulher da estrela de *Deus*
Sou mulher da estrela do *Cruzeiro*, sou mulher
da estrela do *Cruzeiro* [do Sul]
Mulher pura sou, mulher de *relógio* sou
Mulher águia sou, mulher águia sou
Mulher *licenciada* sou

Aurelio: Trabalha bem!

E mulher de *trámite* sou
Mulher sou que mais homem, Pai *Jesus Cristo* diz
Mulher da estrela regente sou,
mulher da estrela do *Cruzeiro* [do Sul] sou
Mulher da estrela de *Deus* sou, mulher que espera sou
Mulher de estrela cadente sou, mulher *licenciada* sou
Mulher de *trámite* sou, vou ao céu
Sim, *Jesus Cristo* diz
Ali está meu papel, ali está meu *Livro*

Meu *Livro* limpo, meu *Livro* bom
 Vou, porque está limpo para mim, sim, *Jesus Cristo* diz
 Ali está o papel, pois, ali meu *Livro*
 Mulher pura sou, mulher boa sou
 Mulher do cão de caça sou
 Sim, *Jesus Cristo* diz, ai, *Jesus Cristo* diz
 Minha Mãe padroeira, Mãe princesa
 Tenho pensamentos muito bons
 Minha pequena *oração*, minha *freirinha*
 Mulher da estrela regente sou, e mulher
 da estrela de *Deus* sou
 Mulher da estrela do Cruzeiro [do Sul] sou, sim, *Jesus Cristo* diz
 Mulher que faz parar o mundo sou, mulher lendária que cura sou
 Mulher de papel-fuligem sou, sim, *Jesus Cristo* diz
 Ali onde estão minhas pequenas orações
 E onde estão minhas freirinhas
 E vou ao céu, sim, *Jesus Cristo* diz
 Mulher nascida assim sou
 Mulher que assim vim ao mundo sou

Jiñe na patrón-na, na Conceción, [*zumbido prolongado*]
 Chjonnai na tjao-na, santo Rosaurio, na Mazatlán,
 N'ai-na santo Rosaurio,
 Chjon jncho v'atji nia, chjon nca coyania,
 Chjon nca cot'a nia, chjon nca titsje nia,
 Ay jesosi, na patrón-na, coe-nco chon son'nte-vi,
 C'oa coe-nco chon, son'nte xcon, son'nte ña,
 C'oejna libre-nia, tso, c'oejna xi-nia, tso,
 Nca chjon nca niixin nia,
 Na patrón-na, na Conceción [*alargamiento*]
 Chjo nai-na magdalena, na fadalupe... [*zumbido*]
 Ntia sjai ñe ntia ntsai ñe, n'ai Cristro,
 Nca ya-nco nca fia jña nca cav'ečhai Cristro,
 Toc'oa-nco ma-ni nca ya fia nc'ajmi
 Sa'nta nquixcoin, nquintso'vai, nqui gloria... [*hum*]
 Corazón de Jesús, que viva, chjon lacenciada nia,
 Chjon aratamité nia, chjon mexicano nia,
 Chjon niñots'ian nia, chjon niñodio nia,
 Chjon niñocro nia, chjon niñocro nia,
 Chjon nca ti tsje nia, chjon nca relón nia,
 Chjon jatsenai nia, chjon jatsenai nia,
 Chjon lacenciada nia...

Aurelio: Nta tixa coai.

C'oa chjon aratamité nia,
 Chjon yo soy que más hombre nia, n'ai jesocri-nia tso,
 Chjon niñots'ian nia,
 Chjon niñocro nia,
 Chjon niñodio nia, chjon nca coya nia,
 Chjon nca chinjon nia, chjon lacenciada nia,
 Chjon aratamité nia, mi-nia nc'ajmi,
 Jan jesocri-ni tso.
 Ya tijna xon-na, ya quijna libro-na,
 Libro nca titsje-na, libro nca tinta-na,

Mi-nia nca titsje-na, jan jesocri-ni tso',
 Nca ya-nco quijna xon-'ni, nca ya-nco libro-na,
 Nca chjon nca titsje nia, nca chjon nca tinta nia,
 Chjon nca niaxin nia,
 Jan jesocri-ni tso, ay jesocri-ni tso,
 Na patrón-na, na concesa,
 Nca cjai-cjoan tonta tjin-coan,
 'nit cionra-na, 'nti monja-na,
 Monja nca nta tsje-na, Cristro nca nta tsje-na,
 Chjon niñots'ian nia, c'oa chjon niñodio nia,
 Chjon niñocro nia, jan jesocri-ni tso.
 Chjon senqui'nte nia, chjon čhoacama nia,
 Chjon xonntijin nia, jan jesocri-ni tso,
 Ya jña nca tjio 'nti monja-na,
 C'oa jña tjio 'nti monja-na,
 C'oa m-nia nc'ajmi, jan jesocri-ni tso,
 Chjon tocatsin-nia tso,
 Chjon tocaca-nia tso.

Henry Munn

Os cogumelos da linguagem

TRADUÇÃO

Fernanda Regaldo

Os Mazatecas dizem que os cogumelos falam. Se perguntarmos a um xamã de onde vêm suas imagens, é provável que ele responda: *não fui eu quem disse, foram os cogumelos*. Os cogumelos não falam, essa é uma antropomorfização primitiva do natural. Apenas os humanos falam, mas aquele que come esses cogumelos, quando se trata de uma pessoa da linguagem, é inspirado pelo dom da palavra. Os xamãs que comem os cogumelos têm por função falar, são eles os que enunciam e cantam a verdade, os poetas orais de seu povo, os médicos da palavra, aqueles que dizem o que está errado e como remediar, os videntes e oráculos, aqueles possuídos pela voz. “Não sou eu quem fala”, dizia Heráclito, “é o *logos*.” A linguagem é uma atividade extática de significação. Sob o efeito dos cogumelos, a fluência, a facilidade e a precisão da expressão tornam-se tamanhas que nos espantamos com as palavras que brotam do encontro entre a intenção de dizer e a matéria da experiência. Há momentos em que parece que alguém conta o que é para ser dito: as palavras acodem à mente, uma após a outra, sem que precisem ser procuradas; um fenômeno semelhante à escrita automática dos surrealistas, com a exceção de que aqui o fluxo da consciência, em vez de desconexo, tende a ser coerente, uma enunciação racional de significados. Os cogumelos revelam campos de comunicação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. A espontaneidade que eles libertam não é apenas perceptiva, mas também linguística: a espontaneidade da fala, do discurso fervilhante e lúcido, do *logos* em atividade. Para o xamã, é como se a própria existência se enunciasse por meio dele. Assim que os cogumelos ingeridos modificam seu estado de consciência, os xamãs começam a falar, e, ao final de cada frase, dizem *tzo* — “diz”, em sua língua — como uma pontuação rítmica do que foi dito. Diz, diz, diz. É dito. Eu digo. Quem diz? Nós dizemos, alguém diz, a linguagem diz, ser e existência dizem.

Patricio Rago

Tem Macunaíma?

SELEÇÃO E TRADUÇÃO
Ana França

NOTA
Filipe Lampejo

SELECIONADO DE
Patricio Rago. *Ejemplares únicos*.
Buenos Aires: Bajolaluna, 2019.

FRAGMENTO DA NOTA SELECIONADO DE
Filipe Lampejo. *Aquele que brota*.
Belo Horizonte: Chão da Feira, 2025.

A história é a seguinte:

Faz um tempo, um garoto que vendia livros pela internet e cujo nome não vou revelar começou a viajar e a trazer livros do México. Chegava lá, zanzava pelos sebos e comprava títulos que não se conseguiam aqui. Muita temática indígena, antropologia, coisas raras editadas pela UNAM, pelo Fondo de Cultura, pela ERA etc. Com o dinheiro que fazia, pagava a passagem e aproveitava para visitar vários amigos que moravam lá.

Na terceira ou quarta viagem, uma noite, em uma festa, apresentaram-lhe um cara que conseguia LSD no frasco. Então ocorreu-lhe que suas viagens poderiam ser muito mais rentáveis.

Foi assim que tudo começou. Escolhia cinco livros que tivessem folhas de alta gramatura, e molhava de ácido as primeiras cinco páginas múltiplas de sete. Embrulhava os livros em plástico filme e colava um adesivo com o preço que tinha pago.

Em Ezeiza metia-os na mochila junto com outros livros. Despachava todos os demais em duas malas grandes.

Continuou assim por um tempo, viajava duas vezes por ano e trazia 25 páginas de doce, que depois fracionava e vendia em casa, onde funcionava o sebo.

Para fazer o corre, era só encomendar um livro qualquer, ir buscá-lo e, quando estivesse lá, perguntar se ele tinha *Macunaíma* de Mário de Andrade.

Primeiro te olhava, desconfiado, e depois perguntava:

— Quantos você quer?

Você respondia, me dá dois, quatro, dez, quantos quisesse. E ele enfiava, embrulhados no plástico ou dentro de um saquinho Ziploc, os quadradinhos de papel no livro encomendado e te entregava.

Tinha escolhido *Macunaíma* porque era impossível de conseguir e pouquíssima gente conhecia. Nunca aconteceu de alguém lhe pedir o livro sem estar atrás de ácido.

Com o tempo começou a rolar em certos círculos o papo de que tinha um doce surreal que te mandava para o espaço e que chegava em folhas de livros. Às vezes te caía nas mãos uma sílaba, uma letra, um travessão de diálogo, um ponto, ou nada. Algumas pessoas juravam que a viagem batia dependendo do que você recebia. O ponto de exclamação batia mais forte e era o mais alegre; já o de interrogação era mais melancólico e introspectivo, diziam.

A questão é que um dia, em uma das suas viagens, enquanto revirava umas caixas em um velho sebo da rua Donceles, encontrou cinco exemplares de *Macunaíma* na edição de Seix Barral, que pareciam quase novos. Certamente sobras de uma liquidação.

Comprou os cinco, achando graça, imagino, ao confirmar, mais uma vez, que é sempre a realidade que imita a ficção e não o contrário, e trouxe-os, como não poderia deixar de ser, cheios de ácido.

Mas dessa vez ele foi parado no aeroporto. Foi enfiado numa sala e lhe perguntaram o porquê de tantos livros, se ele os tinha declarado. Depois tiraram suas roupas e o revistaram. Abriram a mochila. Olharam os livros. O garoto se assustou, pensou que talvez alguém o tivesse entregado. Por sorte, e antes de acontecer qualquer coisa, a família conseguiu resolver — o pai tinha um contato — e ele foi solto. Não chegaram nem a abrir uma ação. Nunca soube se os caras sabiam quem ele era. Confiscaram os livros — todos, os da mochila e os das malas também —, e nada mais.

Um tempo depois, o mesmo contato do pai contou-lhe que os livros estavam em um depósito da Polícia de Avellaneda. Perguntou se queria recuperá-los. Pedia muita grana em troca. Ele agradeceu e desistiu da oferta, não queria saber de mais nada. Nunca soube o que aconteceu com os livros.

Ou seja, se essa história é verdade, há uma possibilidade mínima de que ainda existam cinco *Macunaímas* cheios de ácido por aí. Por que não? Foi numa dessas que acabaram vendendo-os a algum livreiro. Poderia ser.

Fico imaginando a cena. Um homem mais velho, arquiteto, grande leitor, decide por fim encarar essa obra-prima do modernismo brasileiro. Abre o plástico que conservava o livro, senta no seu sofá preferido e se põe a ler. O homem tem esse costume — como os personagens de *O nome da rosa*, de Eco — de molhar o indicador para passar as páginas. Depois da página 7 e depois da 14 e da 21, o homem começa a se sentir estranho, como nunca antes na vida. Alucina, mergulha no mato, tem longos e absurdos diálogos com criaturas mitológicas, ri sozinho, às gargalhadas, se transforma em peixe, em ave. A loucura dura várias horas. Nunca conseguiu explicar o que pode ter acontecido.

Ou não, e talvez seja necessário que alguém conheça a história, encontre um livro numa barraquinha de algum parque, e já em casa, depois de olhá-lo um tempinho, tire o plástico filme e pegue uma das primeiras cinco páginas múltiplas de sete, corte uma ponta, coloque debaixo da língua e deixe bater altas viagens.

Nunca se sabe.

O cara ainda vende livros, só livros, acho. Só comprei com ele duas vezes, e antes de conhecer a história.

Então talvez algum dia eu vá vê-lo com meu *Macunaíma* debaixo do braço, mostre e pergunte se ele o conhece. Só para ver a cara dele.

Filipe Lampejo

Aquele que brota

Dissolução

Na travessia de uma substância, é provável que surjam tremores, indecisão térmica, soluços de ansiedade, misto de tédio e mistério, cu frouxo e fluidos. Esse estado raramente perdura mais que 1/5 da viagem. Não há o que fazer senão: respirar lentamente, chupar os dedos, engatinhar alongando pescoço e membros inferiores, apontar para um outro caminho e esconder os dentes.

26 de fevereiro

Fizemos uma festa só nós dois. Os efeitos vieram aos poucos, dançamos e os vimos subir. Aviso que vou virando espuma. Estamos pendurados no tempo. A vista do parque nunca esteve tão bonita, o pôr do sol lilás durou uma vida. A eternidade existe e ela muda de cor quando toca Ernesto Djédjé. Faça qualquer coisa e pelo amor de deus não pare de dançar. Fizemos um pacto — aquilo que só nós sabemos, aquele segredo que guardamos dentro do piso.

Efeitos especiais

Minha vida, agora, está dentro deste texto. Escrevo enquanto os efeitos se aproximam e o que registro decidirá como e quem deve se mover daqui. As palavras são vestígio e fantasia. Agora estão — os efeitos — do outro lado da parede: lanternas mágicas, miniaturas em movimento, veludo e poeira. Ainda escrevo. Zuuuum! Me inclino e dou uma espiada em outros efeitos: plataformas giratórias e engrenagens de luz e som, bichinhos — que coisa linda! Galopa um carrossel vivo de cavalos, uma aparição com ritmo e beleza, fazem curvas, brincam com os espelhos. Chuva, fogo, poeira, névoa, sapos. Luz! Muita luz! Muuuuuta luz! Agora sobem pelas minhas pernas, tá frio, tá quente, quente, frio, frio, frio, quente, sei que falta pouco para que estejam na minha boca ziiiiiiuuuuuuuuu. O papel se move e coça com a ponta do lápis, que gostoso, shiiiiiiii, hummmmm, escrevo de olhos fechados: Eles estão aqui, nesta frase, aqui, nesta palavra, ó ó ó ó, viu? A Q U I

Louise Glück

Partilhar com coelhinhos

TRADUÇÃO
Inês Dias

NOTA
Maria Fenati Ribeiro

NOTA DAS EDITORAS
A nota que acompanha o texto de Louise Glück foi montada a partir de um caderno que, durante os quatro primeiros anos de vida da Maria, sua mãe fez com ela. Num café da manhã, quando lhe foi perguntado que nome seria dado ao caderno, Maria respondeu: “A menina que morava na infância.”

SELECIONADO DE
Louise Glück. *Marigold e Rose*. Trad. Inês Dias.
Lisboa, Relógio D'Água, 2023.

Antes da chegada dos coelhinhos, havia um belo jardim repleto de toda a espécie de coisas em flor. As coisas eram todas brancas: a Mãe não era apreciadora de cor. Tulipas brancas intercaladas com campainhas-azuis. Era Primavera. No Verão era diferente; não havia luz suficiente, depois de as árvores se cobrirem de folhas. O jardim dependia das capuchinhas, que a Mãe e o Pai comiam. Era estranho ver o peixe grelhado com manteiga de capuchinha por cima. As gémeas só o sabiam porque a Mãe lhes tinha contado.

Mas, quando experimentamos, disse a Mãe, o sabor é mágico. As gémeas sabiam o que era a magia. Fazia o Sol nascer. Agora sabiam que tinha um sabor, que era o sabor das flores. Mas apenas daquela flor em especial. Das outras, tinham de se manter bem longe, o que era muito confuso. O melhor, pensou Marigold, era manter-se bem longe do jardim, para não correr o risco de se aproximar demasiado de alguma coisa perigosa em flor.

A Mãe e as gémeas estavam sentadas na manta azul. As gémeas achavam a Mãe encantadora. Tinha cabelo suficiente para esvoaçar em todas as direcções sempre que o vento soprava. O Pai era maravilhoso. São umas sortudas, dizia a Mãe, por terem um pai tão bonito; deviam esforçar-se ao máximo para se parecerem com ele. Não dizia nada sobre si mesma. As pessoas com boas maneiras não falavam das suas próprias qualidades. Chamava-se a isso gabar a cesta.

A Mãe fizera uma pausa no seu trabalho de monda. Estava sentada com as gémeas na manta azul que guardavam no barracão precisamente para isto. As gémeas tinham nostalgicamente deitado as cabeças no seu colo. De vez em quando, as cabeças batiam uma na outra. Há muito tempo — era o que recordavam.

Estava um belo dia. A Mãe é que o dissera. O Pai estava fora a contar coisas.

A Mãe não passava muito tempo na manta: era enérgica e determinada. Devia ser por isso que tivera gémeas, pensou Marigold, em vez de um bebé normal. Sabia-se que o Pai tinha querido um peixinho dourado. As gémeas observavam a partir da manta. Continuavam em segurança ali: ainda não sabiam gatinhar.

De maneiras diferentes, adoraram este período. Ainda era possível sentirem-se em segurança. Só perceberam que era isso que sentiam quando o sentimento desapareceu, embora ao princípio estivessem distraídas, como

todos os bebés, com sensações de triunfo. Primeiro gatinhar, depois andar e trepar, depois falar. As roupas deixaram de servir. Os pijamas com pés já não eram adequados. Possibilidades infinitas — algo que ambas sentiram. Depois, uma ausência ou perda. Da segurança, que tinha desaparecido. Mas tudo isto estava ainda para acontecer.

Entretanto, as capuchinhas foram-se. Semicerrando os olhos, conseguiam ver os caules decapitados. Mas não havia vestígios da sua profusão de cores. Rose e Marigold não sabiam isso; nunca tinham visto uma profusão de cores. Teria sido a primeira de ambas.

A Mãe ajoelhou-se, depois levantou-se. A Mãe lutava, apercebia-se Rose, para controlar a inquietação. Está a tentar manter-se calma por nossa causa, pensou Rose, para que continuemos calmas também. A Marigold, pensou ainda, tem tendência para se enervar. Aprende comigo, sou um livro aberto, pensou Rose, embora não o pudesse dizer.

A Mãe percorreu o jardim, reparando nos pontos vazios. As gémeas esperaram por ela na manta. Coelhos, disse ela, quando por fim se sentou. Aparecem num livro, pensou Marigold, mas chamam-lhes coelhinhos. Deve ser o nome deles para as crianças. E ansiou, uma vez mais, pela idade adulta, com a sua vasta carga de palavras.

A Mãe sentou-se na manta. Vai falar-nos sobre partilhar, pensou Marigold. A Mãe empenhava-se em partilhar, como tinha explicado às gémeas. As gémeas não gostavam de partilhar. Cada uma queria tudo a toda a hora. Acontecia o mesmo à Mãe. Não queria partilhar o jardim com os coelhinhos, mas sabia que tinha de o fazer, embora os motivos não fossem muito claros. Ainda assim, colocou armações de arame por cima das poucas capuchinhas que haviam sobrevivido.

Está na hora de entrarmos, disse a Mãe. O Sol começava a pôr-se. Ia ser um belo dia de Verão antes, e agora já tinha sido um belo dia de Verão, por isso estava na hora de regressar a casa.

As gémeas encontravam-se no parque para bebés, sentindo os cheiros quentes do interior da casa. O Pai estava quase a chegar. Um rufar nos corações das gémeas. Ele ia pegar nelas, uma de cada vez, e levantá-las muito alto.

Estamos a medrar, pensou Rose; Rose era sensível ao momento. E Marigold achou que era verdade, ela que conseguia ver longe.

Maria Fenati Ribeiro

A menina que morava na infância

Mamãe, onde é o país da infância?

Mamãe, quantas páginas precisa para fazer uma vida?

Mamãe, aprender a esperar é muito difícil.

Mamãe, às vezes eu choro.

Mamãe, você é minha dona?

Mamãe, quem partiu minha perereca no meio?

Eu já fiz sozinha porque sou cheia de esperança, Mamãe. Também sei que o sapo, a cachorra, a menina, os caracóis e a aprendizagem são todo um coração.

Desde que a cachorrinha morreu, eu vou me sentir para sempre um pouco mais sozinha.

Maria tem medo de altura, a Mamãe não.

Mamãe tem medo de morcego, a Maria não.

A Irmã tem medo de escuro, Papai não.

Papai tem medo de abelha, a Irmã não.

Quando o castelo ruiu, a fada pôde escapar, só que ela não foi para outro castelo, porque todos os castelos ruíram.

Uma coruja pousou na minha janela, disse que queria ir ao banheiro e fomos juntas. A coruja fez xixi primeiro, e depois foi a minha vez. A coruja foi para a janela e eu fui para a cama dormir. A coruja era grande e branca.

Mamãe, eu quero te encontrar no presente.

De noite havia um arco-íris que saía do meu umbigo e se esticava até o umbigo da Mamãe, e o arco-íris tinha cabeça, braço e perna.

— Irmã, diz oi para o futuro:

— Oi, futuro.

Um anjo pega a gente e a gente sobe no sonho. O sonho acaba, a gente fica na cama e o anjo fica no sonho. Quando a gente acorda, vê que era realidade. O anjo do dia já está no céu limpando as nuvens. Hoje eu vi o sonho da Mamãe sair pela cabeça dela, e o anjo do céu veio e mergulhou de cabeça no sonho da mamãe, como se o sonho fosse o mar.

Marcílio França Castro

Iniciação aos números imaginários

NOTA
Ana França

NOTA DAS EDITORAS
O texto de Marcílio França Castro faz parte do livro *Notas sobre a intimidade das coisas*, a ser publicado pela Companhia das Letras em 2027.

[1]

Salto no abismo, caio para as alturas. Uma nuvem desliza, não saiu do lugar. O farol se acende; é escuro e é luz. Alguém sonha que acordou; acorda e está sonhando. Não chego a morrer, não estou vivo. Olhar-se no espelho é tornar-se o espelho — o mais e o menos. Essa vertigem tem uma raiz. Na matemática, chamaram-na de i .

$$\sqrt{-1} = i$$

[2]

Foi Descartes, no século 17, quem apelidou o número de imaginário; julgava-o impossível e indigno. O primeiro a usá-lo com fins algébricos, no entanto, foi Niccolò Tartaglia, um matemático autodidata que viveu em Veneza em meados do século 16. Até então, e desde a Antiguidade, ninguém havia descoberto o que fazer com a raiz quadrada de um número negativo. Trabalhando sozinho, às escondidas, Tartaglia não se tortura com a irre realidade do número. Se é incapaz de calculá-lo, assume-o como interrogação — a ferramenta de que precisa para resolver equações cúbicas. Ao contrário de Descartes, Tartaglia desliza para o mundo obscuro; crê que a matemática pode operar na clandestinidade sem perder o rigor. Ao contrário de Descartes, Tartaglia aceita caminhar às cegas; age como um bruxo que domina o feitiço e ignora sua substância. Pronuncia palavras secretas e aguarda; quer ver o chumbo se converter em ouro. Assim a magia se esconde sob a matemática.

[3]

Negar uma negação é afirmar o que foi negado.

$$-1 \times -1 = 1$$

Negar uma afirmação — ou afirmar uma negação — é manter a negativa.

$$-1 \times 1 = -1$$

$$1 \times -1 = -1$$

Para chegar à raiz de uma negação, é necessário inventar o caminho depois de percorrê-lo. Negar a negação e a afirmação ao mesmo tempo, como o sorriso da Mona Lisa.

[4]

$$z = a + bi$$

O símbolo i foi uma criação de Euler. Euler supõe um conjunto em que cada número z é composto de duas partes que se somam. A primeira corresponde a a , e a é um número real. A segunda é b , que deve ser multiplicado por i . Tal como a , b também é real, mas ao multiplicar-se por i imediatamente se contamina — torna-se tão imaginário quanto o parceiro. É esse um dos poderes de i : encantar os que se aproximam demais. Tocado por i , todo número se torna imaginário. Os conceitos de Euler servem a quem faz cálculos. Do ponto de vista dos que imaginam, porém, estão sujeitos a alguma distorção. Na fórmula, a parte chamada de real é na verdade a que pode ser imaginada; já a parte imaginária conduz a um precipício — onde a própria imaginação fracassa. Ambas integram a mesma ficção.

[5]

No mundo das coisas muito pequenas, dizem os físicos, a chuva tomba no quintal, mas a queda está fora da água. O gato tem as pernas tortas; são tortas sem serem pernas, são pernas sem serem gato. Morangos são verdes, são vermelhos; a cor escapa dos morangos. O menino se chama Pedro, brinca no fundo da garagem; Pedro é uma risada sem menino. O pai está de volta para casa; raspa a garganta antes de abrir a porta, mas não existe porta. Assim é o mundo das coisas pequenas; assim são também as memórias da

minha infância — nas quais sempre falta alguma coisa. Números imaginários substituem com exatidão os nossos fracassos.

[6]

Preferiria não, preferiria não, preferiria não. A sentença é repetida por Bartleby, o escrevente que não escrevia, personagem do conto de Herman Melville. Está prestes a aceitar, prestes a negar; quase recusa, quase consente. Em uma estrada, seria como a cidade prometida, que vai surgir a qualquer momento no horizonte, mas nunca acontece. A indecisão multiplicada por outra indecisão é sempre negativa.

$$\text{I would prefer not to} = \sqrt{-1}$$

[7]

As palavras saem ambíguas do oráculo, em estado de vibração. Digo uma coisa, você entende outra; os pensamentos habitam mundos diferentes. O sentido muda de lado a cada instante — até que alguém entenda o que quer. Na raiz da palavra gira uma dupla de espectros; a ambiguidade é a chave dessa raiz. Sem o desentendimento, porém, não haveria perguntas, e a imaginação se dizimaria.

[8]

Tomo café no balcão de uma casa de lanches da Avenida Paulista. O espelho à frente multiplica meu rosto, e também minhas costas, na mira do espelho de trás. Toda vez que venho aqui, de ano em ano, tiro essa foto no balcão, entre os dois espelhos, com a xícara de café na mão. A raiz da cena é inatingível, o rastro se perde atrás da parede. Um fantasma multiplicado por si mesmo é um número negativo.

[9]

O injustiçado do amor recusa-se a desistir. Afirmar e negar que ama, afirmar e negar que não ama. O x que sofre se alterna com o y que acredita; não se sabe qual é o fator que levanta a cabeça, qual é o que recua. O amor é uma multiplicação em queda.

[10]

Fios de água confluem para córregos e riachos, então para ribeirões, por fim para os rios e os grandes rios, que descem ao mar como os fios de água de onde partiram. Tal é também o desenho das vênulas e das veias, das folhas e ramos que se convertem em troncos e árvores com a mesma nervura. O retorno a si mesmo está nos caracóis, nas tempestades de raios, na espiral das galáxias. No ínfimo e no infinito, a natureza trabalha para manter-se inacabada. Entre os pensamentos, há os que se ramificam, os que se repetem, e estes são os mais persistentes. Os obsessivos, como os fractais, orbitam em torno de i .

[11]

Um unicórnio entra no mundo dos cavalos, os cavalos não conseguirão viver sem os unicórnios. No mundo dos unicórnios pode entrar um cavalo, os unicórnios são superiores e se bastam — cavalos não farão diferença para o seu mundo. Ao se misturarem unicórnios com cavalos, surge um terceiro mundo, que não é o dos cavalos nem o dos unicórnios. Nesse mundo, o cavalo se finge de unicórnio, o unicórnio não sabe se é cavalo. Não há matemática sem cavalos nem unicórnios, mas esses animais são apenas um postulado.

[12]

É da natureza das palavras sacrificar o silêncio. Para existirem, escavam e ferem o silêncio. O silêncio sangra. Com os poemas, no entanto, o ataque é ao contrário. O poema começa a surgir quando o silêncio reage às palavras, investe sobre elas para reaver seu território natural. O silêncio cerca

as palavras, mutila-as, apaga-as — até que sobrem algumas poucas ilhas. Todo poema é negativo; sua raiz é a mesma do silêncio.

[13]

Pense na ondulação da luz. Pense em distúrbios e vibrações no vácuo. Em mensagens criptografadas, nos ruídos provenientes do espaço. Pense no movimento dos furacões. No relevo das cordilheiras. Pense na estrutura das sinapses, na murmuração dos estorninhos. Em como proliferam os vírus, na forma do caos. No descontrole das línguas e das multidões. Pense nas franjas do litoral, nas escamas de uma sereia. Pense na mesquita de Nasir-ol-Molk, nos seus côncavos e vitrais. Pense na geometria das cores da mesquita de Nasir-ol-Molk. Sem os números imaginários, os matemáticos perderiam múltiplos assuntos, seriam privados de viagens e peregrinações. Suas contas seriam bem mais tristes e deselegantes. Sem os números imaginários, não se explicaria o esforço de Sísifo; ninguém intuiria a raiz da melancolia.

Ana França

Da gravidade das coisas

A maçã que recheia, succulenta, as fantasias fundadoras da nossa cultura não é em nada distinta da maçã que cai sobre a cabeça de Newton. É redonda, vermelha, poderia conter bichos, cabe na palma da mão — esta maçã é uma ficção. A queda da maçã sobre a cabeça brilhante de Newton, o fruto fundador de nossa gravidade, de nossa física clássica, tem ares de mito, isso não se nega. Mas suponhamos que Newton não foi atingido em cheio pela maçã, e sim, por acaso, decidiu apanhá-la entre os galhos de uma macieira. Não é um homem brilhante, é um homem comum esfomeado. Morde a maçã, talvez tenha cuspidido fora as sementes. Segue para o seu escritório e rabisca no papel os primeiros esboços de sua teoria da gravidade, que explica as marés, a força que exerce a Lua sobre elas, a trajetória dos cometas. Tivesse sido mais ambicioso, Newton poderia ter explicado, ainda com a Lua, a melancolia dos cães e dos lobos, a variação na agenda dos cabeleireiros; com a maré, o canto dos marujos; e o leve ralentar dos cometas, pesados de tantos desejos, nossa força mais forte de atração. Depois de uns dois séculos, é como se Einstein tivesse mordido uma maçã idêntica, contagiando-se com seu mesmo feitiço, com sua mesma ficção. Ele prolonga o trabalho de Newton, cria o espaço-tempo, enxerga as curvaturas em seu tecido, que se estende como um grande lençol. A física moderna, o terreno mais improvavelmente mágico, consagra nossa ficção maior — o tempo, que faz vivível a vida, tempo que apodrece a maçã, faz morrer e nascer as macieiras, todas elas, junto com os homens comuns, que são todos eles; faz crescer e embranquecer os cabelos, faz amarelar os lençóis, dá o verde e o vermelho da maçã, do morango, da goiaba — o verde é um dos tons do vermelho. Tempo que faz a infância, em que todo morango parece mais vermelho e doce do que era, e o menino Pedro, o menino que fomos e somos, rindo no fundo da garagem, faz malabarismos

com as frutas de casa, diverte-se como pode. São pequenos mundos redondos, manchas coloridas alternando-se entre a mão e o ar, e a cada lance para o alto, são novamente tocados pela gravidade, retornam mais pesados às mãos. Pedro não calcula a queda, o corpo intui a força necessária à dança dos seus planetas diminutos, também ele — nós — arremessado ao ar, suspenso no mundo sem gravidade da lembrança. O pai chega em casa, o gato roça as pernas tortas que, antes de serem suas, são do pai. A mãe procura as frutas no armário, na gamela em cima da mesa da sala, mas não há mesa, nem paredes que formem sala alguma. A mãe vasculha por aí enquanto chama o filho, distraída: “Já é tarde, menino, amanhã você tem aula. Já fez a lição de física?”

Friedrich Hegel

As órbitas dos planetas

‹fragmento›

Excetuando os corpos celestes, todos os outros que a natureza produz — embora sejam perfeitos em seu gênero para exprimir a beleza do universo — não superam a primeira força da natureza que é a gravidade, e perecem oprimidos pela força do todo: porém os corpos celestes, não sujeitos à Terra, levam em si com mais perfeição o centro da gravidade. À maneira de deuses, avançam pelo éter leve, e não há mais sublime e mais pura expressão da razão, nem mais digno objeto de contemplação filosófica que aquele ser vivo que chamamos sistema solar. E aquele elogio, que Cícero atribui a Sócrates, por fazer descer a filosofia do céu e a introduzir na vida e na casa dos homens, ou não merece importância, ou deve ser interpretado deste modo: que a filosofia não pode aplicar-se devidamente à vida e à casa dos homens, a não ser que desça do céu; e que todo esforço deve ser feito para que seja reconduzida ao céu.

TRADUÇÃO

Paulo Gaspar de Menezes SJ
Danilo Vaz-Curado R. M. Costa

SELEÇÃO E NOTA

Aline Magalhães Pinto

SELECIONADO DE

Friedrich Hegel. *As órbitas dos planetas*. Trad. Paulo Gaspar de Menezes SJ e Danilo Vaz-Curado R. M. Costa.
Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

Aline Magalhães Pinto

Por encanto, a filosofia

Muito já se admirou a astúcia da Razão. Todavia ela em nada se compara à feitiçaria da Razão. Endiabrada, penso em Hegel contemplando os corpos que a natureza produz e lançando um encantamento que dá a eles uma beleza que o universo não necessariamente possui. Como uma bruxa às voltas com seu caldeirão, olha o céu à noite, remexe as forças naturais e toma para si *as órbitas dos planetas*. Sem saber se o que vê está de pé ou de cabeça para baixo, lhes confere a própria coordenada do alto e do baixo, transformando a realidade por meio de conhecimentos ocultos. Valendo-se de poderosa malding, Hegel maneja até aqueles corpos que superam a primeira força da natureza que é A gravidade, transmutando aquilo que se compara aos deuses em obedientes manifestações de sua Razão. Quem ousaria negar que a Dialética é o maior dos sortilégios? Se um dia, por encanto, a filosofia desceu dos céus à vida e à casa dos homens, apenas uma magia mais forte pôde reconduzi-la às alturas. Num passe de mágica, a vida comum socrática e o sistema solar se supressumem em síntese orquestrada pelas mãos de um muito talentoso mago e mesmo a Física se curva à Filosofia.

Eu sei, estamos no século XXI, cansados de tudo isso, deste feitiço que, *absoluto*, se virou contra o feiticeiro, e acoitados pelos infortúnios subsequentes. Como Fernando Pessoa disse em já tão batido quanto célebre poema, mais cedo ou mais tarde, morrerá também o planeta girante em que tudo isto se deu.

Plutarco

Sobre os oráculos

‹fragmento›

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E NOTA
Roberta Ferraz

NOTA DAS EDITORAS
Considerado o *omphalós* (umbigo) do mundo antigo, Delfos culmina como principal oráculo do mundo helênico em seu apogeu, entre os séculos VI e IV a.C. Plutarco, escritor e historiador nascido na Queroneia no século I d.C., viveu parte da sua vida em Delfos como sacerdote, dedicando-lhe estudos diversos, entre eles uma investigação sobre as causas da decadência dos oráculos no seu tempo, elaborando uma mediação entre as culturas grega e romana. O fragmento aqui publicado foi escolhido em *Sobre os oráculos*, uma coletânea de três diálogos “délficos”.

SELECIONADO DE
Plutarco. *Sobre los oráculos*. Mallorca: El barquero, 2007.

A faculdade adivinhatória é como uma tábula rasa, privada em si de razão e de determinação, que, por isso, é capaz de receber as impressões e sentimentos ofertados à sua imaginação [...]; produz-se então um transe, motivado pelo temperamento ou disposição ocasional do corpo, entrando no estado denominado inspiração profética. Quando o corpo alcança naturalmente esta disposição, mas na maioria das vezes é a terra a fonte abundante de variadas faculdades [...]. O fôlego ou eflúvio mais santo e divino é o adivinhatório, tanto se se comunica diretamente pelo ar ou se o faz por meio de um líquido. Quando afeta o corpo, provoca nas almas uma disposição extraordinária cujo caráter é difícil de determinar. Parece que, com o calor e sua dilatação, esse eflúvio profético abre certos poros que dão acesso às imagens do futuro, do mesmo modo que o vinho, com os vapores que levam ao cérebro, excita na alma uns movimentos que fazem com que saiam dela coisas que se ocultavam com extremo cuidado.

Roberta Ferraz

Magia, disposição profética, corpo oracular

Diziam que um olho de hiena, colocado sob a língua humana, fazia prever o porvir. Diziam que antes do templo ser de pedra ele foi um loureiro, depois um recinto feito de cera de abelhas, depois um recipiente de bronze forjado nas entranhas. Dizem que, assentado em pedra, o templo chamou a mulher, que se sentasse sobre um caldeirão de três pés e deixasse que à vulva subissem os vapores da terra, a memória dos mortos. Dizem que a memória dos mortos seria esse encontro exato e momentâneo entre os elementos: o suor da terra subiria pelo fogo ao encontro do líquido que ascende em fumo e vapor à vagina da mulher, viajando por seu corpo e chegando à voz que anuncia. Dizem que os mortos se parecem com os deuses porque todo contato com eles é adivinhação, uma predisposição das coisas pelo invisível, que venha de qualquer consideração do tempo. Dizem que o futuro não é só o que está depois mas a história do que já sonhamos e repetimos e seguimos esquecendo. Dizem que um certo marinheiro escutou o eco do lamento quando uma voz mandou-lhe abrasar os ventos repetindo que o Grande Todo estava morto. Dizem que esse lamento perdurou por quase 2 mil anos. Dizem que talvez não haja mais como escutá-lo pois nossas máquinas fazem muito barulho e estamos demasiado ocupados e nossos corpos não sabem que a voz vem justamente daqui. Dizem que o poema da sibila sabia do suor da terra, passando por um útero de mulher ou outra cavidade vivente que naturalmente respirasse a palavra possível e ilegível, uma palavra-corpo que é corpo e palavra ao mesmo tempo, e por isso abriga e deserta.

Um útero como um túmulo.

Dizem que essa voz é capaz de permanecer e ecoar por mais de 2 mil anos. Dizem que se o olho da hiena chegar às danças de origem vegetal teremos como a sibila um tremor voluptuoso do sol em nós, grávidos de sol, como a senhora donzela diante do apocalipse. Dizem que a decadência dos oráculos e de Delfos especificamente começou naquele dia em que descuidamos da graça em transe e sujamos os rios e jogamos veneno sobre os corpos dos nossos mortos. Dizem que o método da loucura é uma procissão da infância e que se deitarmos a carne bem rente ao fogo dos fantasmas dos vivos pode ser que brote um pequeno ramo de hera no teu pulso esquerdo, mudando todo o curso do mundo. E de tua boca, dizem, brotará a revolução, um verso selvagem, tremeluzente, canto herético. Dizem que é o vento no canal do corpo, a flauta do deus Pã, nada mais que um vestígio. Dizem ser a hora em que as palavras plasmam. A esmo, dizem que se inicia a qualquer instante. Dizem que atentas ao que pulsa e fermenta, podemos começar o rito quando sussurro teu nome quente no nume do mundo, no meio do templo de tuas pernas, meu amor, nada mais que um vestígio. E a escuta deste verbo, eflúvio profético, dilata em nós o som que há séculos insiste em não sucumbir. Dizem que é a voz do gozo, nada mais que um vestígio.

Micheliny Verunschik

a bruxa

[em sete movimentos]

NOTA
Sara Pinheiro

I.

é incerta a origem da palavra bruxa

ela [a palavra] escapa à etimologia
como a poeira que se espalha
iluminada pelo sol
alevantada pelo vento

ela [a mulher]: chama e ventania

2.

sabe-se ainda que quando morrem as bruxas
suas almas batem asas
nos corpos das mariposas negras
não por acaso também chamadas de bruxas.

um
dois
três

conjuro:

a palavra
que persiste.

3.

é sabido que bruxas gostam de homens
e os devoram aos montes
mas o homem
o macho
em sendo o masculino

é uma espécie cosmopolita
e não ameaçada de extinção.

4.

dançam em noites como esta e voam: as bruxas

ldizem que são sensíveis. dizem que sangraml

5.

em menina
quis sobrevoar como elas
o sonho da noite
e pintava meus olhos
com a sombra
matizada de negro
das asas das mariposas.

mariposas não são borboletas de fino trato.

quem tomará a mão de uma bruxa como esposa?

6.

(esposa é uma palavra feia
e não foge à etimologia
como não deve fugir a prometida
ao homem que a bruxa deveria devorar).

7.

em menina
quis correr pelas campinas
nua

e levantar voo
nua

e erguer meu nome
nua
sob a força
do meu próprio encantamento

eu mesma bruxa palavra mariposa.
eu mesma dona do meu próprio assombro.

e por isso ardo
e me espalho
poeira
cardo roxo
palavra que abre asas
mariposa.

ou bruxa.

Sara Pinheiro

Conjuração com a bruxa

I.

De menina,
ela [a palavra] entrará no meu quarto-crisálida
e pousará seus olhos-asas em mim.

Voo com ela [a palavra-mulher]

2.

Sabe-se que o três é um número mágico
Três são as faces de Hécate
Três, o tempo: passado-presente-futuro
Três, o conjuro: pensamento-voz-ação

3.

Do latim *conjurare*; junção do prefixo *com* e do verbo performativo
[(aquele cuja ação é realizada por meio da pronúncia
[em voz alta) *jurar*:
aliar-se a alguém ou
rebelar-se;
chamar, invocar forças sobrenaturais, fazer feitiço.

4.

Se ela não devora e jura
fidelidade ao homem
e, para ele, perde seu próprio nome: mulher-esposa.
Mas se escapa e dá seu nome à mariposa,
a mulher voa e conjura
três vezes nua: ela [a palavra-performance]

5.

De menina,
olhava as mariposas negras que pousavam no meu quarto.
Suas asas eram almas,
os olhos da coruja o couro da cobra a mulher
[que se transforma em onça.

Assim se escapa da ensimesmada origem.

6.

Também me maquie com ela [a palavra-metamorfose]

7.

É sabido que o sete simboliza uma transformação,
um ciclo do conhecido ao desconhecido,
um movimento preciso e incerto:
poeira que se espalha,
cardo roxo na campina
palavra-mulher-conjuração

bruxa bruxa bruxa

o.

contorno do vazio
repouso
qual larva rompe a casca deste ovo?
me largo

e Circe assim me fala:
à sua unidade
acrescento este círculo mágico
o lado de lá da soma
não é senão o nada — multiplicidade

largo-eu

Nahual

Urganda e sua ciranda de formas
lagartas devoram o jardim da casa

Povoado com elas [as palavras: ritual]

Maria Carolina Fenati

Janelas

NOTA

Maura Lopes Cançado

NOTA DAS EDITORAS

O fragmento de Maura Lopes Cançado que acompanha o texto “Janelas” foi escolhido por nós, editoras, com a preciosa ajuda de Anna Flávia Dias Salles, que, durante o mestrado, estudou a escrita de retratos e autorretratos nas publicações dessa autora. O trecho selecionado foi publicado em *Hospício é Deus, Diário 1*, autobiografia escrita por Maura Lopes Cançado entre 1959 e 1960, em uma das vezes em que esteve internada em instituições psiquiátricas. Deste mesmo diário, também recortamos: “— [...] Maura, super Maura, hiper Maura, Mauríssima, Maura de Todas as Coisas e de Nada, Solene e Vaga, Longe e Presente: enamo-re-se sempre mais dos seus olhos, das suas pernas, dos seus seios, cabelos. Enamore-se cada vez mais — o resto é mentira.”

FRAGMENTO DA NOTA SELECIONADO DE

Maura Lopes Cançado. *Hospício é Deus, Diário 1*.

Rio de Janeiro: José Álvaro, 1965.

REFERÊNCIA PARA A PESQUISA

Anna Flávia Dias Salles. *Retratos em abismo:*

Poses e posses do diário de Maura Lopes Cançado.

Faculdade de Letras — UFMG, Belo Horizonte, 2017.

Tia Nena era muito bonita e as crianças quase a amavam, e também se assustavam porque no seu rosto havia uma fenda que a arruinava. Eu era uma das crianças que corriam ao seu redor, e via quando ela abria as janelas para o sol e o vento, tornando o seu quarto amplo e luminoso, arejado e distante dos outros quartos da casa da minha avó, que eram organizados como a antessala de uma sacristia. Eu também via a minha tia sacudir os bolsos para que deles despendesse o que fosse precioso — as suas poucas joias, o amor da minha avó, a nossa intimidade, os seus cadernos —, e ela então ficava oca e solitária, rangendo os dentes, apartada e ávida pelo que lhe faltava. Tia Nena é uma figura da minha infância, uma estrela explosiva ao redor da qual gravitou o meu imaginário, e depois eu a perdi porque a loucura a engoliu. De quando eu era bebê até os doze anos, enquanto brincava no quintal da minha avó e crescia entre os jogos familiares, nesses anos de formação, a minha tia esticou a corda da minha imaginação, exigiu o meu testemunho, foi exuberante, violenta, amorosa — e desapareceu.

Quando a conheci, o seu quarto ficava no segundo andar da casa, com duas janelas de madeira que ela escancarava nas manhãs de sábado. Ela tinha um aparelho de som e muitos discos, e nós escutávamos música juntas. Ela dançava, às vezes ficava nua, fumava quase constantemente, a fumaça do cigarro saindo da sua boca grande ou do cinzeiro. Eu a olhava do canto do quarto, sentada no parapeito da janela, deitada no chão, desenhando nas folhas timbradas do escritório de advocacia em que ela trabalhou antes de surtar pela última vez. Eram manhãs imensas, fazíamos quase nada, nos divertíamos enquanto os nossos corpos, primeiro o dela e pouco a pouco o meu, se acendiam de um erotismo suave, tocados pelo sol, vistos uma pela outra. De vez em quando ela se abaixava e comentava o que eu desenhava, coloria um pedaço, sugeria uma imagem: “E se aqui coubesse um foguete?” Ela se deitava ao meu lado e ouvíamos o som da cozinha, a minha avó dedicada às tarefas da casa. Eu vivia a sensação de infância, e tia Nena não sei o que sentia.

Da porta do quarto dela para fora, era outra casa — não havia música, ninguém dançava, a higiene era exigida com rigor por minha avó, que, quase sozinha, cuidara de oito filhos nascidos no intervalo de dezesseis anos. Quando eu era criança, a casa era grande porque quase todos os filhos já não moravam nela, e haviam ficado apenas minha avó, meu avô e minha tia. Era uma casa com alpendre, quintal e uma sala de visitas onde se guardava

a pouca prataria da casa, que para as festas de final de ano era desempoeirada junto com a árvore de natal. Na casa da minha avó, o cheiro era de desinfetante, as toalhas eram ásperas, cada coisa contida na sua função e no seu lugar, e, ainda assim, eu sentia soprar uma brisa leve, a fumaça das panelas no fogão e o som do rádio da cozinha, o ritmo estruturante dos dias. Era uma casa com muitas janelas e portas, pelas quais eu corria, brincava e me escondia, uma casa na qual minha avó me concedia uma infância ampla e não vigiada.

No quarto da minha tia, também vi pelas frestas o seu adoecimento e a sua violência — as janelas eram fechadas, às vezes por dias, a minha avó batia na porta para entregar comida, que ela aceitava ou recusava sem dizer nada. Quando ela abria a porta, ou quando vinha para fora um pouco, eu via o seu rosto desfigurado — raivoso, violento, triste, contraído, sobretudo distante. O cheiro a loucura, remédios e cigarros, que impregnava o quarto da minha tia em qualquer época, naqueles dias impregnava até o corredor. Nós esperávamos; e também forçávamos a porta para que no quarto entrassem os irmãos, acolhimento médico, enfermeiros que a levariam para o hospital. Quando a levavam embora, a minha avó abria as janelas, recolhia a sujeira, e eu ia com ela. Não havia música, talvez houvesse sol, e limpávamos até que o quarto ficasse como o de uma hospedaria, com os lençóis frescos e brancos, o chão varrido, as prateleiras organizadas. Depois saíamos e não voltávamos.

*

Na casa da minha avó, tia Nena era uma ilha, flutuava sozinha, aproximando-se ora do arquipélago dos adultos, ora do arquipélago das crianças. Entre os adultos conversava sem que nós pudéssemos participar, trocava dinheiro, organizava os remédios, dava conselhos e fumava. Do arquipélago das crianças, ela se aproximava quando queria brincar, sabendo que assim nós, crianças, não a abandonaríamos. “As crianças enlouquecem em coisas de poesia”, escreveu Herberto Helder, e era assim quando ela ficava conosco no quintal e inflava nosso imaginário com a sua voz, os seus objetos, a música quase contínua, o respeito conosco e a curiosa ordem que a regia. Eram dias e noites, até que ela começava a se afastar, o seu sopro enfraquecia e os jogos e as brincadeiras desinflavam, enquanto a ilha que era o corpo dela flutuava para longe de nós. Eu sabia que começava o seu naufrágio e fantasiava maneiras de resgatá-la — queria que viessem os médicos raros ou as próprias feiticeiras, que poderiam brotar dos meus sonhos e encarnar no nosso quarto para cuidar da minha tia, com as suas ervas e línguas. Eu mesma, pequena e também um pouco maior, tentei muitas coisas, e cozinhei para ela, pedi que ficasse comigo

tomando sol, rezei baixo e rezei alto, inventando palavras para deus e repetindo-as — “que ela não esqueça de ouvir música, amém”, “que ela escreva o que está enrolado no pescoço dela, amém”, “que ela sente à mesa na hora do jantar e coma, amém”, “que ela pare de gritar no ouvido da minha avó, amém”, “que as estrelas desenhem um cachorro no céu para ela rir, amém”, “que a sua fúria não a destrua e desabroche para fora em forma de pessoa, amém”. A minha tia estava doente como diziam e também não estava porque não havia quem a pudesse curar. Porque, naqueles anos, retirá-la do que chamavam loucura era fazê-la dormir, dopá-la, interná-la e assim matá-la; abandoná-la na loucura era matá-la também, ou permitir que ela o fizesse. Ela vivia numa linha tênue, desequilibrando e voltando ao fino fio que a sustentava, até que as tantas internações e remédios fizeram com que os sintomas ficassem soterrados sob os efeitos colaterais do tratamento.

Quando passeava na casa dos meus colegas do jardim de infância, espreitava o rosto dos adultos e me perguntava quem seria a pessoa adulta e louca que eu supunha viver em cada casa. As crianças não podiam ser loucas — a loucura era um risco do crescimento. A minha tia me dizia que, quando já ganhava o próprio dinheiro, ela tomou uma coca-cola e sentiu a cabeça expandir até explodir. Ela estava muito longe, foram buscá-la porque já não conseguia voltar para casa e nunca mais a cabeça dela deixou de expandir e explodir. Desde então, ela vivia na casa da minha avó, tomava remédios para se acalmar um pouco, ainda que de vez em quando, de repente, a cabeça dela voltasse a expandir e explodir. Eu me perguntava quem seria o louco das casas dos meus amigos, e se essa pessoa apareceria para mim ou se usaria um disfarce, como aquele que usava a minha tia quando íamos de ônibus para o centro da cidade comprar coisas com os camelôs, e se um dia jogaria as poucas joias da casa no lixo, como a minha tia, ou se talvez faria coisas que eu nunca vira, como comer pedaços descascados da parede ou os próprios cabelos. Quem sabe tocaria violão e saberia cantar. Eu me perguntava também como seria o quarto do louco da casa, se nele haveria uma luneta apontada para o céu, como no da minha tia, se haveria sol e fumaça de cigarro.

*

No futuro, vamos morrer e ser enterrados no quintal. Um de nós cavará o cimento e do lado da árvore de jaboticaba deitará o corpo morto do meu avô, e assim será com todos e cada um: mortos e enterrados no quintal junto com uns poucos amuletos que preferimos não abandonar. Enterrados, formaremos um círculo que nos unirá pelos pés, e por cima de nós serão

plantadas muitas ervas e árvores que nos devorarão com suas raízes, até voltarmos a brotar no quintal, na forma de uma pequena floresta. Pode ser que os vizinhos também queiram estar conosco depois de mortos e se enterrem a seu modo e ao nosso lado. Nossa floresta crescerá pela vizinhança, e nela outros bichos poderão voar e ter filhos, descansar e brincar, cantar e morrer. Quando muito tempo tiver passado, ninguém desconfiará que embaixo das casas estão os nossos ossos, dentes, cabelos, fragmentos de amuletos. Quando um dia alguém quiser transformar aquela terra em outra coisa, cavará por baixo das árvores até nos encontrar — nós seremos como os mamutes e os humanos de Santa Lucía, encontrados secos, ordenados, reduzidos, embaixo de muita terra.

*

Há anos queria escrever sobre a minha tia, sobre mim e ela, e adoraria que deitada no quarto dela tivéssemos também escrito a nossa história naqueles papéis, com frases curtas e desenhos, ou que tivéssemos guardado o que escrevemos e já não lembro. Enquanto escrevo para ela, a partir dela, uma língua infantil brota na minha boca e escuto o vocabulário daqueles anos: vassoura, quintal, boneca, iogurte, canetinha, tatu-bolinha, pesadelo, escada de madeira, entregador de refrigerante, jardim, rádio da cozinha. A língua de adulta se aquece com a língua infantil, talvez porque foi quando criança que convivi com tia Nena, tendo ela orbitado, como presença e como fantasma, as bordas das brincadeiras, a mesa de almoço, o imaginário e a gramática da minha infância. Talvez porque, para escrever sobre ela, não me sirvam as palavras organizadas e densas com que ela e o nosso vínculo envelheceram. Escrevo com os olhos que viam na altura da cintura da minha avó, e com a minha tia por perto, habitando a casa e as imagens, soprando nelas a sua solidão. Quero confiar que o sol no quarto da minha tia entrou nos desenhos que eu fazia, e que continua a entrar enquanto escrevo. A minha língua de criança, doce e solta, solta a minha língua de adulta — escrevo e repito.

*

Quando comia, tia Nena fazia muito esforço para mexer os lábios, parecia mastigar vigas ou outras estruturas imensas, espatifando-as com os dentes para engolir. Comia tudo e até os próprios lábios, a boca crescia e ela curvava-se, apoiando os cotovelos na mesa, vergando-se sobre a travessa. Enquanto falava, a sua voz era lenta e úmida, um barro com que ela moldava figuras muito complexas antes de cuspir. Ela alongava sílabas aleatórias, fazia

pausas, interrompia as frases e não temia a violência — as suas palavras eram também flechas com as quais ela furava os nossos ouvidos. A boca da minha tia era um músculo mole e feroz, era o que eu pensava olhando para ela, e nas histórias que inventava eu lhe chamava: Louca Gulosa da Boca Mole, Maluca da Boca Torta, Tagarela da Boca Pesada.

Os sete irmãos da minha tia também têm boca grande, como teriam talvez os bebês que a minha avó não teve porque morreram antes de nascer. A boca da minha tia era imensa, a sua coreografia exagerada, e as outras bocas da casa da minha avó têm um lenga-lenga esquisito. A minha boca, por exemplo, que quase rasga de fora a fora o meu rosto, por muitos anos falou tão embolado que ninguém entendia o que eu dizia. Se a minha tia espatifava vigas com os dentes, a minha boca era um membro flutuante e quase descoordenado, como se no meio do rosto eu carregasse um órgão estrangeiro. Embolada e rápida era a língua que ao longo dos anos eu decidi domesticar até enfiar entre as letras um pouco de ar, dizendo sílaba a sílaba as palavras que aprendi a escolher. Hoje disfarço esse passado feito um gago que aprendeu a cantar. Ainda assim, de vez em quando, especialmente nas palavras grandes, o meu lábio inferior treme, o pescoço e as maçãs do rosto endurecem. É a boca que nos dá o ar de família de que falava Marcel Proust, e, ao redor da mesa, mastigávamos os segredos que davam ritmo e estrutura aos nossos vínculos. Nas nossas bocas circulava encapsulada a loucura da minha tia, sem que a pudéssemos dizer, esquecer ou engolir, e foi preciso cozinhá-la com a saliva e talvez separá-la em pequenas partes, destinando algumas aos esconderijos, aos sonhos, ao humor, ao esquecimento e erguendo assim parte do próprio mundo íntimo.

*

O bebê da minha tia virou pedra, por isso ela não tinha uma criança tão bonita como eu para cuidar. Ela cuidava de mim e me amava, só que ainda era louca, porque eu não havia sido a sua bebê e não a tinha preenchido por dentro com a alegria justa da vida, aquela que poderia como uma bola de fogo espantar do corpo dela a tristeza que mantinha seus olhos sempre úmidos. Eu não havia nascido do corpo dela, como o bebê dela também não. Ela dizia que ele havia entrado e subido por sua vagina até a sua barriga, em busca do calor e do escuro para se tornar alguém, mas o seu corpo de bebê não se expandiu em bracinhos e perninhas e cabeça; ele se petrificou, se enrijeceu e virou o meu primo-pedra, aquele que não nasceu. Ela, a sua mãe, carregou o bebê-pedra até que alguém o tirou pela vagina, só que um pedacinho ficou no coração dela, que desde então pesava um pouco mais. Talvez ele não quisesse ser filho

vivo de mãe louca, e, se fosse assim, eu o entenderia, porque era muito bom poder voltar para a minha mãe e para a minha avó e não ficar sempre com a minha tia. Ou talvez o bebê-pedra tenha amado a mãe-louca e quisesse ser o seu filho, mas não viveu porque não é fácil brotar, crescer e nascer. Quase vivo, ele morreu.

*

No banheiro de azulejos rosa da casa da minha avó, a minha tia se olhava no espelho. Era o único banheiro da casa, dividido por minha tia, minha avó e meu avô — e antes também por oito crianças, eu imaginava, e seria impossível trancar a porta, todos se veriam nus, sujos, molhados, limpos, fazendo cocô, escovando os dentes —, e tia Nena se arrumava pelo tempo que quisesse, era como se ninguém a esperasse. Depois do banho, a música muito alta vinda do quarto ao lado chegava ao banheiro, e ela cantava e se secava, hidratava os cabelos e o rosto, escovava os dentes, gargarejava. Eu ficava sentada na tampa do vaso, os pés balançando e os olhos nela. Era tão bonita, sabia disso e queria ser mais bonita. A minha tia era exuberante, não resignada, apagada e murcha sob o peso da minha avó, como as suas irmãs quando estavam naquela casa. Quando se arrumava assim, ela vestia branco, e dizia que gostava de ser confundida com os médicos, e eu ria porque ela não seria confundida com médicos porque médicos não usam saias rodadas e botas brancas, anéis nos dedos, blusa de cetim e casaco. Ela sempre fantasiada de paciente, eu pensava e ria porque também era divertido imaginar com ela, me arrumar com ela, sentir o cheiro do perfume e dos cremes que ela me deixava usar. No final ela passava um batom muito vermelho e chupava os dedos para retirar o excesso e evitar que o batom sujasse os dentes. Eu passava o batom também, um tanto borrocado, chupava o dedo e saía atrás dela para ver se ela me convidaria para passear, se sumiria pela porta sem olhar para trás, ou se sentaria nos degraus de entrada de casa, fumando muitos cigarros, a bolsa no colo, depois no chão, até desistir e voltar para o quarto.

*

A minha tia tinha a cabeça quase desprendida, como se no lugar da goela ela tivesse um furo ou um fino corte atravessasse o seu pescoço, e assim a cabeça dela era solta, ventilada, desobediente. Quando ela tentava desprender a minha cabeça também, ela estalava os dedos ao redor dos meus ouvidos dizendo palavras como “1, 2, 3 astros”, “1, 2, 3 espinho”, “1, 2, 3 quando vier

a chuva”. Às vezes eu ficava com dor de garganta e ela me dava água quente; noutras eu continuava a brincar com as cascas de mexerica, os tatus-bolinha do quintal ou as capas dos seus discos de vinil. Ela queria me ensinar, porque a todos faria bem se a cabeça pesasse menos, e fosse mais leve e pudesse até separar-se do corpo. Ela queria me ensinar a decapitar a minha cabeça — foi por isso que, enquanto brincávamos, ela cortou a própria cabeça e colocou-a no colo, depois no chão, e nós brincamos com a cabeça como se fosse um dos bichos do quintal. Depois a minha tia encaixou de novo a cabeça sobre o pescoço e colou com a própria saliva para que ela não caísse de novo muito rápido. Ela continuou a estalar os dedos ao redor dos meus ouvidos, e eu via primeiro a cabeça dela levitando, para pouco a pouco sentir também a minha a desprender-se. Era um corpo de criança sem cabeça — “sem medo, sem medo”, ela dizia e me ensinava a aprender a desobedecer sem me perder. “Posso beijar o seu pescoço sem cabeça”, ela dizia, “e prometo que a sua cabeça vai ter sempre onde pousar.”

*

No Natal havia lombo, que a minha avó assava durante muito tempo no forno, exercitando uma paciência que lhe era incomum, talvez porque enfim fosse aniversário de Jesus, a quem ela pedia perdão e auxílio, arrumando a casa toda manhã com o terço enrodilhado nos dedos. Ela assava o lombo e com uma colherinha regava-o com a gordura que dele escorria, enquanto a carne ficava assada e dourada, com uma crostinha perfumada por cima. Naquele Natal, a minha tia, que não tinha aparecido na cozinha para sentir o perfume da carne e trancada no quarto ouvia o ruído da festa, talvez remoendo talvez dormindo, desceu as escadas e, quando viu o lombo enfim sobre a mesa, pegou uma faca e fez um corte horizontal por toda a extensão da carne, retirando dela a crostinha que os irmãos aguardavam como um reбуçado dado pela mãe. Ela cortou e colocou os pedaços no prato, comeu com os dedos, e ao redor ninguém disse nada, de modo que foi possível ouvi-la mastigar e depois engolir e abrir a boca de novo para comer até que não sobrasse nada no prato. De um dos cantos da mesa eu fiquei olhando, não para a minha tia, e sim para os irmãos, que encostados às paredes ou andando de um lado para o outro enrugavam as testas, e isso era tudo o que sabiam expressar. Testas em rugas como pautas em que escreviam os seus pensamentos, eram estes os meus tios e tias, e a tia Nena com a testa e os dedos brilhantes de gordura. Então a minha tia subiu, o prato ficou na mesa e ela se trancou de novo no quarto. Antes que o burburinho da festa pouco a pouco voltasse, o meu avô

levantou-se da cadeira de onde assistia a tudo e disse da nossa responsabilidade sobre a infelicidade alheia, da infelicidade dela que deveria pesar sobre nós e nos ensinar a compaixão e a justa conduta, até que de repente ele parou e as crianças pediram para servirem os seus pratos.

*

Eu sentia tudo isso que foi a minha tia alojado no meu coração, e era como uma pedra de gelo, um bololô de fios de cabelo, uma brasa, um buraco, um túnel. Com ela e por ela, mais uma órbita surgiu nas voltas do mundo, porque ela vinha do imenso povo dos invisíveis. Ela foi uma fresta, uma janela, uma fenda — com a sua presença, despedaçava o provável e o inteligível e trançava no meio deles o delírio, o impossível, o terrível também, o humor, a exuberância. A minha tia mágica, eu também diria. E naqueles dias, que foram anos, eu a vi escrever. Eram pequenos contos, histórias breves, artigos sobre direito, cartas ao Papa e ao Rei, histórias infantis, poemas breves, que ela escrevia e me pedia para ler, e eu lia e ela depois guardava e me dava folhas para eu desenhar. Quando buscava mais papéis timbrados e em branco na gaveta, eu via outros tantos escritos, a letra regular dela, elegante, que pendia para a direita. Tia Nena escrevia, e ela era a única. Talvez por isso, quando comecei a escrever, eu imaginava que precisava me equilibrar na letra para não cair no poço fundo de breu e de loucura do qual, eu imaginava, ela tentava se erguer. Para escrever, eu lutava com a língua, exigia-lhe intensidade e ordem, e ao meu gesto correspondia um ranger de dentes e logo a exaustão. Escrevia como se os deuses me puxassem pelos cabelos, como li entre os versos de um poeta antigo, fascinada pelo risco ou tragada pelo impossível, e imaginava que isso seria, se não uma forma de inspiração, pelo menos uma razão para escrever. Foi assim que quase perdi a escrita e quase me perdi também. Na minha história com as palavras, precisei afrouxar os dentes e retirar os cabelos do rosto com as mesmas mãos com que dedilho as letras.

*

A mãe do meu avô morreu sozinha, num casebre escondido num vale. O meu avô ainda era criança, e descia a serra correndo para levar comida para ela, que era a minha bisavó. A irmã do meu avô, filha de mãe louca, desconfiava da energia elétrica, por isso não usava lâmpadas nem tomadas no barracão de fundos em que morou nos anos em que a conheci. Um dia tudo ficou tão sujo que um dos seus sobrinhos deu um remédio para ela dormir e limpou

a geladeira, o chão, os armários, os lençóis e ela demorou tanto a acordar que ele teve medo de que ela tivesse morrido. Bastante velhinha, ela ficou doce e terna e foi internada numa clínica psiquiátrica até morrer. A filha do meu avô é a minha tia. Desde os anos 1980, ela foi tratada pela psiquiatria — choques, internações, medicamentos —, e a história dela se confunde com a história da medicina. Numa das internações, ela fazia xixi no chão e me pedia mais sorvete; noutra ela me pediu que a tirasse dali, porque iriam matá-la; noutra me apresentou alguns amigos e um deles me pediu para dirigir o meu carro; noutra estava tão furiosa que foi preciso injetar uma dose dupla de calmante em sua coxa; noutra, quando os enfermeiros ainda estavam a caminho para amarrá-la e interná-la, ela tentou fugir, o meu pai a impediu e ela mordeu o peito dele como se fosse um cachorro. Ninguém sabe o que fazer com os loucos, a minha avó dizia, e me dava iogurte para tomar enquanto a escutava — “quando ela some eu descanso, quando ela some eu me preocupo, quando ela volta eu cuido, quando ela volta eu a maltrato”.

*

No meu interior mora uma mulher estrangeira, ela é uma migrante, um monstro, uma ave rara. Quando vasculho o fundo do mar da minha infância, lá está a minha tia — escrevi num caderno —, ela é um navio naufragado entre as plantas do quintal, um polvo, ela flutua no quarto, queima no sol, ela é um vai e vem de algas azuis. A minha tia é um limite, uma margem para o desconhecido, um parapeito — sem ela, é um maldito tédio. Uma mulher, uma bruxa, um enxame de olhos que me acompanha, ou talvez um monte de palha que arde rapidamente e sem parar, e vejo o seu fogo e os desenhos das suas sombras espalhados na paisagem íntima. Apreendi a reconhecer o seu cheiro noutros corpos, a sua velocidade noutras línguas, a escutar o que ela diz noutras bocas. Queria escrever sobre ela frases que me esperavam no futuro, e, mesmo quando escrevo, elas vêm de longe e passam rápido. As memórias da infância me devolvem a minha tia, e é com elas — as memórias, a infância — que a envolvo, enrolando-a com fios que a contêm e também a tornam preciosa. Com a minha tia, lanço uma frase torcendo para que, como um cometa, ela me atinja e me acompanhe em mil fragmentos de luz.

Maura Lopes Cançado
Dona Georgiana

Eu a conheci da primeira vez em que estive aqui. Parece-me que é esquizofrênica, caso crônico, doente há mais de vinte anos — não estou bem certa. Foi transferida para a Colônia Juliano Moreira e nunca mais a vi. Italiana, cantora lírica, eu a achava lindíssima, apesar de não ser jovem. Possuía olhos azuis brilhantes, todo o rosto bonito e expressivo, aquele rosto surpreendente de louca. Estava sempre em grandes crises de agitação, andando devairada pelo pátio, incomunicável, os pés descalços, geralmente suja de lama — seminua. Eu não frequentava obrigatoriamente o pátio. À tarde, quando ia lá, pedia-lhe para cantar a ária da *Bohème*, Valsa da *Museta*. Dona Georgiana, recortada no meio do pátio, cantava — e era de doer o coração. As dementes, descalças e rasgadas, paravam em surpresa, rindo bonito em silêncio, os rostos transformados. Outras, sentadas no chão úmido, avançavam as faces inundadas de presença — elas que eram tão distantes. Os rostos fulgiam por instantes, irisados e indestrutíveis. Me deixava imóvel, as lágrimas cegando-me. Dona Georgiana cantava: cheia de graça, os olhos azuis sorrindo, aquele passado tão presente, ela que fora, ela que era, se elevando na limpidez das notas, minhas lágrimas descendo caladas, o pátio de mulheres existindo em dor e beleza. A beleza terrífica que Puccini não alcançou: uma mulher descalça, suja, gasta, louca, e as notas saindo-lhe em tragicidade difícil e bela demais — para existir fora de um hospício.

Starhawk

As mulheres dançam nuas na prisão

TRADUÇÃO
Fernanda Regaldo

NOTA
Marina Apolinário

NOTA DAS EDITORAS
“O surgimento da força erótica é o surgimento de um grande poder transformador. Quando o erótico é forte, a dominação cai, o pornográfico precisa se retirar, a autoridade não consegue mais se sustentar. A história a seguir é verdadeira. Eu a conto como uma parábola.” É assim que Starhawk, escritora, ecofeminista e talvez a mais conhecida feiticeira e ativista neopagã estadunidense, apresenta em seu livro *Dreaming the Dark: Magic, Sex and Politics* (Sonhar a escuridão: magia, sexo, política), publicado pela primeira vez em 1982, a história que reproduzimos nas próximas páginas. Starhawk foi uma das organizadoras do grupo ativista Abalone Alliance, que entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980 lutou contra a usina nuclear de Diablo Canyon, na Califórnia. Embora não tenham conseguido encerrar as atividades da usina, as ativistas tiveram sucesso em pautar o debate público sobre a política energética nos EUA.

SELECIONADO DE
Starhawk. *Dreaming the Dark: Magic, Sex and Politics*.
Boston: Beacon Press, 1997.

As mulheres presas no bloqueio da Usina Nuclear de Diablo Canyon estão detidas em um antigo ginásio da California Men's Colony, uma prisão. Somos vigiadas, dia e noite, por guardas homens e também por guardas mulheres. Os guardas ficam sentados nos cantos, observando o chão coberto de colchonetes de ponta a ponta. As mulheres têm que se despir diante de olhos masculinos. Não há divisórias nem portas para fechar. Tarde da noite, os guardas caminham entre as fileiras, lançando feixes de lanterna nos rostos e corpos das mulheres, que deitam imóveis sob a única cobertura fornecida. É uma situação de humilhação deliberada, um pequeno assédio calculado, parte da punição infligida pelo Estado por desafirmos sua autoridade com nossos corpos de mulheres.

Lá fora há um pequeno pátio para exercícios. O sol da Califórnia central é forte. Começamos a tirar as blusas para deitar ao sol com os seios nus. Algumas das mulheres decidem lavar suas roupas; enrolam-se em toalhas, ou não vestem nada. Estamos bem em nossos corpos; gostamos de olhar umas para as outras. Naquele cenário de telhas onduladas e concreto, somos macias, vivas e lindas.

“Nunca imaginei quantas formas e tamanhos diferentes os corpos das mulheres podem ter”, diz uma amiga, cuja vida não lhe permitira até então conviver com duzentas mulheres nuas. “E todas somos bonitas. Olha aquela mulher ali. Ela parece uma escultura — uma Vênus de Willendorf, uma Deusa.”

Somos todas a Deusa em sua multiplicidade de formas: uma Afrodite, uma Ártemis, uma Donzela, uma Mãe, uma Anciã. Somos todas Perséfone, arrastadas ao submundo pelas autoridades do patriarcado. Mas nossos corpos vivos transformam o inferno. A situação é a de uma pornografia escancarada, uma humilhação constante que encena a fantasia sadomasoquista clássica do guarda e da prisioneira. Ainda assim, ela é transformada pela presença do erótico. Estamos conectadas umas às outras, e em nosso amor umas pelas outras não há lugar para a vergonha.

São os guardas que precisam se adaptar a nós. Alguns ficam constangidos; outros, encantados. Alguns nos dão informações falsas deliberadamente; outros são genuinamente amigáveis. Eles não têm nenhum interesse pessoal na usina nuclear. Foram transferidos das prisões de San Quentin e Soledad; para eles, isto é um feriado remunerado. Ninguém lhes perguntou se homens deveriam vigiar mulheres, se deveríamos receber cobertas extras,

comida quente ou escovas de dentes. A maioria das mulheres é branca e de classe média; os guardas são trabalhadores, negros, latinos. Eles chegaram a esse trabalho específico porque era a melhor entre as opções que a vida lhes ofereceu; nós chegamos ao bloqueio pela mesma razão. Nesse sentido, nenhum de nós é livre. Nenhum de nós detém o poder, exceto quando o exigimos e o tomamos para nós, para decidir quais escolhas nos serão oferecidas.

As mulheres discutem a questão dos seios nus. Algumas acham que eles comprometem a seriedade da nossa ação, que pode pegar mal diante da mídia. Mas escolhemos não impor restrições umas às outras.

À noite dançamos nuas na prisão. Uma mulher toca o único violão que permitiram entrar. Batemos em latas, as paredes de telha ondulada se tornam tambores. Batemos palmas, cantamos “Jailhouse Rock”. Pintamos smokings em nossos corpos e fazemos corsagens com papel descartado. Fingimos estar num baile de formatura. A música cresce e o ritmo cresce, suamos juntas, o quarto se enche do odor de duzentas mulheres. E dançamos, sabendo que isso nos é permitido como um privilégio, assim como tantas coisas boas em nossas vidas são privilégios; sabendo que mulheres presas sozinhas, que não são brancas, que não têm um movimento e uma equipe jurídica por trás delas, cujas histórias não interessam aos jornais, não podem dançar, não podem ficar nuas, podem ser estupradas e brutalizadas — e não recebidas com sorrisos — pelos guardas.

Ainda assim dançamos, porque é por isto, afinal, que lutamos: esta vida, estes corpos, seios, úteros, este cheiro de carne, esta alegria, esta liberdade — que ela continue, que ela prevaleça.

Marina Apolinário

De Diablo Canyon à *Pornografia Auditiva*

Eu tinha dezesseis anos e medo do meu próprio corpo. Cuidava como se ele fosse arrebentar em algum momento. Não o tocava, chorava a cada estria que se abria, me cobria com roupas masculinas dos meus irmãos, para ninguém olhar para a minha pele ou para o volume dos meus peitos. Não queria ir à praia, porque todos veriam o tamanho das minhas ancas com tanta estrias.

Fui voluntária numa cadeia por alguns anos. Era meu primeiro dia fazendo revista em mulheres que visitavam seus filhos e maridos no sistema prisional, e entrou na minha sala uma senhora loira, cabelo curto, batom vinho, lápis crayon, vestido largo preto e um sorriso enorme, desproporcional para uma cadeia. Ela soltou uma gargalhada, me encarou, e de perto me disse:

— Novata, né? — Balançou a cabeça antes que eu pudesse responder e soltou outra gargalhada. Segurou as pontas do vestido, pediu que eu a encarasse e continuou:

— Vou fazer um strip tease pra facilitar. Tá dando pra sentir o seu medo.

Me senti intimidada. Ela começou a rebolar enquanto levantava o vestido. Calcinha bege larga como as da minha avó, umbigo e apenas uma mama.

— Olha atenta pra esse corpo. Você nunca mais vai ver outro assim!

Dali em diante passariam em média cinquenta mulheres por dia na minha cabine de revista. Mulheres grandes, mulheres com peitos ressecados pelos anos, mulheres com silicones redondos, mulheres sem musculatura vaginal e escape urinário, mulheres magras com ossos aparentes, mulheres com

mega hair, pretas, brancas, pobres, miseráveis, ou com muita grana estampada no corpo.

Assumi meu corpo para mim mesma — foi dentro do sistema penitenciário que tive coragem de me enfrentar. Lembrei desse momento quando li Starhawk. Da magia que acontece quando nos apropriamos do poder sobre nós mesmas na relação com o outro, quando tomamos o próprio corpo pelas mãos e não somos engolidas pelas narrativas construídas sobre ele.

Quando Starhawk descreve o antigo ginásio de Diablo Canyon, onde duzentas mulheres presas pela autoridade do Estado transformam um cenário de humilhação e vigilância em um espaço de celebração da carne, ela aponta uma brecha. Uma fresta em que o corpo deixa de ser objeto do olhar alheio para se tornar sujeito de sua própria existência. Talvez seja a mesma brecha que encontrei na cabine de revista do presídio.

Recusar a vergonha. Deslocar o pan-óptico do olhar do guarda e da revista íntima. Retirar o corpo da lógica do consumo, do controle e da inspeção para fazer dele uma tecnologia do próprio ser. Não porque a violência desapareça, mas porque ela deixa de determinar o significado daquele corpo. Talvez seja este o gesto mais radical descrito por Starhawk: transformar o espaço da dominação em um território de revolução.

Tenho ouvido muitas mulheres do rap, tenho isso como um ritual. Mulheres com corpos parecidos com o meu, da minha cor, que invertem a lógica do imaginário sobre nós. Ouço-as todas as vezes que sinto que algo pode abocanhar minha capacidade de desejo ou que preciso demarcar um contorno.

Queria que Starhawk pudesse sentar com Bea Soull numa mesa de bar, ouvindo seu último álbum, *Pornografia Auditiva*, junto de Nanda Tsunami. Mulheres que usufruem do próprio corpo, transgredindo pelo erótico. Mastigando a narrativa da hipersexualização das mulheres negras e desmantelando as estruturas do que pode um corpo; expondo o desejo e apropriando-se dele como feitiço para a soberania de si.

Natalia Toledo

A casa dos meus sonhos

TRADUÇÃO
Roberta Ferraz

NOTA
Conceição Evaristo

NOTA DAS EDITORAS
O livro de Natalia Toledo é bilíngue — zapoteco e espanhol — e por isso publicamos o poema escolhido também nessas duas línguas. A tradução para esta edição foi feita a partir do espanhol.

SELECIONADO DE
Natalia Toledo. *Guie' yaase'/Olivo negro*. Cidade do México: Dirección General de Culturas Populares e Indígenas, 2005.

POEMA DA NOTA SELECIONADO DE
Conceição Evaristo. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

Descendo a montanha
um olho d'água me olha,
vejo a casa de minha avó
no meio do mato.
Caminho sobre a folhagem
uma porta forte se abre,
posso tocar as paredes peladas
que sabe o meu nariz?
A vela exala *chintul*
no corredor do vento.
Abro a janela, aí está a selva:
a casa é fresca,
vou à cozinha
as panelas são o ventre de minha mãe.
Aromas das frutas-do-conde, *nanche* maduro,
o ruído do azeite quando frita, fumaça de peixe.
Que sinto?: estou feliz.
Descendo a montanha, defronte:
uma casa de barro em ruínas,
camas bordadas atravessam seu céu, no meu jardim
não faltam pássaros.
Acaricio um veado e seus olhos são uma tristeza oval.
Trago no corpo um vestido xadrez
e dois caranguejos beliscam meus seios de menina,
não sorrio, estou parada como um poste.
Tenho oito anos e meu corpo é uma casa,
que se lembra de sua casa.

Yoo ni guniee' xcaanda'

Zenda' lade dani
nisa cayale gasi ruuya' naa,
ruyadxie' lidxi jñiá biida'
zuba galaa gui'xhi'.
Rizaya' luguia bandaga,
ti ruua yoo ro' rixale',
rigana' cue' yoo ma biruxhi
¿xi cayuaa' xiee'?'
ti gui'ri' rundaa xho' sapandú ndaani' lidxi bi.
Ruxhele' guiiru' biaani' rindaya' ndaani' gui'xhi':
ti yoo nagan'da',
riá' ndaani' guzina
ca guisu nacacá' ndaani' jñaa.
Riuuxiee' guendabidxu, nanchi,
Za cadxuuni', gu'xhu' benda yaagui'.
¿Xí ná ladxidua'ya'?: nayeche' nuu.
Zenda' lade dani, neza lua':
zuba ti yoo bisi'ña' ma biaba laya
ne didilaaga luuna' doo rié ne reeda galaa guiba',
zugúa yaga ne guie', qui riaadxa' mani' ripapa'.
Rixubena'ya'ti bidxiña ne guielúme nacani ti
xilase nayu'la'.
Nacua' ti' lari cuadru huiini'
ne chupa bitoope caguiru xhidxe' huiine',
cadi cuxidxe', suguaa' chaahue' sica ti yaga
napa' xhono iza ne guidilade naca ti yoo redasilú laa lidxi.

La casa de mis sueños

Desciendo de la montaña
un ojo de agua me mira,
veo la casa de mi abuela
en medio de la selva.
Camino sobre el follaje
una puerta gruesa se abre,
puedo tocar las paredes descarapeladas
¿qué huele mi nariz?
el cirio desprende chintul
en el corredor del viento.
Abro la ventana, ahí está la jungla:
la casa es fresca,
voy a la cocina
las ollas son el vientre de mi madre.
Aromas de anonas, nanche maduro,
el ruido del aceite cuando se fríe, humo de pescado.
¿Qué siento?: estoy feliz.
Desciendo de la montaña, enfrente:
una casa de caliche desdentada,
camas de hilos atraviesan su cielo, en mi jardín
no faltan pájaros.
Acaricio un venado y sus ojos son una tristeza ovalada.
Tengo puesto un vestido de cuadritos
y dos cangrejos pellizcan mis senos de niña,
no sonrío, estoy parada como un poste.
Tengo ocho años y mi cuerpo es una casa,
que recuerda su casa.

Conceição Evaristo

Só de sol a minha casa

A Adélia Prado, com licença,
que também sou mineira.

Durante muito tempo,
também tive um sol
a inundar a nossa casa inteira,
tal a pequenez do cômodo.

Pelas fendas do machucado zinco,
folhas escaldantes de nosso teto,
invasivos raios confrontavam
pontos de mil quenturas,
onde jorrantes jatos de fogo
abrasavam o vazio
de um estorricado chão.

Em dias de maior ardência,
minha mãe alquebrava
seu milenar e profundo cansaço
no recorte disforme de um buraco
— janela sem janela —
acontecido no centro de uma frágil parede.
(rota de fuga de uma presa a inventar
extensão de um prado)

Eu não sei por quê, ela olhava o tempo
e nos chamava para perscrutar
em que lugar morava a esperança.
Olhávamos.
Salvou-nos a obediência.

Stephanie Borges

Uhura

NOTA
André Capilé

POEMA DA NOTA SELECIONADO DE
André Capilé. *Muimbu*. Juiz de Fora: Macondo, 2017.

Olodumare encarregou Oxalá
de fazer o mundo

um espetáculo tão estranho,
qualquer um que olhasse
pensaria em sequenciadores
samplers sintetizadores

componentes de um código
uma tecnologia secreta
para modelar o ser humano

incorporar o não narrado
lacunas buracos

orixá tentou fazer
o homem com o ar
um fragmento narrativo,
o humano logo se desvaneceu

a empreitada de criar
uma distorção significativa
do presente

a maior empresa de tecnologia
do mundo controla boa parte
de nosso tráfego na web
absorve empresas de robótica
e inteligência artificial
especulam-se as razões

o orixá tentou
vários caminhos
fez com fogo
o homem se consumiu

tentou azeite, água
e até vinho de palma

uma nova geração
de sistemas autônomos
e o marketing indireto
de produzir realidades
as informações circulam
como commodity

então veio Nanã Burucu
e apontou com seu ibiri
— cetro e arma —
o fundo lago onde morava
e de lá retirou os traços,
todos os pedaços
que não foram apagados
uma porção de lama
uma memória coletiva
e individual que nunca
vai moldar um discurso

Oxalá modelou o homem do barro,
e com o sopro de Olodumare
o humano caminhou

descendente direto
de alienígenas sequestrados
incorporado como órgão estranho
levado de uma cultura para outra
nessa estranha sociedade híbrida

o momento presente se alonga
convertido para uns
no que foi ontem
demorando para outros
na possibilidade de amanhã

enquanto isso, no Japão
as pessoas já fazem
rituais funerários budistas
para seu cães-robôs
que podem fazer qualquer coisa
de trabalhar em depósitos
a cuidar de idosas
o mundo segue a passos largos

as humanas teriam sido capazes
de respirar debaixo d'água
é possível que tenham
dado à luz no fundo do mar
o feto vivo num ambiente aquático,
bebês que nunca precisaram de ar
nutridos por cordões umbilicais

mas chega o dia
que o corpo precisa
voltar à natureza

Nanã Burucu saiu
se deitou ao lado do portão
e esperou os descendentes
dos aliens já despossuídos
separados de suas terras abduzidos
ao novo mundo

ela deu a matéria no começo
mas quer de volta no fim
tudo o que é seu

enquanto humanos, encarnados
ou não, recorrem a emuladores
para estudar frágeis arquivos
cantigas, riscos, a chave
para o futuro diaspórico

André Capilé

mbamba gusa

I.

ó gusa
meu senhor
ó gusa
meu marido

és do ferro o divino

2.

mão que alimenta
violenta pata que pune

3.

pia de casa tem oferta
prefere banhar-se com sangue

4.

cancela não deixe o inimigo passar

ó gusa
meu senhor
seja um amigo esta noite

5.

diurna é a poda da grama
diária é a paga do dano

ó gusa
senhor do machete bígamo

6.

mesmo tendo roupa em casa
tua cintura prefere a ráfia

a ira seu corpo encapa

quando sua é o seu uniforme
uma camisa de sangue

7.

senhor gusa desceu
mas tem guarda a caserna no céu

todos sabem que lá
é o dono da casa assombrada

8.

ó senhor cheira a suor
suas mãos tremem as moedas

ó gusa seja abundante
a conta do ferro é sete

ó senhor da plenitude
mina o caminho de casa

ó gusa seja bondoso
traga fortuna à morada

9.

a seiva que cai do tronco
é o que oferta o carpinteiro

assim o gusa tatua
a oferta do caracol

10.

o gusa gosta comer
o sacrifício do bode

se o inhame está cozido
o gusa também aprecia

II.

arrojado

toma a coroa e não usa
sabe os córneos dos carneiros

se te amam aí gusa
fazem do cortejo dos cães

o apelo que salva os pescoços

12.

se o que se diz é verdade

quando gusa veio ao mundo
pediu primeiro o vinho da palmeira

se o que se diz é verdade

vende um malê e vende o próprio amigo
depois toma e fica com tudo

se o que se diz é verdade

13.

ê!
não use espadas se for brincar
com o deus do ferro

digo não brinque nem brigue com ele
o corpo do gusa não sabe sorrir

Morán Zumaeta Bastín

História de Sangama

TRADUÇÃO
Ian Packer

NOTA
Nian Pissolati

NOTA DAS EDITORAS

“História de Sangama” é uma narrativa contada por Morán Zumaeta, indígena do povo Piro, registrada no final da década de 1940 por Esther Matteson, missionária do Summer Institute of Linguistics (SIL). Na época do registro, Zumaeta era chefe e professor bilíngue da comunidade Bufeo Pozo, localizada no baixo rio Urubamba, Peru. A narrativa relata a história de Sangama, primo do narrador, considerado o primeiro leitor entre seu povo, que, entre a década de 1910 e 1920, procura ensinar Zumaeta a ler. O texto em língua piro (*yine*) foi publicado por Esther Matteson em *The Piro (Arawakan) Language*, livro onde também se encontra uma tradução para o inglês, a partir da qual foi feita a presente tradução para o português.

SELECIONADO DE
Esther Matteson. *The Piro (Arawakan) Language*.
Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1965.

Agora vou contar para vocês algo sobre os antigos.

Naquele tempo, a leitura era desconhecida; nenhum Piro ainda sabia ler. Até que teve alguém que começou, alguém que diziam ser um leitor. Diziam que ele sabia ler. Ele dizia que os livros falavam, e abria os livros e lia.

Conheci ele há muito tempo, quando eu era criança. Eu costumava ficar observando ele. Quando ele estudava, eu via sua boca mexer. Seus olhos ficavam se movendo, seguindo as linhas escritas. Ele lia todas elas, virando as páginas e seguindo as letras com a ponta dos dedos. E ele lia como alguém que realmente compreendia o que estava escrito. Eu pensava: “Talvez ele saiba mesmo ler. Talvez ele saiba, como os Brancos sabem.”

O nome deste que foi o primeiro a saber ler era — como era mesmo? —, em língua Piro ele se chamava — como era mesmo? — Mtalú! Era esse seu nome. E seu outro nome era Sangama. Ele era conhecido por esse nome, era chamado de Sangama. Era ele quem sabia ler.

Ele lia os papéis que levavam para ele. Muitas pessoas levavam para ele — como se chama mesmo? — aqueles papéis — como se chama mesmo? —, aquilo que chamam de “jornal”. Aqueles papéis que nosso patrão sempre lia, e aqueles que os outros patrões também liam, eram levados para ele. E livros também, livros de capa dura, que haviam sido jogados fora, eram trazidos e dados para ele.

Ele abria e lia os livros. Enquanto lia, ele falava — e agora vou contar o que ele lia nesses papéis. Abrindo e olhando para o livro, ele dizia:

“Agradeço por este livro ter vindo até mim, por vocês terem dado ele para mim.”

As pessoas diziam para ele: “Queremos ouvir. O que esse papel diz, esse livro diz?” Então ele abria o livro. Ele ficava de pé com as pernas um pouco afastadas, e ajeitava seu bigode. Aqui, entre os lábios e as narinas, ele tinha um bigodinho que ele adorava alisar. Então primeiro ele ajeitava o bigode. Depois franzia a testa e, olhando para o livro, lia. Ele dizia: “Ehhh. Minha Europa. Meu Pará. Minha Manaus. Ah! Sim, sim”, ele dizia. “Sim, estou aqui. Está tudo bem. Sua avó está aqui. Ela está bem. Agora eu moro aqui para sempre. Ah! Então é isso! Foi isso o que aconteceu. O grande rio. Ah! Um barco a vapor está vindo. Ah! As mercadorias estão chegando.”

Os outros, invejando sua leitura, ficavam perguntando: “O que o papel diz? Conta para a gente também. Nós queremos saber.”

Ele ria: “Ha ha ha ha! Um dos seus netos me escreveu”, ele dizia. “Essas são as suas palavras. Sua neta diz que está vindo. Ela diz que está vindo no barco a vapor.” Ele disse isso para aquele a quem os outros chamavam de “pai”.

“Foram elas que escreveram isso”, ele explicava. “Uma filha minha, que mora na beira do rio em Manaus, escreveu isso. Ela diz que, quando o barco a vapor tiver terminado sua travessia, vão chegar mercadorias de que nunca se ouviu falar por aqui. O barco a vapor vai trazer essas mercadorias. Ela está me dizendo que essas mercadorias vão chegar aqui.”

Então ele virava a página, passava mais uma folha e virava novamente. Ele chegava à página com imagens — sempre tem fotos de Brancos nos jornais. Ele olhava aquilo e dizia: “Ah! Agora outras notícias chegaram. São notícias de Manaus e do Pará. Vou contar para vocês”, ele dizia.

“E então? Queremos saber”, diziam as pessoas, “lê para a gente”, e todo mundo escutava. Eu estava lá também, e vi e ouvi. Eu vi sua boca e reparei nele de cima a baixo. Eu disse: “Talvez ele saiba mesmo ler.” Então ele virava a página e limpava a garganta. “Heeeee, eehehe!”, ele fazia. Daí franzia a testa, e ficava levantando os olhos e balançando a cabeça. Depois, ele fazia um pequeno cumprimento e começava a ler. Ele dizia:

“Telente. Ten telente. Ten ten ten te telenten telelen ten ten ten, ten ten ten ten. Telelenten. Ten ten. Tentelen. Minha Europa! Minha Manaus! Meu Pará! Telententen. Ten ten telelen. Ten tan tan. Tan tan ten telen. Telen Ten ten telelen. Telen telen telen ten ten ten ten ten. Telelen ten ten ten ten ten”, ele lia no papel e suspirava. Ele sempre suspirava: “Ah! Não consigo entender algumas palavras que estão me dizendo esses estrangeiros que vivem no — como se chama mesmo? — no Pará!”, era isso o que ele dizia. Então alguns dos seus outros primos perguntavam: “O que esse papel está dizendo, primo? A gente não entendeu.” Ele ria: “Ha ha ha ha! Esperem! Vou contar”, ele dizia. “Antes vou limpar minha garganta. He he he”, dizia de novo.

“Está escrito que no Pará tem um avião, um barco a vapor que viaja pelo céu, e que ele está vindo para cá. Na sua proa tem um cachorro grande, com um colar brilhante. Ele está preso e acorrentado. O cachorro viaja na proa do avião. O avião viaja pelo céu, e algumas pessoas viajam com ele, aquelas que estão vindo até nós. Tem outras pessoas que estão impedindo o avião de vir, aquelas que vivem no meio do caminho, os atiradores. Eles ficam atirando nas asas desse barco a vapor celeste. Eles tentam derrubá-lo. Não param de atirar, e é assim que fazem o barco dar meia-volta e voltar para trás. É isso o que contam, aqueles que vivem no — como se chama mesmo? —, no Pará, aqueles que dizem: ‘Telententen telenten ten ten ten ten. Ten ten telelelelen ten

ten ten ten tem.’ É isso o que eles estão dizendo. São vocês que eles gostariam de visitar. É em vocês que eles estão pensando. E, se isso acontecer, vocês vão ter o avião e vão poder vestir as roupas que estão entre as mercadorias.”

Então algumas pessoas que estavam ouvindo suas palavras disseram: “É o que vamos fazer quando as roupas chegarem. Vamos vesti-las!” Eu também estava ali, ouvindo com atenção e maravilhado com o que ele lia no papel. Parecia que era verdade que estava lendo aqueles papéis. Então ele dizia: “Quando as mercadorias chegarem, tudo será distribuído. As pessoas de lá me disseram”, ele dizia. “Seria maravilhoso se isso acontecesse. Qual o problema daquelas pessoas que vivem no meio do caminho? Elas continuam atirando no avião, ele escapa e volta para trás. São elas que estão impedindo ele de vir até aqui”, ele dizia.

“Vejam! É assim que gostaríamos de ser. Agora eu sou assim. Não uso calça, nem camisa. Nunca. Vocês nunca me viram usando calças, calças dos Brancos, ou camisas”, ele dizia. “Mas sou muito rico, porque tenho filhos ricos. Aqui, eu sempre me comporto como uma pessoa pobre, usando essas roupas, essa túnica de algodão, essas roupas”, ele dizia.

“Olhem para mim! ‘Testa larga roxa.’ Todo mundo me chama assim. ‘Sangama, testa larga roxa, túnica roxa, como um — como se chama mesmo? —, como um pássaro roxo ou um falcão’, todos me dizem isso. Mas isso não me aborrece, porque tenho muitas coisas com meus filhos na Europa. Coisas europeias! Eles falam muita besteira para mim, mas suas palavras não me machucam. Eu digo: ‘Eles me veem como uma pessoa pobre, mas tenho muitos filhos em Manaus e muitas filhas no Pará e na Europa. As pessoas lá têm propriedades, mas aqui eu me comporto como uma pessoa pobre’, eu digo. Eles me dizem que um dia o avião vai chegar. Vai viajar pelo outro lado, por onde sempre voa, e um dia vai chegar aqui, é o que eles dizem. A gente vai ver ele. Talvez chegue exatamente aqui.”

A gente ouvia com atenção e acreditava nele. A gente dizia: “Ele está falando que existe um barco a vapor celeste. Nenhum Branco nunca nos falou nada sobre isso, nunca. Ele é a única pessoa que já nos falou desse avião.” A gente acreditava no que ele dizia e prestava muita atenção nele. “Talvez aconteça isso mesmo. Talvez a gente vá mesmo ver esse barco a vapor celeste.”

“Vai chegar em breve”, ele dizia. “O avião! E vai estar com gente dentro dele!” Ele não tinha como saber isso. Como descobriu? Como soube? Onde ele ouviu falar desse avião? A gente não sabia. Nenhum dos velhos da aldeia sabia que um avião estava vindo. Foi ele que nos falou sobre isso pela primeira vez.

Quando era pequeno, eu ficava então me perguntando: “Como será um avião desses?” Eu perguntava para ele. Ele era meu primo: “Primo, como é esse avião?” “É uma coisa com asas”, ele dizia, “e que viaja pelos ares, fazendo um barulho como o barco que viaja pela água”, ele dizia. Ele falava como se conhecesse mesmo. “Ah, então é assim”, e continuava a escutar ele falar.

Uma outra vez ele me disse: “Um dia o avião vai chegar. Não vai demorar muito, daí você também vai ver. Por enquanto, aqueles que querem derrubá-lo continuam atirando e fazendo ele voltar. Ele continua dando meia-volta. Quando conseguir desviar e passar esse obstáculo, ele vai chegar aqui”, ele dizia. Eu respondia: “Então, primo, ele sobe para o céu, mas como navega pelo céu? Não tem água lá.”

“O avião voa pelo ar”, ele dizia. “Isso é o que dizem aqueles que não foram ouvidos, aqueles que vocês nunca escutaram. Eu conversei com eles há muito tempo. Foram eles que me contaram. Em breve um avião vai vir até aqui e vocês vão ver. Vai pousar no território de vocês. É o que aqueles que conversaram comigo disseram!”

“Então é assim, primo”, eu dizia. Eu gostava muito de ouvir o que ele dizia. Eu gostava que ele me contasse, era uma conversa sedutora. “É o que te digo, primo”, ele dizia.

“É só por mais um tempo que nosso patrão poderá nos fazer sofrer, nos maltratar, nos dar ordens e não nos dar nada, deixando a gente sem roupa. Quando o avião chegar, vai trazer todas as mercadorias que queremos, e, então, de verdade, a gente não vai mais ter patrão. Estou sempre recebendo cartas que dizem isso”, ele dizia.

“Vocês me escutam, mas os outros ficam me menosprezando. Eles dizem: ‘Sangama, o ignorante, o mentiroso. Ele mente quando diz que lê os papéis sujos do galpão. Eles riem de mim e distorcem minhas palavras o tempo todo. Por que meus olhos deveriam ser como os olhos deles? Meus olhos não são como os deles. Eu sei ler os papéis. Eles falam comigo.’”

“Olha para esse” — ele virava as páginas. “Vê: ela fala comigo. O papel tem um corpo. Eu sempre vejo ela, primo”, ele me dizia. “Eu sempre vejo esse papel. Ela tem lábios vermelhos, e com esses lábios ela fala. Ela tem um corpo com uma boca vermelha, uma boca pintada. Ela tem uma boca vermelha”, e então ele virava a página. “Olha agora. Vou ler. Olha. Vou te mostrar.”

“Tudo bem”, eu dizia. Ele apontava com o dedo. “Aqui. Olha para ela. Ela fala comigo. Ela fala. Ela tem uma boca vermelha.” Eu olhava para aquilo em vão. Não tinha ninguém. “Ela tem uma boca”, ele dizia. “Olha para ela. Ela está falando com você: ‘Ele quer me conhecer?’, ela está perguntando.”

Eu perguntava: “Ela está mesmo, primo? Ela está mesmo perguntando isso?”, eu dizia. “Sim. O papel diz isso. É por isso que o Branco conversa com ela todo dia. Você já não viu ele fazer isso? Repara como ele faz isso. Quando o Branco, nosso patrão, olha para um papel, ele segura esse papel na sua frente o dia todo, e ela fala com ele. Ela conversa com ele o dia todo. O Branco faz isso todo dia. Por isso, eu também faço um pouco. Quando, há muito tempo, eu desci o rio até o Pará — eu costumava ir sempre lá —, me ensinaram. Eu entrei na — como vocês chamam aquilo mesmo? —, na escola! Eu fui matriculado na escola. Um professor mandou me chamar. Foi assim que eu aprendi, primo. Naquele lugar chamado Pará, existem muitos Brancos, mais do que seria possível contar! Em Manaus, eles também são muitos! Ninguém vai te conhecer lá. A gente pode se perder. Não é como esse lugar onde a gente vive agora. A gente só tem casa com teto de palha. Lá, todas as casas têm teto de metal”, ele dizia.

“Bom, primo”, eu dizia. Eu prestava muito atenção no que ele falava. “Então lá é assim?”

“Tem um lugar chamado Pará e um outro chamado Manaus. São cidades grandes, cidades de Brancos”, ele dizia. “Tem também um lugar chamado Europa, com uma grande cidade, uma cidade de milagres. O barco a vapor toda hora vai lá, e o avião também voa até lá.”

“Nossa!”, eu disse. “Lá é assim, primo?”

“Sim! Um dia você deveria ver com seus próprios olhos. Um dia um professor vai vir aqui. Um dia um avião vai chegar aqui, e o professor vai viajar dentro dele. Algum dia desses eles vão ser vistos por aqui, a gente vai ver. E então a opressão vai acabar”, ele me dizia.

“Espero que isso aconteça mesmo com a gente, primo. Adoraria saber ler esses papéis também. Me ensina, primo, por favor, quando a gente não estiver trabalhando. Me ensina um pouco todas as noites.” Ele dizia: “Tudo bem! Se você quer, eu te ensino. Você tem que fazer alguns resguardos e não pode se embriagar. Assim o papel vai entrar em você”, ele dizia.

“É isso que provoca a leitura então, primo? Tudo bem. Posso fazer isso. Por que não, primo? Eu não vou beber cauim, nem nada fermentado. Quero muito saber ler. Quero ser igual você”, eu dizia. “Olha, primo, faça isso.”

“Se você fizer assim, você vai saber fazer”, ele me dizia. Eu ficava muito feliz com o que ele me dizia. “Eu com certeza vou te ensinar”, ele dizia.

“Ótimo”, eu dizia. Então um dia eu trouxe de novo para ele uma página, como costumava fazer. Nosso patrão muitas vezes jogava as páginas fora, e elas ficavam espalhadas pela encosta do barranco. Aquela era uma página de um jornal que tinha vindo de Puerto Ocopa. Era um jornal muito

bom, como eram todos aqueles que os Brancos chamavam de “periódicos”. O patrão lia as páginas e jogava elas no barranco. Eu juntei todas, alisei, dobrei e levei para ele. “Primo, aqui está um jornal que nosso patrão mandou para você”, eu dizia.

“Obrigado, primo”, ele dizia. “O que ele vai contar? Ele sabe algo, então eu vou saber também.” Ele leu de novo, olhando para o papel. “Minha Lima!”, ele dizia. “Em minha Lima. Ah! Minha Lima. Ah! Minha Lima. Puerto Ocopa. Puerto Ocopa. Padre. Ah! É o que o papel diz”, ele dizia enquanto olhava para o papel.

Então eu dizia para ele: “Primo, o que o papel está dizendo?”

“Ah! ‘Um padre chegou em Puerto Ocopa’, a mulher está me dizendo. Dizem que um padre chegou em Puerto Ocopa. Ele está vindo aqui. Ele vai viajar até aqui”, ele dizia.

“Então é isso”, eu dizia. Eu acreditava exatamente no que ele contava, que um padre ia chegar. Então um dia um grupo foi a Puerto Ocopa, e voltou com um padre. Ele cumpriu com o que tinha me dito. Então nós pensamos: “Talvez ele saiba mesmo ler, talvez ele saiba mesmo, e é por isso que a gente sempre fica sabendo dessas coisas.”

Outros diziam dele: “Ele não sabe nada, ele está mentindo.”

De novo, noutro dia, eu perguntei para ele: “Primo, quando você vai me ensinar?” Ele parecia estar muito bêbado. Enquanto ele estava naquele estado, eu o convenci: “Primo, me ensina a ler.” “Tudo bem, é como você quiser. Se você quer, você pode receber o papel”, ele dizia. “Vem aqui, vou te ensinar.” Eu fiquei do seu lado.

“Vamos lá, primo”, ele me disse. “Agora inclina a cabeça. Prepara o topo da sua cabeça.” Ele soprou na palma da mão e direcionou o ar para o topo da minha cabeça, limpando a garganta: “Haxxxx haxxxx!” Então soprou no topo da minha cabeça mais uma vez e depois as minhas costas. Ele soprou por toda a minha espinha. “Haxxxx! Olha, isso vai fazer você ler”, ele me disse, seriamente.

Eu achei que ele ia me ensinar a ler por meio dos meus olhos, mas ele inspirou fundo e me soprou, passando a leitura para o topo da minha cabeça, minha garganta e minhas costas. Ele me girava enquanto soprava: “Haxxxx haxxxx!” Ele colocou a leitura nas minhas costas. “Haxxxx haxxxx!”

“Primo, esse papel que você me deu, não vamos estragá-lo desrespeitando os resguardos”, ele me dizia. “De agora em diante você será capaz de ler. Você vai me entender. Você vai ouvir sobre o Pará e sobre a Europa. Você vai ficar sabido. Tem pessoas lá. Como isso poderia ser em vão?”, ele dizia.

“De agora em diante, você tem que fazer resguardo. Você não pode mais ficar bebendo cauim toda hora”, ele determinou, bem seriamente.

“Vou fazer isso, primo”. Eu acreditava. “Como ele me deu seu sopro?”, eu ficava pensando. Ele me dizia: “Achei que você acreditava.” “Sim, acredito em você, primo”, eu dizia. “Eu senti quando você me deu seu sopro. Eu o recebi.”

“De verdade? Você parece não acreditar totalmente em mim”, ele me dizia. Então eu ri. “Viu, você riu. O papel não vai entrar em você”, ele dizia. “Ha! Você não respeitou o resguardo”, ele dizia, duramente.

“Não, eu não desrespeitei o resguardo. Eu só ri de uma coisa engraçada que você me contou.” “Foi só isso mesmo? Então agora você vai saber como ler”, ele dizia. “Sempre que chegar um jornal, você vai ler, é você quem vai ler.”

Um outro garoto estava por ali, ele se chamava Palkoko. Nossa, como ele era danado! Ele estava sempre tirando sarro dos mais velhos. Ele dizia: “Escutem agora o papel que vou ler.” Ele tinha uma página na bolsa, ele estava levando para casa da sua avó. Sangama pegou a página dele, que era mais ou menos desse tamanho. “Escutem o que esse papel diz. ‘Um barco a vapor está se aproximando! Ele está a jusante. Dizem que vai chegar aqui amanhã de manhã, trazendo mercadorias’”, ele dizia.

Então aquele moleque pulou em cima dele e soltou um pum bem nas costas dele. Sangama ficou tão bravo que pegou um pedaço de pau e quase matou ele. O menino correu e ficou parado um pouco à distância, em pé, com as pernas afastadas. “Sangama é um mentiroso!”, o menino gritava, e continuava correndo, mantendo uma pequena distância para que Sangama continuasse tentando pegá-lo. “Esse homem vai me matar! Sangama vai me machucar!”

Sangama voltava e dizia: “Ele só quer me chatear me chamando de bigodudo, mas para mim isso é um privilégio. Primo, não seja como ele! Como esse daí. Ele nunca vai aprender a ler. Nunca vai saber nada. Ele não vai saber nem contar. Não vai saber nem ler aquilo que os Brancos chamam de ‘números’. Aquele moleque que soltou um pum na minha cara nunca vai saber nada!”, ele dizia.

Eu ria. “Você devia agarrar ele e dar uma boa surra”, eu dizia.

“Qualquer dia vou dar uma lição nesse garoto”, ele dizia. “Ele está sempre me pregando alguma peça. Então eu estou mentindo quando leio?! Não sou assim”, ele dizia. “Ele é que nunca vai saber nada.”

O que Sangama disse deve ter sido verdade. Uns tempos atrás, eu vi aquele garoto. Ele já tinha crescido, já era adulto, mas ainda não sabia

nada. Não sabia somar, não sabia nada. Não tinha nada que ele soubesse. Não tinha aprendido nem mesmo o que tinham ensinado para ele. Aquele menino que soltava pum estava completamente perdido. Na verdade, Sangama tinha botado um feitiço nele. Provavelmente era por isso que estava daquele jeito. Mesmo depois de grande, ele ainda não era uma pessoa decente, e não sabia de nada.

Sangama era assim. Ele era meu primo cruzado, sobrinho da minha mãe, parente da minha mãe. Por isso ele me conhecia e conhecia todo o nosso grupo. Ele era um homem mais velho. É por isso que, até hoje, não esqueci o que ele disse: “Um dia você também vai saber ler”, ele dizia para mim.

Eu penso nele hoje. O que ele dizia se cumpriu exatamente. Segui exatamente suas palavras. E consegui tudo isso. Por causa dele, continuei tentando aprender a ler. Ele foi o primeiro de nós a saber ler — talvez... Não sabemos. Não sabemos o que se passava na cabeça dele. Ele era um homem velho. Foi a primeira pessoa a nos explicar a leitura. Ele nos deixou muito felizes com isso. E todo mundo conhecia o nome dele como aquele que sabia ler. Como é que ele sabia? Ninguém nunca viu ele sendo ensinado. Talvez ele estivesse apenas mentindo — talvez não... Qual era a verdade?

Dizem que ele era gêmeo. Talvez seja por isso que ele pensava nessas coisas, que essas coisas apareciam na cabeça dele. Agora terminei de contar sobre ele. Conhecemos Sangama como a primeira pessoa que diziam que sabia ler.

Isso é tudo o que tenho para contar.

Nian Pissolati

Quer ver? Escuta*

Ler a História de Sangama é um aprendizado sobre escuta: a língua viva que lambe e anima o mundo, que nos encontra e nos modifica — a folha branca do jornal, o jovem aprendiz vacilante, os leitores das versões transcritas e traduzidas do registro sonoro de uma história contada há mais de um século. O fluxo de ar que sai da boca do xamã não cessa de produzir movimento, viagem premonitória lida em retrospecto por nós, a sermos lidos por outros, numa rede de implicações que permanece e se multiplica no tempo.

Muito se poderia dizer sobre o que a narrativa explicita em relação à violência colonial e seus paradoxos, sobre a fabulação e a criação da vida em meio às mercadorias e ferramentas que chegam pelo rio ou pelo anunciado barco a vapor que navegaria no céu. O discurso do xamã que incorpora a geografia encadeada da economia da borracha, que conecta virtualmente o corpo dos Piro em busca do *caucho*, no interior da floresta, às mãos dos patrões na foz dos afluentes, que por sua vez se ligam, rio grande abaixo, aos patrões de Manaus, depois aos de Belém, para atravessar o oceano e chegar ao padrão europeu. O discurso do xamã que torce as linhas escritas para falar de sua Manaus, sua Belém, sua Europa.

Ou pensar sobre o estatuto da escrita e do choque entre duas ontologias da magia. De um lado, aqueles que transmutam o papel em pedra no ato mesmo de gravar letras para tornar o balanço do mundo um sequenciamento de fatos registrados. De outro lado, os que encontram no papel um corpo vivo, cuja fala é compreensível àqueles cujos ouvidos e olhos foram preparados e

transformados adequadamente — habitar a floresta de letras não estaria, assim, tão distante do que é preciso saber para estar na mata.

Mas talvez, aqui, faça sentido observar o sopro e se demorar um instante. Porque ele é matéria sonora, faz-se presente como canto, fala, pensamento, sussurro; comunica e transforma o que toca. O enunciado do xamã que cura, protege ou ataca é um diálogo com gentes outras que humanas, tecido durante o próprio caminho da enunciação. Outros corpos, outras línguas, todos gente. Caminho instável, portanto, mais ou menos controlado, perigoso.

Daí a insistência do aprendiz na dúvida sobre Sangama, mesmo sendo, ele próprio, a materialização da eficácia do sopro do primo — já que aprendera a ler seguindo os resguardos e orientações do ancião. Afinal, a certeza não é exatamente uma virtude quando se sabe que o mundo é construído por línguas, olhos e ouvidos que não coincidem.

O papel é corpo, e fala, diz Sangama. O velho xamã ouve, lê e traduz o corpo tatuado da gente-papel, que subiu um dia o rio no barco a vapor para ir ter com o povo da floresta.

Ler, hoje ou amanhã, a história de Sangama é estar imerso em um jogo de espelhos, que reproduz ao infinito o desafio da relação. O mito da aquisição da escrita, afinal, é a história do encontro com a gente-papel. O velho xamã, numa curva de rio no baixo Urubamba, que conta ao primo sobre o que ouve dos traços inscritos nas folhas amassadas de jornais que trouxeram os brancos; o jovem aprendiz que prepara o corpo e recebe os sopros para ouvir a floresta e o papel; o homem maduro em que se transforma o mesmo aprendiz e conta para a missionária muitos anos depois sobre a leitura como aprendizado xamânico; a missionária que captura o som da voz do homem que fala sobre o primo mais velho que lhe conta sobre o papel; os missionários que fixam no papel o discurso do homem que narrou a história do parente; o antropólogo que lê a história depois de ter convivido com os descendentes distantes do homem que lia o papel; o comentador, que pensa e fala sobre os reflexos que consegue ler (e gostaria de ouvir) e escreve linhas em 2026 que talvez sejam lidas por outrem.

O fluxo do ar que sai da boca do xamã carrega o que aprendeu com a leitura-escuta: o mundo que virá, o mundo que foi e os caminhos possíveis nesse intervalo estendido.

* Nota das editoras: este título faz referência ao poema de Francisco Alvim, intitulado “Quer ver?”.

Édouard Glissant

Tratado do Todo-Mundo

‹fragmento›

TRADUÇÃO
Sebastião Nascimento

SELEÇÃO E NOTA
César Guimarães

SELECIONADO DE
Édouard Glissant. *Tratado do Todo-Mundo*.
Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2024.

Livro 2

Era o que ela dizia. Porque ela era capaz de viver aqui e lá, em vários lugares ao mesmo tempo, em vários tempos, ontem, amanhã, e porque ela afugentava a sorte. Adoramos acalantar nossos amores e nossas certezas num lugar bem forrado de pano ou de folhas, uma naninha. A ideia da errância nos parece vagabundagem e impudência do sentimento. Trilhar o além nos dá medo, porque não ardemos com a necessidade da conquista e não vemos por que, em razão disso, seria preciso sair a divagar por toda parte. Nossas imagens do mundo nos bastavam, elas deliravam por nós e em nós, sem que fosse preciso ir ver. E assim, sem saber, eu sentia medo de uma mulher capaz de o arrastar de um golpe a lugares imponderados, sem que você pudesse desviar pelo caminho. Nós pressentimos e sentimos, nós, homens, galos caboclos e pães-duros de choças, que, nessa tribulação que sempre lhes coube, as mulheres da nossa terra conduziram a barca do sonho e seguraram firme nas mãos as cordas da revolta e da ação e do sofrimento, com as quais as voltas são dadas a passos contados, tratando de não puxar muito a corda. Tamanho é o seu poder. Talvez as culpemos, mas, contando vantagens, seguimos inteiramente confusos.

Temos medo também do imprevisível e não sabemos como conciliar isso com um possível anseio de construir, isto é, de traçar planos. É preciso tempo para aprender esta maneira nova de trilhar o amanhã: contando com o incerto e preparando-se para o predizível.

Mas as mulheres não têm medo do incalculável.

Elas não são autorizadas a ver nem a tocar os Deuses, mas, melhor que qualquer encarregado do rito, elas os pressentem. Elas discernem de longe e são munidas de profecia, afeitas à psique no linguajar moderno, espãs impregnadas do imprevisível.

Eu já tinha experimentado o desdobramento. Tinha conhecido Oriamé no lugar que chamamos de a terra de origem e que não é a França, não, senhor, mas as terras da África.

Ela vivia numa cidade cujo nome me escapa, os nomes das cidades nesses tempos idos indicavam a função do lugar ou a cor das muralhas ou a localização: se elas margeavam a floresta ou se fncavam na savana seus muros de lama seca ou suas torres redondas refletidas em rios maiores que o mar. Mas o mar estava distante e aqueles que viviam perto dele não imaginavam

o que ele levava a outras paragens, protegido que estava por ressacas ferozes e barras impiedosas.

Nesses tempos idos, não havia tempo, exceto aquele que vai do meio da noite ao meio do dia.

Dizia-se que Oriamé, a obscura, havia nascido numa casa em que viviam três mulheres e onde um ferreiro havia passado a noite, uma noite. Ao acaso da penumbra, ele havia procriado. Quer dizer que a mãe de Oriamé se havia desvanecido no seio daquela noite, ela não fora percebida.

O ferreiro, que não se dignou a construir sua casa na vizinhança, tampouco queria trabalhar nas máscaras ou nas formas de nossos deuses, talvez conhecesse outros, mais poderosos e bem-aventurados. Ele havia fabricado ferramentas para cada um, sem exceção, sem esquecer sequer o caçula dos meninos que ainda viviam em casa com a mãe, e ele se foi, como se tivesse subitamente morrido, sem deixar para trás nada além desse alvoroço de foices, de cutelos e de tantos outros instrumentos, sem contar o rastro recém-traçado de Oriamé, do qual não tinha conhecimento. Partiu, aliviado do peso dos metais que trouxera até nós, para se juntar aos ancestrais e aos deuses, com quem ele tinha marcados lugar e data, mas para lá do tempo sabido, sob os braços de um baobá ou de uma sumaúma ou de um mogno-africano.

César Guimarães

Le Quatrième Siècle

Uma mulher negra, obscura princesa, se desloca entre diferentes tempos e lugares, num trágico e traumatizante périplo.

Em sua errância, livremente, ela desorienta os caminhos dos homens que dela se acercam. Atraídos pela viagem com que ela, andarilha-cigana, lhes acena — na barca do sonho ou ao percorrer os diversos países constelados em arquipélago —, se desprendem das forças que os fixavam a uma raiz, à posse de um território ou ao domínio de um reino.

Rebelde diante da violência e do sofrimento imposto pelos povos imperiais e conquistadores ao continente africano, ela se joga no mar, salta da amurada do navio negreiro Rose Marie, e reaparece no alto dos morros e no meio das florestas caribenhas. Nômade-liberta, ela é a fazedora de relações entre todos aqueles que, dispersados à força na travessia dos oceanos, semeiam e cultivam um conhecimento partilhado, no qual pulsa a multiplicidade de línguas, cantos, modos de viver e pensar.

Aquela que rejeitara qualquer senhor reaparece nas Américas criou-las diante de Édouard Glissant — em sua meditação experimental no romance *Tout-Monde* — e também para Mathieu Béluse, seu protagonista. Ao passar pelos limiares nos quais as divindades se aproximam e se distanciam dos humanos, ela adivinha as incertas linhas do futuro. Iniciados na leitura — nos traços da página ou da areia, no jogo dos búzios ou na consulta ao ramo do gengibre-concha — podemos escutar o seu belo nome de ancestral quilombola: Oriamé.

Júlia de Carvalho Hansen

Seiva veneno ou fruto

⟨poemas⟩

NOTA

Roberto Zular

NOTA DAS EDITORAS

Estes poemas são parte de *Seiva veneno ou fruto*, livro de Júlia de Carvalho Hansen publicado em 2016 pelas Edições Chão da Feira — a sua publicação nesta revista é também uma comemoração pelos dez anos daquela primeira edição.

SELECIONADO DE

Júlia de Carvalho Hansen. *Seiva veneno ou fruto*.
Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016. [2ª. edição: 2018]

Minha vida foi parar em outra galáxia
e escrevo para resgatá-la.
Mas entre mim e a vida
havia quem acreditasse
que as coisas que pensa
pensa por si próprio.

Seria um obstáculo.
Não falasse eu que ninguém pensa
por si próprio
não tinha que me fazer explicar
com minhas calças vermelhas
meu casaco monogramado
R. de ressentimento
esburacando a minha língua.

É a explicação a origem
do buraco negro
em que estamos.
No buraco negro
deslizam as paredes
se as tentamos agarrar
quando chegamos nisso
que não há.

Como chegamos lá?
Ao morrer. Você morre
e sua matéria
fica na terra, certo?
Ou se dissipa no fogo
a matéria do teu corpo.
Aquilo em ti que te anima
o cão da tua respiração
a faca que são teus olhos
teus cabelos, teus corvos

aquilo que morde a tua dentição
e vibra fibra músculo enfim
a tua alma mesmo
e tudo aquilo que é invisível em você
é tragado (invisivelmente)
para o buraco negro.
As cáries, os pergaminhos egípcios
as colheres que você entortou abrindo latas
não. Isso definha na terra.
Sete palmos.

Procuro no vento
a consciência das plantas.
Noto que o que se eleva
tem raiz. Recuo mil anos
para afirmar: mil anos!
E conquistar
o silêncio? Adiante.
Se está em algum lugar
a experiência dos deuses
mora nas frutas.

Eu quero ver o que o canto ensina a ver.
Curiosa capacidade das plantas de iluminarem o cantar
e assim fazerem o que não sabem fazer: cantar.

Milênios seja! pela via
da massagem, da poesia ou da faxina
através da fumaça, do tabaco
& da bruta flor do querer
cantofalamos
nos sonhos pisando
na lâmina e descansando
na lama dos pensamentos
meditados, dos atos
percebidos ou atormentados
pela dança da presença
com uma criança ter contato
por palavra, respiração e pele
abrir o botão de uma rosa
com os dedos
é aceitar os dons
mágicos afinando
as cordas vocais
dos analistas
de geometrias
da família
lavando os armários com água
forte irrompe rochas, cadeados
feito *logins* abrindo, rompendo
rolando cascalhos e léguas!
subindo escadarias e montanhas
de empecilhos, aos solavancos
na estrada abaixo
do esquecimento e do desgaste
que a reza dos gramáticos encerra
o inconsciente se move
O tempo todo.

Senhora soberana
da escarpa rochosa em declive
quando for a minha vez
talvez eu sinta medo
talvez eu vire assombração.
Quem sabe num raio, num muro
ou encolhendo passo a passo
trincarei a mandíbula tentando
barrar na boca o pastoso da paz.
Não se impede o anoitecer.
Serei o animal que pelo peito morre
no mesmo peito em que viveu
coberta por pedras
aprenderei a ser ninguém?
Talvez não, eu seja
o clarão que vi.

Estou sempre à espera de ver.
Vou na frutaria de olhos muito abertos
vez em quando meus ombros se fecham
quando muito chama a ver. Temem o fogo
que se alastra entre estalos nas estruturas.

Preciso dissolver um pouco dos vigiantes olhos
para encontrar todos os olhares que tenho por onde.
É assim que vejo também a confusão.
A confusão tem algumas coisas para me ensinar.
Essa pouca relação é a nossa.
Meu esteio é claro quando estou pisando
meu chão diamantado de dentes
de cada animal que comi para me tornar
humana. E assim poder dizer.

Mas eu sei
sou tão pontual
nasci para esperar
os deuses não.
Dia desses
ganharei outra velocidade.
Serei planta.
E hei de continuar
iluminada
pela água.

É preciso recriar o acontecer.
Dispor de lã para o inverno
ouvidos para as mensagens
e peles para marcar os sinais
com a ponta do dedo em brasa.
É preciso saber
as regras dos jogos
como extrair os venenos
e que palavras abrem portas
nas orações que ainda não foram compostas.

É preciso retomar a saída da cidade
alimentar os estrangeiros chegados na madrugada
e que depois de terem os pés lavados
acenderam suas fogueiras.
Fornecemos mais do que gravetos e faíscas em gel
mas também papel para que ardessem
ou escrevessem as técnicas de suas civilizações
nas quais o vento tem outros significados
pois as asas de seus deuses batem desde o oeste
e por aqui todos sabem que os deuses vêm da América do Sul.

Os estrangeiros às vezes têm ideias estúpidas
mas não vamos protegê-los de si mesmos
preciso é retirá-los de perto da falésia
para que não caiam nem decidam partir.
É preciso dar a eles a agricultura
pois são o ventre deste país
embora não saibam trazer a chuva
pelo menos respeitam as pragas
e evitam as devastações.
É preciso aquecer os músculos e hidratar a garganta
dar escudos duros e afiar as lanças dos que combatem
protegendo as pedras que dão água.
É preciso não salvar os mortos

mas limpar as ruínas de suas guerras
sem arrancar as ervas daninhas.
É preciso fornecer plantas para a sombra
e luzes no lugar dos olhos
daqueles que perderam a cabeça.
É preciso acolher os feridos
e deitar sal e cinzas
nos seus ferimentos.
É preciso acalmá-los.
E acalmá-los é dar guarida ao breu em que estão.

Roberto Zular

A magia é recriar o acontecer

Li pela primeira vez *Seiva veneno ou fruto* em uma viagem de avião em 2016, pouco depois de sua publicação. Meu pés, sob o tremor das turbinas, reverberavam outros tremores. Do céu, da terra? O corpo vibrava de um modo que só aquelas palavras poderiam fazer. E naquele momento da leitura estava exatamente sobrevoando a Amazônia. O leitor dirá: coincidência! E terá acertado na mosca. Trata-se de um livro onde os acontecimentos co-incidem e que pensa a vida e a poesia como uma ética em que “é preciso recriar o acontecer”. E recriar aqui significa que os acontecimentos não são fatos anteriores, mas algo que é produzido pela magia das co-incidências de experiências e mundos, entre elas o próprio poema.

E recriar o acontecer é ainda dar de cara com o destino. Aceitar, no contato com a multiplicidade de seres que nos dão vida, o abismo do inesperado: o ser das seivas, o que vem com os venenos ou o fruir dos frutos. Pensar-se com esse vir-a-ser é aceitar que somos pensados por outros seres, atravessados por diferentes tempos, habitados por buracos negros, falados pela linguagem ou tocados pela “consciência das plantas”. Não se trata apenas do que vamos encontrar, e sim do que nós mesmos vamos nos tornar a partir desses encontros com o inesperado.

Muito da magia de *Seiva veneno ou fruto* vem desse lugar de espera e espanto diante da multiplicidade de possibilidades que nos habitam. E essa magia acontece por ser um livro que produziu um giro na poesia brasileira que recolocava esse acionamento de mundos — a própria magia — no interior pulsante do poema. Deuses, espíritos, mortos, plantas, planetas, placas tectônicas, expulsos pela porta da frente de uma certa modernidade, voltavam pela janela da subjetividade poética, criando um ritmo e um imaginário que resplandecem de um outro modo.

E os poemas dão ainda mais um passo, como na prática reconhecida por muitos xamãs, porque não separam magia e técnica, como, aliás, já propunha Walter Benjamim. Isso significa que essa virada vegetal, cosmológica, ontológica, como se queira chamar, não perde em nenhum momento a própria dimensão poética: “eu quero ver o que o canto ensina a ver”.

Mágica, portanto, é a capacidade de tornar poética todas essas viradas, colocando o poema como propulsor da multiplicação dos meios: “pela via/ da massagem, da poesia ou da faxina/ através da fumaça, do tabaco/ & da bruta flor do querer/ cantofalamos”. O que significa fazer com que o poema — como um meio entre meios — passeie pelas muitas camadas e dimensões da experiência. Para isso, é preciso que o poema vá para além dele mesmo, tocando a experiência dos deuses nas frutas, passando das lascas de pratos ao celestial, da pedra de sal da língua aos relógios naturais, do movimento das plantas ao de outras galáxias. Ao mesmo tempo, é preciso que todos esses movimentos ganhem corpo no corpo a corpo com o poema.

E então o poema se faz partitura, não apenas para uma música das esferas, mas para uma dança dos corpos — vegetais, humanos, celestes — em um campo de vibrações e ressonâncias que as palavras agenciam. Afinal, retomar a magia das palavras é tratá-las pelo que elas são: vibrações e ressonâncias de esferas de sons e de sentidos sempre por fazer e que produzem outras corporalidades.

Há magia onde há transformação. De almas, corpos, mortos, linguagens e, de preferência, disso tudo junto e muito mais. Apostar nesse lugar incontrolável dos atravessamentos de mundos é a arte da qual Júlia de Carvalho Hansen se torna cada dia mais uma mestra.

Que alguns rastros dessas transformações cheguem a nós na forma de poemas é daquelas alegrias que só a magia explica.

Amos Tutuola

O bebedor de vinho de palma e seu finado fazedor de vinho na Cidade dos Mortos ‹fragmento›

TRADUÇÃO
Fernanda Silva e Sousa

NOTA
Pedro Bomba

NOTA DAS EDITORAS

Publicado em Londres em 1952, este livro de Amos Tutuola foi traduzido e publicado em 2024 no Brasil, e, no posfácio à edição brasileira, a tradutora Fernanda Sousa e Silva desdobra o modo como o *broken english* de Tutuola rasura a norma da língua e dilata o real, afastando-o das convenções da verossimilhança — ela escreve: “O ‘real’, em Tutuola, é tudo que é vivo e se transforma, é tudo que encanta e pode ser encantado, é tudo que é invisível e insondável.”

SELECIONADO DE
Amos Tutuola. *O bebedor de vinho de pala e seu finado
fazedor de vinho na Cidade dos Mortos*. Trad. e posfácio de
Fernanda Silva e Sousa. São Paulo: Carambaia, 2024.

Numa manhã muito bonita, peguei todos os meus *jujus** e os *jujus* de meu pai e saí da cidade natal dele para descobrir onde andava o meu finado fazedor.

Naquela época havia muitos animais selvagens e todo lugar era cheio de matas fechadas e florestas; e cidades e vilarejos não ficavam tão perto uns dos outros como hoje, e enquanto eu andava de mata em mata e de floresta em floresta dormi por muitos dias e noites nos galhos das árvores porque os espíritos etc. eram como parceiros, mas também para me proteger deles. E eu podia passar dois ou três meses ali antes de chegar numa cidade ou num vilarejo. Toda vez que eu chegava numa cidade ou num vilarejo, eu passava quase quatro meses lá tentando encontrar meu fazedor de vinho entre os habitantes da cidade ou do vilarejo, e se ele não aparecia, daí eu ia embora e continuava minha jornada para outra cidade ou vilarejo. Depois de sete meses que eu tinha deixado minha cidade natal, cheguei numa cidade e fui até um velho, esse velho não era um homem de verdade, era um deus e quando cheguei lá ele estava comendo com a esposa. Quando entrei na casa cumprimentei os dois, eles me trataram bem, se bem que ninguém devia entrar na casa dele daquele jeito pois ele era um deus, só que eu também era um deus e um homem-*juju*. Daí falei pro velho (deus) que eu estava procurando o meu finado fazedor de vinho de palma, que tinha morrido na minha cidade tempos atrás, ele não me respondeu nada, mas perguntou primeiro qual era o meu nome. Respondi que meu nome era Pai dos Deuses e que podia fazer de tudo nesse mundo, daí ele perguntou: “Isso é verdade?”, e eu disse que sim; depois ele me falou para ir até o ferreiro local de sua confiança num lugar desconhecido, ou que estava morando em outra cidade, e trazer exatamente a coisa que ele tinha pedido pro ferreiro fazer. Ele disse que se eu conseguisse trazer a coisa que ele

* [Nota da tradutora] Comum em países do oeste africano, como na Nigéria, *jujus* são objetos sacralizados por rituais e poderes divinos, detentores de uma energia que pode ser acionada, como um feitiço lançado, para atingir algum propósito ou provocar alguma transformação. Amuletos, patuás, mascotes são exemplos de objetos que podem ser *juju*, desde que tenham sido sacralizados por sacerdotes ou curandeiros. O portador de um *juju* fica protegido contra infortúnios e espíritos ruins.

tinha pedido pro ferreiro fazer, aí ele ia acreditar que eu era o Pai dos Deuses Que Podia Fazer de Tudo Nesse Mundo e ia me contar onde estava o meu fazedor de vinho.

Assim que esse velho me contou ou me prometeu isso, fui embora, mas depois de andar 1,5 quilômetro usei um dos meus *jujus* e me transformei logo num pássaro enorme e voei de volta pro telhado da casa do velho; e enquanto eu estava em cima do telhado da casa dele, muita gente me viu ali. Elas se aproximaram e olharam para mim no telhado, então quando o velho percebeu que muitas pessoas estavam rodeando a casa e olhando pro telhado, ele e sua esposa saíram de casa e, ao me ver (pássaro) no telhado, ele disse pra esposa que se não tivesse me mandado até o ferreiro local para trazer o sino que ele pediu pro ferreiro fazer, ele ia me pedir para dizer o nome daquele pássaro. No mesmo instante que ele falou isso, eu soube o que ele queria do ferreiro e voei até o ferreiro, daí quando cheguei lá eu contei pro ferreiro que o velho (deus) me falou para trazer o sino que ele tinha mandado fazer. Aí o ferreiro me deu o sino; depois voltei até o velho com o sino e quando ele me viu com o sino, ele e a esposa ficaram surpresos e chocados na hora.

Depois ele pediu pra esposa me dar comida, mas após eu ter acabado de comer ele me disse de novo que ainda tinha outro trabalho maravilhoso para eu fazer antes de me falar onde estava o meu fazedor de vinho de palma. Às seis e meia da manhã do dia seguinte, ele (deus) me acordou e me deu uma rede grande e forte que era da mesma cor da terra da cidade. Ele me pediu pra sair e tirar a Morte da casa dela com a rede. Quando estava a pouco mais de 1 quilômetro da casa dele, vi uma encruzilhada e fiquei em dúvida quando cheguei na encruzilhada, eu não sabia qual delas era a estrada da Morte, e quando pensei comigo mesmo que era dia de feira, e os fregueses logo estariam voltando da feira, eu deitei no meio da encruzilhada, apontando minha cabeça para uma das estradas, minha mão esquerda para um lado, minha mão direita para o outro, e meus pés pro resto, depois fingi que tinha dormido lá. E quando os fregueses da feira estavam voltando da feira, eles me viram deitado lá e gritaram: “Cadê a mãe desse belo menino que dormiu na estrada e botou a cabeça virada pra direção da estrada da Morte?”.

Daí eu comecei a andar na estrada da Morte, e demorei umas oito horas para chegar lá, mas pra minha surpresa eu não encontrei ninguém nessa estrada até chegar lá e fiquei com medo por causa disso. Quando cheguei na casa dela (Morte), ela não estava em casa naquele momento, ela estava em sua horta de inhame, que era muito perto da casa, e eu encontrei um tamborzinho deitado na varanda, daí batuquei pra Morte como um sinal de saudação. Mas quando ela (Morte) ouviu o som do tambor, ela perguntou assim: “Esse

homem ainda está vivo ou já morreu?”. Então eu respondi: “Eu ainda estou vivo, eu não morri”.

E no mesmo instante em que ela ouviu isso de mim, ela ficou muito aborrecida e mandou, com uma voz peculiar, que as cordas do tambor me amarrassem; de fato, as cordas do tambor me apertaram tanto que eu mal conseguia respirar.

Quando eu senti que aquelas cordas não me deixavam respirar e que cada parte do meu corpo estava sangrando muito, eu mesmo ordenei que as ramas do inhame da horta amarrassem ela ali e que as estacas do inhame comessem também a bater nela. Depois que falei isso, todas as ramas do inhame da horta, ao mesmo tempo, amarraram ela com força e todas as estacas de inhame bateram nela sem parar, daí quando ela (Morte) viu que as estacas estavam batendo nela sem parar, ela mandou as cordas do tambor me soltarem, e na mesma hora me soltaram. E quando eu vi que estava solto, mandei as ramas de inhame soltarem ela e as estacas de inhame pararem de bater nela, e logo ela foi solta. Depois de ser solta pelas ramas e estacas de inhame, ela veio até a varanda da casa me encontrar, daí a gente apertou as mãos e ela me convidou para entrar na casa, me arranhou um de seus quartos e passado um tempo me trouxe comida e a gente comeu juntos, depois começou uma conversa que foi assim: ela (Morte) me perguntou de onde eu vinha, respondi que vinha de uma cidade que não era muito longe dali. Aí ela perguntou o que é que eu vim fazer e eu disse que andava ouvindo sobre ela na minha cidade e em todo o mundo e que pensei comigo mesmo que eu devia um dia visitar ela ou conhecer ela pessoalmente. Depois ela me respondeu que seu trabalho era só matar as pessoas do mundo, daí ela levantou e me disse para eu ir atrás dela e eu fui.

Ela me levou para conhecer sua casa e também sua horta de inhame, me mostrou os ossos de esqueletos de gente que ela tinha matado uns cem anos antes e me mostrou muitas outras coisas também, e lá eu vi que ela estava usando ossos de esqueletos de gente como lenha e crânios humanos como tigelas, pratos e copos etc.

Ninguém morava perto dela ou com ela ali, ela morava sozinha, mesmo bichos da mata e pássaros ficavam bem afastados de sua casa. Então, quando eu quis dormir de noite, ela me arranhou uma grande coberta preta e um quarto separado para dormir, quando entrei no quarto encontrei uma cama que era feita de ossos de gente; mas como essa cama era horrível só de ver ou dormir, eu dormi debaixo dela porque eu já conhecia o truque da Morte. Mas essa cama era tão horrível que eu não consegui dormir debaixo dela quando deitei por causa do medo que eu estava dos ossos de gente, daí

eu fiquei deitado lá acordado. Minha surpresa foi ver, lá pras duas da madrugada, alguém entrar no quarto com cuidado e com um porrete pesado nas mãos, ela se aproximou da cama onde tinha falado pra eu dormir, daí bateu na cama com toda a força, bateu no meio da cama três vezes e voltou com cuidado, ela achou que eu estava dormindo na cama e também achou que tinha me matado.

E aí, de manhã bem cedinho, eu acordei primeiro e fui até o quarto onde ela estava dormindo, eu acordei ela, daí quando ela ouviu minha voz ela se assustou tanto que não conseguiu me cumprimentar de jeito nenhum quando levantou da cama, porque ela pensou que tinha me matado na noite passada.

E no segundo dia que eu dormi lá ela não tentou fazer mais nada, mas eu acordei às duas da madrugada e fui pra estrada que ia me levar até a cidade e andei uns 400 metros da casa dela até a estrada que dava pra cidade, aí eu parei e cavei um buraco do tamanho dela (Morte) no meio daquela estrada, depois joguei naquele buraco a rede que o velho tinha me dado pra trazer ela (Morte), voltei pra casa dela e ela continuou dormindo enquanto eu estava preparando essa armadilha.

Às seis da manhã fui até a porta dela e acordei ela como de costume, daí eu disse pra ela que eu queria voltar para a minha cidade agora de manhã e que eu queria que ela me acompanhasse até uma parte do caminho; daí ela levantou da cama e começou a me acompanhar como eu pedi, mas quando ela me guiou até onde eu tinha cavado, eu pedi pra ela sentar ali e eu sentei na beira da estrada, daí quando ela sentou na rede ela caiu no buraco e sem pestanejar eu enrolei ela na rede, pus ela na minha cabeça e continuei indo pra casa do velho que tinha me pedido pra buscar a Morte pra ele.

Enquanto eu ia carregando a Morte pela estrada, ela tentava com todas as forças escapar ou me matar, mas não dei chance pra ela. Quando eu já tinha andado umas oito horas, cheguei na cidade e fui direto pra casa do velho que tinha me pedido para buscar a Morte na casa dela. Quando cheguei na casa do velho, ele estava no quarto, daí eu chamei ele e disse que eu tinha trazido a Morte que ele tinha pedido para eu buscar. Mas assim que ele me ouviu dizer que eu tinha trazido a Morte e viu ela na minha cabeça, ele ficou muito assustado e alertou que achava que ninguém ia conseguir pegar a Morte na casa dela e trazer, daí ele me pediu para levar ela (Morte) de volta pra casa logo, e ele (velho) voltou às pressas pro quarto e começou a fechar as portas e janelas, mas antes de conseguir fechar duas ou três janelas, eu joguei a Morte na frente da porta dele e, assim que eu joguei ela no chão, a rede se desmanchou e a Morte deu um jeito de escapar.

Então o velho e a esposa escaparam pelas janelas e também todo o povo da cidade correu para salvar a própria pele e abandonou suas propriedades lá. (O velho achou que a Morte ia me matar se eu fosse até a casa dela, porque ninguém podia chegar na casa da Morte e voltar com vida, mas eu já sabia do truque do velho.)

Daí que desde aquele dia que eu tirei a Morte da casa dela, ela não tem lugar fixo para morar ou ficar, e a gente fica ouvindo o seu nome pelo mundo. Foi assim que eu levei a Morte pro velho que pediu para eu buscar ela antes de ele (velho) me contar por onde andava o meu fazedor de vinho de palma que eu estava procurando antes de chegar naquela cidade e ir até o velho.

Mas o velho, que tinha me prometido que se eu conseguisse ir até a casa da Morte e trazer ela ia me contar onde estava o meu fazedor de vinho de palma, não conseguiu esperar para cumprir a promessa porque ele mesmo e a esposa escaparam por um triz da cidade.

Então eu deixei a cidade sem saber onde meu fazedor de vinho estava e comecei uma nova jornada.

Pedro Bomba

Pichações

Nos muros das vilas os
seguintes dizeres:

1.

Pior que morrer trabalhando
é trabalhar depois de morto

2.

Pior que a morte solta
é um patrão desesperado

3.

EPI para todos os fazedores
de vinho de palma ou asas
ou sete vidas

4.

Mais valem 10 barris por dia
do que um fazedor morto

5.

Pior que uma invenção ruim
é invenção de gente rica

6.

Vocês que são deuses
que se entendam

7.

Não prometa nada
que a morte possa lhe tirar

8.

Ao nosso camarada
Melhor Fazedor De
Vinho De Palma Do
Mundo, saudade
eterna.

Jalaludin Rumi

A Evolução da Forma e outros poemas

TRADUÇÃO E NOTA
Lena Yunis

NOTA DAS EDITORAS

Os poemas aqui reproduzidos foram gentilmente selecionados por Lena Yunis e anteriormente publicados, respectivamente, nos seguintes livros:

Jalal ud-Din Rumi. *Poemas místicos: Divan de Shams de Tabriz*. Seleção, tradução e introdução de José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar, 2010;

Adalberto Alves. *No vértice da noite*. Lisboa: Argusnauta, 2007; Jalâl ad-Dîn Rûmî. *A flauta e a lua: poemas de Rûmî*. Organização e tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

O primeiro poema é uma retradução a partir do inglês feita por José Jorge de Carvalho; o segundo é uma tradução direta do persa ao português de Portugal feita por Adalberto Alves e Sepideh Radfar; o terceiro, uma tradução mista de Marco Lucchesi. O último poema é uma tradução inédita do persa feita por Lena Yunis.

A Evolução da Forma

Toda forma que vês
tem seu arquétipo no mundo sem-lugar.
Se a forma esvanece, não importa,
permanece o original.

As belas figuras que viste,
as sábias palavras que escutaste,
não te entristeças se pereceram.

Enquanto a fonte é abundante,
o rio dá água sem cessar.
Por que te lamentas se nenhum dos
dois se detém?

A alma é a fonte,
e as coisas criadas, os rios.
Enquanto a fonte jorra, correm os rios.
Tira da cabeça todo o pesar
e sorve aos borbotões a água deste rio.
Que a água não seca, ela não tem fim.

Desde que chegaste ao mundo do ser,
uma escada foi posta diante de ti,
para que escapasses.
Primeiro, foste mineral;
depois, te tornaste planta,
e mais tarde, animal.
Como pode ser isto segredo para ti?

Finalmente foste feito homem,
com conhecimento, razão e fé.
Contempla teu corpo — um punhado de pó —
vê quão perfeito se tornou!

Quando tiveres cumprido tua jornada,
decerto hás de regressar como anjo;
depois disso, terás terminado de vez com a terra,
e tua estação há de ser o céu.

Passa de novo pela vida angelical,
entra naquele oceano,
e que tua gota se torne mar,
cem vezes maior que o Mar de Oman.

Abandona este filho que chamas corpo
e diz sempre “Um” com toda a alma.
Se teu corpo envelhece, que importa?
Ainda é fresca tua alma.

Morri, era eu pedra:
tornei-me planta.

fanei-me enquanto flor:
fui animal,

faleci, era então bicho:
humano me tornei.

que hei-de, pois, temer?
serei agora menos, ao morrer?
quando minha humanidade perecer
e as asas eu abrir também
entre anjos minha cabeça hei-de erguer.

quando meu ser angélico for sacrificado,
serei o que a imaginação já não contém.

O amado repousava no jardim.
Então pensei: “Hei de tirar-lhe um pêssego”.

Não dormia. Sorriu-me e disse: “O lobo
pode tomar a presa do leão?”

Como ordenhar uma nuvem,
se ela não for generosa?

Como pode o não ser criar o ser?
Somente Deus tira o ser do não ser.

Espera, como não-ser: o Selam
foi dado na vigília da oração.

Ergue-se o fogo
deita-se a água,
e ela, tão leve,
dissolve o fogo.

Quando se aquietam os lábios, mil línguas
ferem o coração. Não O provoques.

Morri mineral, na flor renasci
De erva fenecida, animal ressurgi

Abatida a fera, feito Adão revivi
O que temer se nunca parti?

De súbito, deixarei o humano
até que me cubram asas de anjo

e a pó de anjos serei posto
Tudo perece exceto o seu rosto

Entre celestiais irei rebrotar
dentro do inacessível me dissipar

Lena Yunis

Magia persa no poema de Rumi

A palavra “magia” tem origem persa, derivada do termo *magi* (plural *magus*), que designava os sacerdotes das religiões persas antigas e significava propriamente “sábio”. Assim, magia, originalmente, significa sabedoria e conhecimento das coisas aparentes e ocultas, manifestas e imanifestas, materiais e espirituais, tendo adquirido conotações diversas em outras línguas a partir do grego. O sentido e o uso do termo mudam ao longo do tempo: se na antiguidade grega ele designava formas de manipulação de elementos, tempo e energia, na chamada era de ouro islâmica (que se inicia no século VIII em Bagdá com a tradução de textos científicos e filosóficos do grego, persa, hindu, hebraico etc.), em árabe ele passa a designar o ramo específico da manipulação simbólica conexo à astrologia, à alquimia e à confecção de talismãs. Na Europa medieval e moderna, a magia preserva algo desse sentido, ainda associado à sabedoria e ao conhecimento dos princípios naturais e preternaturais ou divinos — daí que todo o conhecimento científico vindo do Oriente foi associado à bruxaria e ao estudo e prática do ocultismo nos tempos da Inquisição. Ainda sobre o conceito islâmico de magia, é interessante ressaltar que, por influência da ciência chinesa na alquimia e astrologia persas, a noção da alquimia interna irá influenciar a mística sufi, tida como ciência experiencial paralela ou complementar à teologia, esta última considerada a ciência suprema no Islã pré-moderno.

Pela noção zoroastriana, a sabedoria viria ao mago na forma de intuições captadas em meditações junto aos elementos naturais das divindades, especialmente Ahura Mazda (Senhor Sábio), manifesto em sol e fogo, e divindades da água, terra, metais e céu, e dos reinos vegetal e animal. No contexto

abraâmico monoteísta islâmico, o místico experimenta a intuição como um acesso direto às verdades superiores na dimensão interior (imaginária, subjetiva, anímica), em contraste com a exterior (sensória, racional). Essas verdades são emanadas diretamente do único Deus. Ele pode ainda sentir os estados anímicos dos reinos mineral, vegetal, animal, humano e celestial, embora nesse caso não se trate de entidades divinas, mas de formas de vida em uma escala evolutiva que vai da mais elementar até o nível divino. Ao contrário do que presume a noção europeia, ou a hermética, o místico não manipula energias, mas entra em sintonia com a natureza dos elementos, seres e outras almas e com as forças cósmicas por meio de uma afinação do corpo e da alma com o movimento dos astros, a potência dos anjos e a intenção de Deus. É nesse sentido que a dança da unidade do mestre persa Jalaludin Rumi, fundador da ordem dos dervixes rodopiantes de Konya, representa a mais alta forma de magia: ao experimentar o movimento cósmico, do plano mais elementar da matéria ao mais diáfano, experimenta-se o mistério de toda a existência.

Assim como a música, a leitura poética pode ser uma forma de experiência mística — ao ler, somos convidados a realizar nossa alquimia interna, desde que estejamos atentos ao que o poema evoca em nós. Como se trata de poesia estrangeira, escrita ademais em um alfabeto desconhecido dos leitores em português, escolhi apresentar aqui não apenas a minha versão de um trecho do *Masnavi* de Rumi que exprime a noção mística e mágica da transmutação, mas também versões de outros tradutores que abriram o caminho para que ele chegasse a nós. Traduzir já é, por si só, uma forma muito particular de alquimia mística, e foi assim, graças a milhares de tradutores em inúmeras línguas, que sua poesia permaneceu viva ao longo de mais de oitocentos anos.

Registro
Bronisław Malinowski

Quatro fórmulas mágicas das Ilhas Trobriand

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E NOTA
Guilherme Gontijo Flores e Ian Packer

NOTA DAS EDITORAS

Estes cantos vêm das Ilhas Trobriand, que formam um arquipélago de corais no Mar de Salomão, na Papua-Nova Guiné, no sudoeste do Oceano Pacífico. Quem os registrou na língua kivila foi Bronisław Malinowski, que também os analisou, comentou e traduziu para o inglês no livro *Coral gardens and their magic*, publicado em 1935. É Malinowski quem dá o nome de “fórmulas” a estes e outros feitiços verbais com diversos propósitos — naqueles que publicamos aqui, o intuito é reunir energias mágicas para cultivar um jardim.

SELECIONADO DE
Bronisław Malinowski. *Coral gardens and their magic*.
Londres: Routledge, 1935.

Fórmula 3

Este mato é mau, meu ancestral!
Porco-briguento, porco-rochedo,
 porco-cercado, porco-fareja,
 porco-focinho, porco-feioso,
 porco-ferino,
o ouvido é vela,
 o rabo é leme.

Eu chuto o teu traseiro;
 eu te mando pra longe;
vá lá para Ulawola,
 volte pra donde veio!
Teu olho se incendeia,
 teu imo se revira.

Fórmula 4

Eu te talho, meu jardim.
Eu torno de machado-em-flor
 o ventre em meu jardim.
Ele se ergue, fica ali;
 ele se ergue, fica aqui.

Fórmula 5

Quem se senta e benze o ventre
de Yema, o bosque vedado?
Quem se senta e benze o ventre
do bosque vedado Yema?

Sou eu mesmo, Yayabwa, com Gagabwa,
que sentamos e benzemos
fazendo óleo de coco
lá no ventre do Yema.

Levanta-se o ventre do meu jardim.
Alteia-se o ventre do meu jardim.
Reclina-se o ventre do meu jardim.
Ergue-se-aninha-se o ventre do meu jardim.
Formigueira-se o ventre do meu jardim.
Ergue-se-curva-se o ventre do meu jardim.
Arvoreia-se o ventre do meu jardim.
Deita-se o ventre do meu jardim.
Aflora-se o ventre do meu jardim.
Aflora-se um filho no ventre do meu jardim.

Fórmula 6

Eu te acerto, solo e chão;
cinda e medre, solo e chão;
estremeça, solo e chão;
refloresça, solo e chão;
refloresça um filho, solo e chão.

Eu te acerto, solo e chão;
cinda e medre, solo e chão;
estremeça, solo e chão;
refloresça, solo e chão;
refloresça um filho, solo e chão.

Fórmula 3

I.

Da kaygaga-si tomwaya!
Buriyowa'i, buriyasila, burigado'i, bulakayulo, burokapatata,
burokapasi'u, buritolaviya.
Um laya tayga-m, um kuriga yeyu-m.

II.

A-vala o sibu-m; a-vasalay-m, ku-wa; ku-la o Ulawola; ku-uyaki
tubwalo-m!
I-gubu-ki mata-m; i-pakay-ki nano-m.

Fórmula 4

A-tay-m ulo buyagu.
A-talilakema lopou-la ulo buyagu.
I-guba'i, i-towa; i-guba'i, i-toma.

Fórmula 5

Avayta'u i-silavila o lopou-la Yema?

Avayta'u i-silavila o lopou-la Yema?

Yaygula'i Yayabwa, so-gu Gagabwa, ka-silavila, ka-yobulami, ka-yomwatewa o lopou-la Tema.

I-gebile lopou-la ulo buyagu; i-tokaye lopou-la ulo buyagu; i-takubila lopou-la ulo buyagu; i-gibage'u lopou-la ulo buyagu; i-kabwabu lopou-la ulo buyagu; i-gibukwayu'u lopou-la ulo buyagu; i-gibakayaulo lopou-la ulo buyagu; i-tawaga lopou-la ulo buyagu; i-kabina'i lopou-la ulo buyagu; i-kabinaygwadi lopou-la ulo buyagu.

Fórmula 6

A-way-m, pwaypwaya; ku-tavisi, pwaypwaya; kw-iga'ega, pwaypwaya; kw-abinafi, pwaypwaya; kw-abinaygwadiy pwaypwaya.

A-way-m, pwaypwaya; ku-tavisi, pwaypwaya; kw-iga'ega, pwaypwaya; kw-abinafi, pwaypwaya; kw-abinaygwadiy pwaypwaya.

Guilherme Gontijo Flores

O rito *yowota*, a tradução

Como em tantos ritos, estamos vindo de outro, e assim se dá a cena. Depois de entoar duas fórmulas que acumulam magia no machado, o feiticeiro Bagido'u se prepara com um jejum, enquanto seus companheiros usam vestes festivas e se posicionam em grupo. Assim ele começa o ciclo de jardinagem, recitando as quatro fórmulas apresentadas. Primeiro, o feiticeiro chega ao terreno do jardim e o considera ainda ruim, enquanto se dirige à comunidade e a espíritos ancestrais (*tomwaya*) e depois aos porcos do mato (*huri*) que habitam a cidade de Ulawola, perto de Kuluvitu. É a fórmula 3, em que o feitiço é entoado numa melodia pouco marcada. Em seguida, passam todos a talhar a mata boa que há de ser o jardim, enquanto galhos vão sendo inseridos no solo, *i-guba'i*, *i-toma* — temos a fórmula 4. O feiticeiro então esfrega sementes sobre o solo, enquanto invoca Yayabwa e Gagabwa, dois *bilibaloma*, espíritos ancestrais detentores do feitiço do cultivo. Estamos na fórmula 5, em que o feitiço é entoado em frases com pergunta e resposta e faz referência a Yema, um bosque entre Lu'ebila e Kaybola, de trânsito vedado aos humanos. Entramos na última sequência, recitada com a força de uma ordem, quando Bagido'u acerta o solo com seu cajado enfeitiçado e todo o grupo lança o longo grito *tilaykiki*. Cada um corre até seu ponto do jardim e repete partes da cerimônia com um machado — é a fórmula 6. Agora, cada machado está dotado da mágica do ritual.

Sem saber uma palavra de kivila, a língua falada pelo povo Trobriand, de Papua-Nova Guiné, me deixei encantar pela poesia de seus cantos. Conferindo aspectos do texto transcrito por Malinowski e mergulhando em suas notas e comentários, recorrendo ao inglês, propus recriações poéticas das fórmulas. Nos espaçamentos na página, recriei respiros, recorrências frasais, retomadas rítmicas, buscando reverberar algo do efeito de transe que a leitura dos cantos provoca.

Agnieszka Szpila

Feitiços

‹fragmento›

TRADUÇÃO

Milena Woitovicz Cardoso

NOTA

Fernanda Regaldo

NOTA DAS EDITORAS

O texto a seguir foi escolhido no livro *Feitiços: fazer amor com árvores*, da escritora, dramaturga e ativista polonesa Agnieszka Szpila. Mãe de três filhas — entre elas, gêmeas autistas —, Szpila faz da experiência do cuidado um dos estandartes de sua obra, questionando as formas como as deficiências e as diferenças, a maternidade e o feminino são socialmente percebidos. Em *Feitiços*, sua escrita combina política, erotismo e ecofeminismo, numa narrativa que transita entre os séculos xx e xvii. Nela, a figura da bruxa é emblema de subversão antipatriarcal e de resistência ecológica, propondo um vínculo erótico com a natureza que desafia a lógica da exploração, da culpa e do domínio. Szpila escreve: “Entre as testemunhas presentes na praça, houve algumas que cobriram o nariz e a boca, para evitar que as cinzas das mulheres amaldiçoadas pela Igreja entrassem por ali. Entretanto, perto do forno, houve aquelas que inalaram as cinzas de propósito, como se quisessem absorver todo o acontecimento.” Ainda respiramos as cinzas suspensas no ar, e das mulheres queimadas herdamos o fogo e a memória.

SELECIONADO DE

Agnieszka Szpila. *Feitiços: fazer amor com árvores*.

Trad. Milena Woitovicz Cardoso. São Paulo: Todavia, 2024.

No cômodo repleto de silêncio, Mathilde, nua, sentada em círculo com as mulheres, pegou sua raiz de escorioneira e aplicou nela a pomada de uma caixinha verde-escura. Passou uma camada espessa mais na ponta, esfregando menos medicamento na base. Encorajou as outras, com um aceno da cabeça, a fazer o mesmo. Quando todas estavam prontas, ela se afastou um pouco para atrás, abrindo as coxas para estender a mão não para a raiz, mas para o rizoma de cálam, inchado pela umidade retida nas folhas. E começou a mover o rizoma delicadamente em sua vulva, proporcionando um indescritível prazer para si mesma. No início, era um quase roçar, mas pouco depois chegou o momento de esfregar o rizoma com as radículas ramificadas nos pelos que cobrem a vulva. Em seguida, com a ajuda da outra mão, abriu a fenda com os dedos para poder esfregar o rizoma na saliência acima dela, o que causava um prazer inexprimível, anunciando a vinda de relâmpagos.

E só então, quando todas estavam à beira do que era terreno e divino, Mathilde ergueu os dedos com um gesto decidido, como se quebrasse o silêncio, que já fora quebrado pelos suspiros acelerados e respirações rítmicas, às vezes sons que lembravam soluços, e sinalizou que era hora de pegar a raiz. Elas fizeram isso ao mesmo tempo, agarrando a escorioneira com avidez e enfiando-a continuamente em si mesmas. Penetravam-se lento, depois rápido, às vezes com delicadeza, apenas inserindo com muita leveza a ponta da raiz em si mesmas, depois pressionando até a base, e era inacreditável que fosse possível atingir qualquer criatura viva tão a fundo, tão fortemente, porque nunca o marido ou os não maridos as tinham penetrado assim.

As raízes cobertas de pomada as conduziam continuamente a tais sensações, que não podiam ser comparadas com mais nada, porque não havia palavras em nenhuma língua do mundo que pudesse descrever os gemidos de prazer e os sussurros que saíam de suas gargantas. Bem como de suas vulvas, porque elas também, jorrando seus sucros internos, emitiam sons como aqueles que fluíram das entranhas da Terra quando ela deu à luz os primeiros peixes e pássaros; quando caiu a primeira chuva e, depois, as minhocas com corpos gordos e cheiro de terra rastejaram para o mundo; quando o vento soprou; quando brotou a primeira primavera; quando as macieiras floresceram nos pomares; e quando Deus se dignou a descansar após seis dias de árduo trabalho de criação.

Quando os gemidos silenciaram, Mathilde deitou-se de bruços no chão e, sobre ela, sem palavras, guiadas não por palavras, mas por um pressentimento profundo, as demais começaram a se deitar, como panquecas num prato, uma sobre a outra, seus corpos nus agarrados uns aos outros com firmeza. E quando estavam confortavelmente empilhadas, Mathilde mexeu o dedão do pé e foi assim que tudo começou. O movimento do dedo de Mathilde causou uma necessidade imediata de mover outra parte do corpo: o tornozelo de Brunhilde, deitada acima dela; e então se moveram os quadris de Hedwiga deitada acima dela; aí o colo e a parte inferior do abdômen de Sara se movimentaram; e os seios grandes, embora temporariamente não cheios de leite, de Gretchen; o que por fim fez com que Bernadette esfregasse os lábios muito sensíveis ao toque das bocas das ajudantes na corte de seu pai. Houve um choque poderoso que foi sentido ao mesmo tempo por todas as mulheres sobrepostas, aconchegadas com força. O raio que as atingiu ao mesmo tempo trouxe-lhes uma experiência que nenhuma delas jamais havia experimentado.

Pareceu-lhes que o choque durou para sempre, e durante esse onin-cendiar elas se moveram pela cidade, admirando os telhados pontiagudos das igrejas e dos prédios ricos de Nysa, passando pelas pontes e pelo rio, bem como pelas copas das árvores na floresta que cercava a cidade, tão pontiagudas como as pontas das raízes de escorioneira. E ao voarem sobre o rio, cada uma delas via seu próprio reflexo, só que de cabeça para baixo. Apenas Mathilde não via nada, como se seu reflexo não estivesse ali, como se ela não existisse ou existisse fora dos princípios da existência do mundo, mas isso não a preocupava, porque, depois de um tempo, junto às outras, ela voltou a avistar o que havia abaixo: clareiras e prados com vacas pastando, sua própria casa, até a casinha do cachorro que sempre latia para ela, um tolo que adorava o próprio dono, que não lhe poupava pontapés e outras demonstrações de raiva e maldade.

“Cachorro tolo” — pensou ela, entrelaçando o sobrenatural com o mundano, arruinando o voo. E então começou a cair.

Ela gritou e todas pousaram ao lado dela, incapazes de acreditar no que haviam vivenciado e onde tinham acabado de estar.

Mathilde quebrou o silêncio com estas palavras:

— Se vocês têm certeza de que não querem se abrir mais para nenhum homem e que querem estancar suas fendas de uma vez por todas para eles, deixando-as disponíveis apenas para raízes e rizomas, ponham um tanto de pomada da caixinha roxa nos dedos. O máximo que puderem. Quando a cola de confrei secar lá dentro, vocês vão ficar grudadas para sempre. E nenhum ser humano ou animal vai ter acesso a vocês. Só poderão usá-las com ervas ou mulheres, e nada que seja duro, exceto as raízes dos seres

vegetais, vai penetrá-las. A partir de agora, vocês vão incendiar suas vulvas com rizomas, galhos, botões de plantas e raízes adequados para isso. Vão fazer cócegas nelas com flores secas e baldaquinos de sabugueiro selvagem e as rechearão com bagos, nozes e castanhas amarradas em um barbante, para que lhes provoquem agradavelmente e balancem em vocês enquanto caminham, proporcionando-lhes um prazer indescritível o dia todo. E se ficarem com saudade do que vem dos homens, vão ensiná-los a amar suas vulvas para que o prazer venha do incendiar e não da penetração. Porque vocês só vão governá-los se eles não as derrotarem com sua natureza e aprenderem um amor novo e melhor. Aquele que flui da Mãe Terra. Da Natureza. Aquele que é extraído da vida vegetal, não da vida animal.

O espírito de sua avó pairava sobre elas. Helene, do além, olhava para a neta, e estava tão orgulhosa que o ar a elevou ainda mais alto acima da Terra.

Fernanda Regaldo

Mandioca, inhame, mamão

Ela atende o telefone sonolenta. Alô. Amiga, tá podendo falar? Ela não responde, a outra emenda: tá sabendo? Do quê? Das meninas. Que meninas? As que foram presas ontem. Não, que meninas? Aquelas meio engraçadas, da festa no terraço outro dia, sabe? Presas? Presas, umas vinte meninas, acho que dezoito. Por quê? Me pergunta como, que é melhor. Como? Peladas no parque. As duas riem. Peladas no parque, que história é essa? Um ritual, uma coisa assim. Ritual de quê? Ritual de sexo. Amiga, quem te contou isso? Parece que elas se encontram e ficam esfregando umas plantas na buceta. Oi? Eu tô falando sério. Esfregando planta? A-ham, e enfiando umas mandiocas, sei lá. Mandioca? E inhame também, o inhame é peludinho e dizem que os pelos têm um toque gostoso na xoxota, quer dizer, primeiro elas passam na coxa, na barriga. Nas coxas umas das outras? Não, cada uma na própria coxa, e depois na própria xoxota, elas primeiro usam coisas macias, umas raízes mais peludas, tipo de samambaia, pra ficar tudo mole e quentinho, e depois vão passando pras plantas mais duras e pras raízes, a mandioca parece que é só no final. Como assim, amiga, uma mandioca na buceta, você tá louca, essa coisa deve te arranhar toda. Parece que elas passam umas pomadas, uns cremes, sei lá, tem uma que é farmacêutica e estuda fitoterápicos, faz uns cremes pra meter sem arder. E aí elas enfiam tudo na buceta? Elas não enfiam tudo, elas vão se acariciando com aqueles negócios: bago, casca, flor, caule, musgo, elas sabem escolher. Hum. Parece que elas se lambuzam todinhas com a polpa do mamão, passam aquele gel viscoso da babosa até no buraco da orelha, ficam sentindo o geladinho das folhas de taioba... Hum, continua. Todas elas sentadas em círculo, peladas, sentindo prazer. No parque? É, no parque, elas sentam lá, de noite, e ficam se tocando, se lambuzando, gozando, vendo as outras gozando também. Todas ao mesmo tempo? Parece que elas entram num transe e gozam juntas, mas que não é um gozo comum, não, dizem que elas voam. As duas riem. E ontem foi num desses voos que a polícia chegou? Pois é, ouvi falar que chegaram várias viaturas e levaram todas elas. Como é que a polícia encontrou elas? Elas acham que alguém denunciou, quer dizer, elas têm certeza de que algum homem

denunciou, provavelmente algum marido. Um marido trocado por mandioca? É, parece que eles estão ficando com raiva, a mulherada curtindo transar com as plantas no parque, juntas, gozando que nem umas malucas, gozando com tudo menos com homem. Trocar pau de homem por galho de árvore, sei lá amiga, sei não. É uma onda feminista, igual tinha aquelas feministas que diziam que só transavam com mulher, que defendiam um lesbianismo político, agora tem essas meninas que defendem um vegetarianismo sexual, sei lá, como forma de libertação. Hum. E parece, disso eu não tenho certeza, que a farmacêutica também faz umas poções, não sei, uns líquidos, umas gotas, que deixam os caras de pau mole. Fala sério. Juro, eu ouvi falar, parece que eles ficam com o pinto parecendo um bichinho frágil, fofinho, desses que a gente segura com a duas mãos e sente o coraçãozinho. Elas riem. Sei não, amiga, você sabe que eu gosto de pinto. Eu acho que elas devem continuar transando com homens, mas só quando elas querem. Elas escolhem quando dar a tal poção? Elas devem pingar na bebida dos caras quando não estão com vontade. Mas e se pinga e muda de ideia? Sei lá se elas enfiam mole mesmo. Que loucura, trocar pau por mandioca. Elas riem. Loucas ou não, dizem que elas saem do chão. E a polícia deve ter pegado todas elas voando, né? Imagina: gritaria, loucura, a mulherada gozando na cara da polícia, as bucetas molhadas, as peles macias se encostando, todas suadas, as luzes vermelhas piscando, só árvore em volta. Que cena maluca. Eu não paro de pensar nisso, fico imaginando a polícia com cassetete de plástico, de pau duro para a lei, e as mulheres lá, suor e pele e saliva e terra e berro, elas berrando bem alto. E aí, o que mais? O que eu ouvi é que elas foram pra cima dos policiais, peladas, os caras ficaram até meio acuados no início, um deles saiu todo arranhado. Nisso eu acredito, homem morre de medo de mulher pelada. Quem não tem medo de mulher pelada? Um bando de mulher doida atacando a polícia, essa eu queria ver. Eu acho que queria estar lá com essas mulheres cheirando a sexo e partindo pra cima, os peitos sacudindo na fuça dos caras. Os peitos e as mandiocas. Elas riem de novo. Essas mulheres viveram umas coisas que a gente nem imagina. Parece que você imagina direitinho. Eu acho que a gente não faz nem ideia, é trepar com a terra, umas com as outras, e tudo sem pinto, sem homem. Ou com homem broxa. É, com homem de pinto mole, os caras bem dóceis, o que é melhor do que sem homem. Uma revolução das bruxas vegetarianas! Elas já estão marcando a próxima, vamos? Elas já estão soltas? Parece que fizeram um escarcéu na prisão, tiraram a roupa e tudo, dançaram, e aí mandaram soltar, mandaram deixar de putaria e soltaram e agora elas precisam organizar de outro jeito, fazer o ritual num lugar mais protegido, talvez fora da cidade, e estão querendo chamar mais gente... eu pensei que a gente podia ir no seu carro.

Selva Almada

A Mulher dos Ossos

‹fragmento›

TRADUÇÃO
Sérgio Molina

NOTA
Vinciane Despret

NOTA DAS EDITORAS

Em *Garotas mortas*, Selva Almada investiga três casos de feminicídio na Argentina dos anos 1980 que seguem sem conclusão. Enquanto busca as histórias das mulheres e das suas mortes violentas, Almada decide consultar uma vidente — “não é por mim que quero vê-la, mas por três mulheres que estão mortas”, explica ela, e a vidente lhe responde que isso é comum. O que a vidente lhe conta — além de lhe sugerir paciência no desenrolar dos fios da narrativa — é a história de La Huesera, a Mulher dos Ossos, e a consulta termina assim: “Talvez seja esta a sua missão: recolher os ossos das garotas, armá-las, dar-lhes voz e depois deixá-las correr livremente para onde tiverem que ir.”

SELECIONADO DE
Selva Almada. *Garotas mortas*. Trad. Sérgio Molina.
São Paulo: Todavia, 2018.

FRAGMENTO DA NOTA SELECIONADO DE
Vinciane Despret. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. Trad. Hortência Lencastre.
São Paulo: n-1 edições; Edições Sesc São Paulo, 2023.

É uma velha muito velha que vive em certo esconderijo da alma. Uma velha chucra que cacareja como as galinhas, canta como os pássaros e emite outros sons mais animais do que humanos. Sua tarefa consiste em catar ossos. Ela recolhe e guarda tudo aquilo que periga se perder. Sua choupana está cheia de ossos de todo tipo de animais. Mas seus preferidos são os ossos dos lobos. Para encontrar um, ela é capaz de caminhar por quilômetros e mais quilômetros, galgar montanhas, atravessar rios, queimar a sola dos pés nas areias do deserto. De volta à sua choupana com a braçada de ossos, ela monta o esqueleto. Quando La Huesera põe a última peça no lugar e a figura do lobo resplandece diante dos seus olhos, ela se senta junto ao fogo e se põe a pensar que canção cantará. Quando se decide, ergue os braços sobre o esqueleto e principia seu canto. À medida que canta, os ossos vão se forrando de carne; e a carne, de couro; e o couro, de pelos. Ela continua a cantar, e a criatura ganha vida, começa a respirar, seu rabo se estica, abre os olhos, dá um salto e sai correndo da choupana. A certa altura da sua corrida vertiginosa, seja pela velocidade, seja porque mergulha nas águas de um rio para atravessá-lo, seja porque o luar o apanha em cheio num flanco, o lobo se transforma numa mulher que corre livremente rumo ao horizonte, rindo às gargalhadas.

Vinciane Despret

Cuidar dos mortos

«fragmento»

TRADUÇÃO

Hortência Lencastre

Se não cuidarmos dos mortos, eles morrem de fato. Mas, se formos responsáveis pela maneira através da qual vão perseverar na existência, isso não significa de modo algum que a existência deles seja totalmente determinada por nós. A nós cabe a tarefa de oferecer-lhes “mais” existência. Esse “mais” deve ser entendido, na verdade, no sentido de um suplemento biográfico, de um prolongamento da presença, e, principalmente, no sentido de *outra* existência. “Mais existência”, em outros termos, é uma promoção da existência do morto, ela não será a do vivo que ele foi, terá outras qualidades, nem a do morto mudo e inativo, totalmente ausente, que ele poderá se tornar por falta de cuidados ou de atenção. Ele se tornará de outro modo, isto é, em outro plano. [...] Levar um ser a essa “mais existência” que lhe permita continuar a influenciar a vida dos vivos pede, portanto, todo um trabalho ou, mais exatamente, disponibilidade, que não tem muito a ver com o famoso “trabalho do luto”. Os mortos pedem ajuda para nos acompanhar; há atos a serem realizados, respostas a serem dadas a esse pedido. Responder não apenas conclui a existência do morto, mas o autoriza a modificar a vida daqueles que respondem.

Afonso Fontes

Encantação contra coronavírus

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO

Afonso Fontes, Ilda da Silva Cardoso,

João Vianna e Ian Packer

NOTA

Sony Ferseck

NOTA EDITORIAL DE JOÃO VIANNA

No início da pandemia de Covid-19, Afonso, benzedor iñapaka do povo Baniwa, procurava uma encantação para tratar seus pacientes. Ao receber a notícia em 2020 da primeira morte em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, região do Alto Rio Negro, percebeu que a pequena cidade onde mora ficou em silêncio. Não demorou para que adoecesse também: sentiu muitas dores, tosse e mal-estar intenso. Após dias de febre, sonhou a encantação contra o coronavírus. Nesse sonho, ele esteve com Dzooli, um demiurgo ancestral do panteão baniwa, que lhe ensinou as palavras mágicas apropriadas contra a nova doença. Ao acordar, ele as conjurou, curando a si próprio.

É 2021, e Afonso, na varanda de sua casa, recebe mais uma paciente e seus acompanhantes. Ilda, sua esposa, os recebe também. Ele pergunta sobre os sintomas e os sonhos da noite anterior, quer entender o adoecimento. Afonso se recolhe um pouco, está em um canto e entoa as palavras de seus ancestrais, soprando-as em uma garrafa que contém um chá preparado por Ilda. Quase não o ouvimos, os versos encantados são sussurrados e ninguém tenta prestar atenção. A cada intervalo de sua

então, Afonso desenrosca a tampinha com cuidado e sopra volumosamente, vertendo as palavras mágicas no conteúdo da garrafa e fechando-a logo em seguida para que não escapem. A conversa continua na varanda. Afonso está concentrado, e ninguém parece notar — com exceção de Ilda — que ele, por meio de suas fórmulas verbais, está (re)vivendo as ações dos demiurgos baniwa, buscando a alma perdida de sua paciente, aliviando o seu corpo adoecido e recompondo a sua pessoa-ancestral. As palavras da encantação o transportam, ou melhor, o duplicam — não há transe, mas ele está ao mesmo tempo na varanda de sua casa e nas camadas celestiais do cosmos baniwa. É onde vivem os demiurgos Kowai, dono das doenças e venenos, Dzooli, dono das encantações e do tabaco, Amaro, a primeira mulher, mãe de Kowai e dos brancos, dona dos rituais de iniciação e das fábricas da fumaça patogênica da cidade, e Ñapirikoli, avô ancestral dos Baniwa, o demiurgo criador da humanidade atual, os Filhos-dos--Nascidos. A paciente aguarda para beber um pouco do chá ali mesmo e levar o restante para casa, onde seguirá o tratamento, encontrando alívio.

O canto a seguir foi entoado nesta noite e em outras tantas.

I

Este, dizem, é mesmo o chá da planta de Dzooli
Dizem que nasce em seu terreiro
Com ele me sento para adoçar
A garganta-ancestral dela
A pessoa-ancestral dela
Contra isto que enfeitiça a pessoa-ancestral dela, Filha-dos-Nascidos

II

Talvez seja você — é você, Kowai, o Estranho
Que enfeitiça o corpo-ancestral dela, Filha-dos-Nascidos?
Com parte do teu corpo, da tua saliva — é você, Kowai
Que pela insensatez dos primeiros iniciantes no Jurupari fez
[surgir o cipó nas árvores?
Tua ira são bicheiras — é você, Estranho?
Piolhos — era você, Estranho?
Pentes — era você, Estranho?
Que irritava a garganta dela, Filha-dos-Nascidos?
Será a saliva destes parasitas que inquieta a garganta-ancestral dela,
[Filha-dos-Nascidos?
Me sento para despedaçar e cortar
Com o terçado de Dzooli
Aquele sempre guardado na bolsa por Dzooli
Com ele vou cortar
Cabeças-ancestrais deles
Dentes-ancestrais deles

III

Garganta-ancestral dela
Tórax-ancestral dela
Peito-ancestral dela
Com este chá de Amaro, mãe de Kowai, vou adoçar
Dizem que foi cultivado por Dzooli
Com as plantas do quintal dele
Com as plantas do quintal dela

Com este chá vou despedaçar
 Da pessoa-ancestral dela cortar
 Bicheiras de Kowai
 Para que alma-coração dela não se assuste, vou acalmar
 Para que alma-coração dela não palpите, vou aliviar
 Para que rastro de dor não reste, vou abrandar
 Com o néctar delas, as abelhas
 Vermelhinhas
 Pretas
 Cinza
 Que vivem no terreiro de Dzooli
 E à Filha-dos-Nascidos ofereço
 Tabaco Kenhapenali — para que volte a suar
 Tabaco Haalhamhewiri — para que as dores sosseguem
 Tabaco Pottitshewiri — para que o amargor se retire
 Tabaco Manopanaali — para que a reima se afaste
 Tabaco Konenali — para que o néctar adoce

IV

Talvez o bebê Kowai também seja parte do estrago-feitiço
 Da medula do Cobra-Grande Haarowi, avô dos Brancos
 Da febre das canoas de louro-inhamuí e louro-puxuri,
 [kadane e abacaterana
 Da febre das máquinas de costura
 Da febre das voadeiras grandes e pequenas, vermelhas e amarelas,
 [pretas e brancas
 Da febre dos aviões grandes e pequenos, vermelhos e amarelos,
 [pretos e brancos
 Da febre das tintas industriais vermelhas e amarelas, pretas e brancas
 Da febre dos carros grandes e pequenos, vermelhos e amarelos,
 [pretos e brancos
 Tudo fabricado por Amaro, mãe dos Brancos,
 [nas chamas que emana o dragão Yaawali
 Me sento para tudo abrandar
 Da pessoa-ancestral dela, Filha-dos-Nascidos
 Talvez provoquem fortes dores nela
 Talvez tornem febril a pessoa-ancestral dela
 Estes rastros que esfrio
 Com o sereno da gente-friagem

Com o sereno da gente-estrela-d'alva
 Com o sereno da geladeira de Amaro
 Talvez sejam graxas
 Graxa amarela e vermelha, azul, preta e violeta
 Que tornam ansiosa a garganta-ancestral dela
 Gasolina vermelha e azul, branca e violeta
 Me sento para desmanchar, da garganta-ancestral dela tirar
 Estes rastros, que jogo em Wapinakoalhe, Cidade-dos-Ossos
 Para que rastro de tosse não reste
 Para que rastro de febre não reste
 Para que rastro das línguas dos bichos não reste
 Garganta-ancestral dela, Filha-dos-Nascidos

V

Alma-coração dela vou devolver, do outro mundo resgatar
 De volta para cá, mundo das nossas almas, Filhos-dos-Nascidos
 Abelha grande adoça
 Abelha pequena adoça
 Um banco para o corpo-ancestral dela assentar ofereço
 Banco de Napirikoli-Onça, nosso avô
 Como os auxiliares dele fizeram, a gente-saúde
 Banco feito do leite da sorveira
 Do leite do cumã-uaçu
 Do néctar do mapati
 Do leite da sorveira do beija-flor
 Do néctar do abiú do papagaio
 Do néctar da cucura pequena e grande
 Do néctar da cucura do mato pequena e grande
 Do néctar do umiri pequeno e grande
 Do néctar da sororoca
 Com estas frutas, alma-coração dela do outro mundo vou resgatar
 Para que alma-coração dela não se assuste, vou acalmar
 Para que alma-coração dela não palpите, vou aliviar
 Doenças que Kowai carrega como peças do seu corpo
 Estragos-feitiços das canoas de Amaro
 E ao corpo-ancestral dela ofereço
 Tabaco Kenhapenali — para que volte a suar
 Tabaco Halhamheriwiri — para que as dores sosseguem
 Tabaco Padzapadzanali — para que a pele não seque

Tabaco Konenali — para que o néctar adoce
 Tabaco Kattimhewiri — para que alegre fique
 Dentro de sua casa-ancestral
 Como Ñapirikoli-Onça fez no início
 Assim vou fazer com ela, Filha-dos-Nascidos
 Como Pinaiwali, dono da beleza, fez com os tabacos no início
 À pessoa-ancestral dela ofereço
 Corpo-ancestral de camarão grande
 Que seu corpo-ancestral mantém tranquilo dentro d'água

VI

Escutem estas palavras
 Estas palavras também são nossas
 Cara a cara resolvemos
 Em nosso corpo-ancestral sabemos esfriar
 Com este chá que à Filha-dos-Nascidos ofereço
 Estrago-feitiço que você, Kowai, carrega em seu corpo
 Estrago-feitiço que você, Cobra-Grande Haarowi,
 [carrega em seu corpo
 Todos vocês despedaço
 Como nosso avô Ñapirikoli-Onça fez
 Contra o estrago-feitiço de todos vocês,
 [gente-transformação do Caapi.

Iñapakatti corona yodza

I

Lhiakapani likaitheni lipaniana yaanaa katsani Dzooli
 Likaitheni lipoiperettaka
 Liyokaro nowhaa nottidzaa
 Romidzaka iwedalikona
 Romidzaka idakinaa
 Likhoette watsehe yomali ipoamaka romidzaka idakinaa
 [rhoa Medzawadoa

II

Kaphada mitha phia kani phia Kowai Manhekanali?
 Ipoamali romidzaka idakinaa rhoa Medzawadoa?
 Liyokaapee pimidzaka idakipemi pianomhami phia Kowai
 Pimottoitheni Kalikattadapana khitte Malinalieninai ima?
 Ima piakaliakonawa pixenimikani phia Manhekanali?
 Pittoidanimikatsani phia Manhekanali?
 Pimawidalemikatsani phia Manhekanali?
 Inaalikapakamoroitakanaka romidzaka iwedalikonaa
 [rhoa Medzawadoa
 Kaphada mitha nanomhakainaliitaka romidzaka iwedalikonaa
 [rhoa Medzawadoa?
 Nhaalikapawatsa nowha linotakha dalhelheme
 Limaipereiyo watse Dzooli
 Kathinadepida limorodalerikoi Dzooli
 Liiyokarowatsa notakhaa
 Namidzaka hiiwidanaa
 Namidzaka yetshanaa

III

Romidzaka iwedalikonaa yoodza
 Romidzaka iwarodalenaa yoodza
 Romidzaka ikodanaa yoodza
 Liyowatsee rottidzaa nhaa rhoa Amaro

Likaitheni lipaniakhakatsani Dzooli
 Lipoiperettakatsani
 Romalitshialeittadakatsani
 Liyokaro watsa notakhaa dalhelheme
 Romidzaka idakinaa yoodza
 Nhaalixenimika Kowai
 Imali makaleeitetekamika noaka liakonawa
 Makaleeirapathakamika noaka liakonawa
 Nooma mawalaninamika liakona
 Liyowatsehe nattidzaa nhaa maapa
 Peramadawanaika
 Pettakadawanaika
 Pettoledawanaika
 Lipoiperettakatsane Dzooli
 Nenikarowatsa noaka rodzemaanawa
 Kenhapenali dzeema
 Haalhamhewiri dzeema
 Pottitshewiri dzeema
 Manopanaali dzeema
 Konenali dzeema

IV

Wadeetsakha mitha linakhittekka lhita liako daliawe Kowaika keramo
 Linakhittekka littirikomika Oomawali Haarowi
 Rotani Ipoa dzakoi kawittiri kadane e mooli
 Royamaka ipoa royamaka yamakatti
 Rotsipalayale ipoa makali tsoyali lidana iraiyali
 [ewayali ittayali haleyali
 Royarakale ipoa yaarakaya makali tsoyali lidana iraiyali
 [ewayali ittayali haleyali
 Rotsintale ipoa lidana iraiyali ewayali ittayali haledali
 Rokaroni ipoa makali tsoyali lidana iraiyali ewayali ittayali haleyali
 Rokapheni rodzekapeka nhaa linoma irapamirikoi Yaawali
 Ikatsawatsa nowhalika nodzaliketa
 Romidzaka idakinaa yoodza watsa rhoa Medzawadoa
 Wadee mithaa nhaaka kapatoitakana
 Khamoka yoomanhioka romidzaka idakinaa
 Nhopekaa liakona
 Dokomianai hiipekaa iyo

Hiwirhinai hiipekaa iyo
 Rotsipalanalemi hiipekaa iyo rhoa Amaro
 Wadee tsakha mithaa lhiakani graxa
 Graxa ewadali iraidali hiipoledali ittadali amoladali
 Kadowhialenali yomaka romidzaka iwedalikonaa
 Gasolina hipolenhai irayanhai haaleanhaai amolanhai
 Ikatsa nowhalika nhota kalaame dzalaame romidzaka
 [iwedalikona yoodza
 Nopatoita liakona Wapinakoalhe
 Imali mawekanamika watsa liakona
 Imali mamoroitakamika liakona
 Imali menenenamika naakona
 Romidzaka iwedalikonaa yodza rhoa Medzawadoa

V

Nodieta watsa rokalee liodza watsee pakoma
 Atsa watsaha nakalekomaliko nhaa Medzawañanai
 Maapa makakoe pottidzakoe
 Maapa tsokoe pottidzakoe rikolhee
 Noa watsa romidzaka yedairenawa liedairena
 Mitseka Dzaawi Ñapirikoli
 Kadzokaro mitsa nadenhikani nhaaka likoaiñaite
 Nokadaa roedairenawa iwizdoli idoniakoa
 Attalee idoniakoa
 Kaarapaa idoniakoa
 Piimi iwizdole idoniakoa
 Heemali waro hemale idoniakoa
 Kamhero tsodalipe makadalipe idoniakoa
 Idzepo dzodalipe makadalipe idoniakoa
 Maporotti tsodalipe makadalipe idoniakoa
 Deeri idonia iyoo
 Nayokaro watsa nodieta rokale liodza watse pakoma
 Imali makalee itetekamika noaka liakonawa
 Makale irapathakamika noaka liakonawa
 Liodza watsehe lidakipemii Kowai
 Rotanipoa rhoa Amaro
 Nokadaa romidzaka iwawaronawa
 Konenali dzeema
 Kenhapenali dzeema

Padzapadzanali dzeema
 Halhamhewiri dzeema
 Kattimhewiri dzeema
 Romidzaka idzolikadapana yaaphitte
 Kadzokaromitseka wapedzakiri Dzaawi Ñapirikoli
 Lhiakatsapa nhopa rodzeemanawa rhoa Medzawadoa
 Lidzemanamitseka wapedzakiri Pinaiwali
 Nokadaa romidzaka idakinawa
 Limidzaka idakine patsirikonawaali
 Lhiakapani matsiade hipaka imidzaka idakinawa
 [likanalia yaphitte heeri

VI

Pikapakapa wakokatsa liakokana
 Wanomakatsa liakokana
 Wawedakatsa liwedanaa
 Wanhekatsa whapekaka wamidzaka idakinaa yodzani
 Liyowatsee rhoa Medzawadoa
 Piako idakipemi yodza phia Kowai
 Piako idakipemi yodza phia Omawali Harowiittiriko
 Nhota dakadakame yakonaa
 Kadzokaromitseka wawheri Dzaawi Ñapirikoli
 Yaako imakañai yodza yhia Kapiwheriñainai.

Sony Ferseck

**Pikapakapa
 wakokatsa liakokana
 Wanomakatsa liakokana**

**Escutem essas palavras
 Essas palavras
 também são nossas**

Roraima, março de 2020. Kuwai Kîrî* ou Boa Vista. Pandemia decretada. *Lockdown* decretado. Marido intubado. Meio-dia. Começo a pedir às horas abertas** que escutem do fundo de uma doença que nos carcome ruidosamente entre os silvos de aparelhos respiratórios e anóxia. Invoco uma oração de memória proferida por seu Vitor. Ainda viverá dentro de seu tapiri em sua comunidade nos arredores de Wadaka Ipiapi?*** Vejo-o de dentro de sua fumaça, de dentro de suas palavras que desenhavam no ar o taren:****

* Teso ou serra do Buriti em Makuxi maimu.

** Horas abertas pelas vivências indígenas são as 12 horas da manhã ou da noite e as 18 horas. São horas em que encantados e espíritos estão soltos, passeando pela terra e podem ouvir pedidos e realizá-los, sejam eles bons ou ruins.

*** Toco de Wadaka, da Grande Árvore de Todos os Frutos, ou Monte Roraima em Makuxi.

**** Palavra de cura ou reza em Makuxi.

Urî sane tî, urî sane tî
 Insikiran pia
 Sene moi' e'tarîmo'tî pî wai tî piri'ya enato'pe
 Î' pî iteparan era'tisa, o'ma ya ira'tisa, paran ya yapî'sa
 Yannanî pî pî wai tî urî tî
 Insikiran pia tî
 Insikiran pia ya imasa'kapî mantî
 Anike pia ya i'masa'ka pî mantî
 Makunaimî pia ke imasa'ka pî wai tî
 Tumasi yenî pan nî pî' wai tî
 Kumi ya wanî tî ke, yennî pan nî pî'pi wai tî, i'masa'kapî wai tî
 Inîrî piri ya para wanî ton pe para, i'masa'kapî wai tî
 Urî tî Insikiran pia, Anike pia se tî
 Makunaimî pia ke i'misa'kapî wai tî
 Inîrî piri ya para enato' pe para i'masa'kapî wai tî
 Urî sane tî
 Insikiran pia se tî

Eu sou eu, eu sou eu
 Filho do Insikiran
 Estou rezando este menino
 Pra ele ficar bom
 Doença virou nele
 Bicho virou ele, doença pegou ele
 Fiz ele melhorar
 Sim, sou filho do Insikiran
 Filho do Insikiran fez ele levantar
 Filho de Anikê fez ele levantar
 Com filho de Makunaima
 Fiz ele levantar, fiz ele comer
 Com puçanga fiz ele ficar esperto
 Com Makunaima, com puçanga
 Com minha comida, com minha peneira
 Com meu mel fiz ele ficar bom
 Fiz ele levantar pra nunca mais ficar doente
 Fiz ele levantar
 Sou eu filho de Insikiran
 Filho de Anikê, filho de Makunaima
 Fiz ele levantar, pra nunca mais ficar doente

Fiz ele levantar, sim
 Sou eu
 Filho do Insikiran

Mas Insikiran não me alcança. Anikê não me alcança. Makunaima não me alcança. Meu marido morre. De respiração curta. De febre alta. Faz-se um luto particular dentro de um imenso luto coletivo. Não durmo. Não saio de casa. Não como direito. A respiração está lá. A voz está lá. Mas de quem? De repente fico sabendo de Vovó Bernaldina, *ko'ko* Meriná. Doença pegou ela. Bicho virou nela. Outra vez invoco a mesma oração. Mas vovó morre. Adoeço e no meio da doença consigo sonhar. Só ela fala:

Uwairi itunrî
 Wama wama itunrî wîrîxi
 Wîrîxamo uwairî
 Wîrîxamo uwairî wîrîxi
 Wîrîxamo uwairî
 Wîrîxamo itunrî
 Uwairi itunrî
 Etapa apakakî wîrîxi
 Apakakî wîrîxi wîrîxi
 Wama wama itunrî
 Ruwe ruwe itunrî
 Etapa apakakî wîrîxi
 Apakakî wîrîxi

O som do meu instrumento
 O som do wama wama* cunhatã
 Os instrumentos das mulheres
 Os sons das mulheres
 O som do meu instrumento
 Acorde para escutar, cunhatã
 Acorde cunhatã, minha irmã
 Acorde para escutar
 O som do wama wama

* Wama: tipo de flauta.

O som do ruwe ruwe*
Acorde para escutar
Acorde, cunhatã

Depois ela dizia “Mulher canta. Mulher canta mulher. Mulher reza. Mulher reza mulher”. E continuava cantando a voz dessa pessoa-ancestral, dessa garganta-ancestral Makuxi. Acordo de dentro da doença. Minha alma-coração resplandece como a avó de todo brilho, a avó dos Makuxis, Wei.** A carne de cobre curada nos rigores do fogo, como faz a Vovó Barro, Ko’ko Non.*** A pele vestida do ocre da palha, pele que não mais debrida e só dança parisara.**** Uma vivente duplicada da fêmea-gêmea de Makunaima cujo nome quase nunca se dizia: Makunu’pa. Agora dito e repetido. Entoa:

Uurî Sa’ ne tî, uurî sa’ ne tî
Wei paasi
Seenî ‘ mooyî’ etarîmu’ tî pî’wai’ tî pri’ya enaato’ pe
Îpe iteparan era’tîsa’ o’ma” ya,
era’masa’, paran ya yapî’sa
yannî pî’ wai’ tî
Uurî tî Wei paasi tî
Ko’ko Non paasi ya
i’mîsa’kapî’man tî
Wei paasi ya i’mîsa’kapî’ man tî,
Wei paasi ke i’mîsa’kapî’ wai’
tîmansî yennî panîîpî’wai tî
Komi’ya wanî tanne, yennîpanîpî’ wai tî
I’mîsa’kapî’wai’ tî
Inni’rî pri’ya para awanî ton pe pra,
i’mîsa’kapî’ wai’ tî
Uurî tî, Makunu’pa paasi se tî
Makunu’pa paasi ke i’mîsa’kapî’ wai’ tî

* Ruwe: flauta de taquara pequena.

** Sol em Makuxi.

*** Non, barro em Makuxi. Ko’ko Non, encantada dona do barro.

**** Dança da palha, dança realizada em celebrações. Antigamente era feita em celebração das grandes caçadas ou das colheitas abundantes. Atualmente realizada nas aberturas de grandes eventos ou de assembleias.

Inni’rî pri’ya pra awanî ton pe pra
I’mîsa’kapî’wai’ tî Uurî sa’ne tî Wei paasi se tî
Uurînikon serenkatô’ke

Eu sou eu, eu sou eu
Filha de Wei
Estou rezando esta menina
Pra ela ficar boa
Doença virou nela
Bicho virou ela, doença pegou ela
Fiz ela melhorar
Filha de Wei fez ela levantar
Filha de Vovó Barro fez ela levantar
Com filha de Wei
Fiz ela levantar, fiz ela comer
Com puçanga fiz ela ficar esperta
Com Vovó Barro, com puçanga
Com minha comida, com minha peneira
Com meu mel fiz ela ficar boa
Fiz ela levantar, pra nunca mais ficar doente
Fiz ela levantar
Sou eu filha de Makunu’pa
Fiz ela levantar, pra nunca mais ficar doente
Fiz ela levantar, sim
Sou eu
Filha de Wei
Somos o que cantamos

Tanto gente quanto entidade, agora somos.

Cidinha da Silva

Sá Rainha

NOTA
Cida Reis

SELECIONADO DE
Cidinha da Silva. *Um exu em Nova York*.
Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

Sá Rainha está sentada na cama de frente para o altar de Nossa Senhora do Rosário. Balbucia coisas que ninguém mais entende. Parece estar em permanente estado de oração. As perninhas balançam como a criança que ela está voltando a ser. Os dedos lentos passam uma a uma as lágrimas-de-nossa-senhora.

Termina as orações ou a conversa com aqueles que ninguém vê, só ela, e se deita com as mãos pequenas em concha debaixo de um dos lados do rosto. Ela parece mesmo um anjo barroco, aquele corpo minúsculo e rechonchudo. Quem imaginaria os nove filhos paridos?

Dorme, encolhe-se feito feto. Conversa, fala muito enquanto dorme. A filha que ainda mora na casa estende uma coberta sobre a mãe. Sente pena.

A cabeça está à deriva, Sá Rainha sobe na cama e tira de cima do guarda-roupas seus pertences de Rainha. Acaricia cada um.

A coroa, o cetro, o manto. Paramenta-se, é dia de festa. Agradece a Nossa Senhora do Rosário por mais um ano. Faz as últimas recomendações sobre a comida do povo. Pergunta ao filho que restou sobre a afinação dos tambores.

Vai sozinha para a rua. Sem a corte real, seu povo que também acompanhou sua mãe, a primeira Rainha, com tochas acesas pelas ruas da cidade do interior porque o prefeito mandou cortar a luz para os pretos do Reinado não saírem por lá dançando e cantando.

Caminha até a encruza central do Morro do Papagaio, abaixo da sede do Muquifu, prédio tombado pelos meninos do movimento. No percurso reconhece pessoas, lutas, desapropriações, resistência popular, tiros, medo, angústias. O padre amigo a abraça quando ela passa pela Igreja das Santas Pretas. Oferece companhia, ela não quer. Está bem. É só dela o cortejo.

Outras pessoas a acompanham a uma distância reverente e cuidadosa, caso ela precise de algo. Foi sempre assim no Morro, essa disposição para ajudar e estar junto. Às vezes chamam seu nome, pedem a benção. Ora ela responde, ora não. Ninguém estranha. O vento fagocita sua memória e deixa no vácuo o que foi vivido e não é mais lembrado. Seu trânsito pelo país dos ancestrais está mais constante a cada dia.

Chega à encruza, vê muita gente à volta. A mãe que iniciou o Reinado, as tias, os tios, irmãs, irmãos. O pai, companheiro de todas as horas

da Rainha-mãe. Os olhos cansados se abrem e Sá Rainha busca os filhos, cinco jovens que deixaram esse mundo fora do tempo.

Mãe, oh mãe! Chama o primeiro, vestindo o mesmo agasalho branco de capuz usado no dia de sua morte. Mãe, minha mãe! Era o segundo, muito bem vestido, terno branco impecável, próximo a um carro importado. Mãe, mãezinha, me ajuda! Era o terceiro, ainda tonto, com o capacete da moto na cabeça. Mãe, ah mãe, não deixa matarem a gente!

O quarto e o quinto a chamam juntos. Abraçados e assustados como morreram na porta do bar, de bonés e bermudas de tadel.

Todos limpos, sem furos nas roupas, sem manchas de sangue. Surpresos ao reencontrá-la ali no lugar onde vagam. Sá Rainha chora e agradece à Senhora do Rosário. Passa a mão pelo rosto de cada um dos filhos, beija-os. Fala da saudade. O povo vai se juntando. Cerca a Rainha, os meninos. Tá caindo fulô / tá caindo fulô! / Lá no céu / cá na terra / oi lerê, tá caindo fulô!

Sá Rainha sai do abraço dos filhos. Afasta-os, carinhosa. Abaixa-se e risca o chão com um caco de telha. Pontos que ninguém ali sabe interpretar. Coloca o bastão no chão. Chora baixinho ao tirar a coroa, deposita-a na terra.

Os filhos vão desaparecendo. O povo também. Ela fica sozinha com suas insígnias de realeza depositadas. Aos poucos, Sá Rainha também some no tempo. Restam o bastão e a coroa à espera de alguém.

Êh Tempo! Êh Tempo! Zaratempô! Êh Tempo! Êh Tempo!
Zaratempô! Êh Tempo! Êh Tempo! Zaratempô!

Cida Reis

Ecoa tambor

Com as mãos no volante, observo a ladeira que me espera. O relógio calendário, no painel do carro, informa dia e horário. Engato a primeira e desço devagar o declive íngreme da rua. A menos de trinta metros, no alto da parede sob a porta de entrada de uma velha casa, uma placa de identificação traz escrito “Salve Maria”. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Um jovem negro, alto, magro, com cabelos trançados, abre o velho e surrado portão de grades de ferro. Enxugo as lágrimas, manobro o veículo e estaciono no piso de cimento irregular. Desço do carro e o jovem me abraça com carinho. Em seguida, inicia o descarregar de tudo o que ocupa o porta-malas e o banco de trás do carro. São pães, biscoitos, bolos, salgados e roscas que fui buscar como doação, a pedido da Rainha.

Um homem negro, forte, 57 anos, caminha em nossa direção para também ajudar. Ao se aproximar, ele sorri, me estende as mãos e nos cumprimentamos: “Salve Maria, Senhor Rei!” — exclamo, com leve aceno de cabeça, em sinal de respeito; “Salve Maria, senhora juíza!” — responde o Rei. Ao mesmo tempo que nossas mãos se unem, ele desenha no ar duas vezes o sinal da cruz. Em seguida, nos abraçamos. Naquele instante, sentimos a mesma dor, e meus olhos novamente se enchem de lágrimas. Pelos próximos dias, este seria o cumprimento oficial entre todos os Reinadeiros e todas as Reinadeiras quando se cruzassem pela primeira vez naquele terreiro, naquelas ladeiras, naquelas ruas.

Enquanto os dois homens descarregam a encomenda, entro na capela. Entrar naquele espaço sagrado é sempre uma emoção, inclusive no período que antecede os festejos, pois a cada ano se refaz a decoração que enfeita o teto, confeccionada com fitas de papel picado em cores e desenhos diferentes.

Este ano, as fitas trazem as cores azul-claro, branco e roxo. Me lembro, como num devaneio, que durante um curso ali realizado, as fitas que cobriam o teto eram brancas e vermelhas. Em determinado momento, enquanto o Capitão/Reinadeiro/Palestrante explicava a força da presença intensa de seus antepassados durante a festa, os papéis balançavam num canto do teto, como se pequenas mãos brincassem naquele espaço. Me aproximo do altar, cumprimento, em sinal de respeito, cada imagem, objeto e símbolo ali presente. Ajoelho para saudar o Rosário.

Quando cheguei ao Reinado, há 22 anos, conheci a Rainha Mãe, no centro de uma quantidade imensa de tarefas e múltiplas funções, a coordenar e ser interpelada por todos e todas a lhe perguntar algo: “Sá Rainha, onde estão os foguetes?”, “Mãe, onde a senhora guardou os uniformes da guarda de Moçambique?”, “Vovó, posso pegar biscoito?”, “Sá Rainha, onde coloco o lanche?”, “Senhora Rainha, onde coloco esta carne?”, “Sinhá, mãe, vovó, Senhora?”. E ela, serena, administrava suas múltiplas funções, como Rainha, mãe, avó, amiga e sogra. A todos e a todas respondia, às vezes fingindo se zangar, com autoridade e afeto, cuidando de todas aquelas tarefas. E ainda recebia com cuidado e atenção as pesquisadoras curiosas e invasivas, que sempre chegam em momentos impróprios, como eu e minha equipe de filmagem.

Entre encantada e constrangida por demandá-la em momento tão tumultuado, me ofereci para ajudar. Ela não se fez de rogada e perguntou se eu poderia catar feijão. Respondi que sim. Ela então abriu uma mesa dobrável, cobriu com uma toalha clara, pediu a alguém que trouxesse uma cadeira, pegou um grande vasilhame de plástico e me entregou cinco quilos de feijão. Quando terminei a tarefa, ela conferiu o serviço, perguntou se poderia catar mais. Topei. Trouxe mais cinco quilos e esta tarefa se repetiu nos anos seguintes e ainda hoje continuo responsável pela limpeza do feijão que será consumido na festa. No início, fiquei matutando o porquê de me delegar uma tarefa tão simples. Qualquer jovem poderia desempenhar aquela função. Pensei inicialmente que seria um teste para medir o compromisso com as ordens da Rainha. Mas depois descobri, ou melhor, a própria Rainha Mãe desfez a minha dúvida ao dizer que me delegar tal tarefa a deixava tranquila quanto ao resultado. E ela, então, explicou: “Imagina, numa festa em que tantos parceiros e amigos são convidados para almoçar, se um deles acha uma pedra na comida — é muito desagradável!”

Salmo 91

TRADUÇÃO
João Ferreira de Almeida

SELEÇÃO E NOTA
Douglas Cristiano Silva

SELECIONADO DE
BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*.
Trad. João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada.
Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

1 Aquele que habita
 no esconderijo do Altíssimo,
 à sombra do Onipotente descansará.
 2 Direi do Senhor:
 Ele é o meu Deus,
 o meu refúgio, a minha fortaleza,
 e nele confiarei.
 3 Porque ele te livrará
 do laço do passarinho,
 e da peste pernicioso.
 4 Ele te cobrirá com as suas penas,
 e debaixo
 das suas asas te confiarás;
 a sua verdade será o teu escudo e broquel.
 5 Não terás medo
 do terror de noite nem
 da seta que voa de dia,
 6 Nem da peste
 que anda na escuridão,
 nem da mortandade
 que assola ao meio-dia.
 7 Mil cairão ao teu lado,
 e dez mil à tua direita,
 mas não chegará a ti.
 8 Somente com os teus olhos contemplarás,
 e verás
 a recompensa dos ímpios.
 9 Porque tu, ó Senhor,
 és o meu refúgio.
 No Altíssimo fizeste a tua habitação.
 10 Nenhum mal te sucederá,
 nem praga alguma chegará
 à tua tenda.
 11 Porque aos seus anjos dará ordem
 a teu respeito,

para te guardarem
 em todos os teus caminhos.
 12 Eles te sustentarão nas suas mãos,
 para que
 não tropeces com
 o teu pé em pedra alguma.
 13 Pisarás sobre o leão e a cobra;
 calcarás aos pés
 o leão jovem e a serpente.
 14 Porquanto tão encarecidamente me amou,
 também eu o livrarei;
 pô-lo-ei
 em retiro alto,
 porque conheceu o meu nome.
 15 Ele me invocará,
 e eu lhe responderei;
 estarei com ele na angústia;
 dela o retirarei, e o glorificarei.
 16 Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

Douglas Cristiano Silva

Apócrifos

Com todo o meu coração te busquei; não me deixes
desviar dos teus mandamentos.

Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não
pecar contra ti.

Salmo 119

Em certas noites, antes de dormir, ele decidia que queria ler um salmo. Vinte e três, noventa e um, cento e dezenove, cento e vinte e um, cento e trinta e nove. Capa de couro contra papéis de seda, Imprensa Bíblica Brasileira. Folheávamos juntos o livro em busca da leitura que encerraria o dia, e, antes de chegar enfim às folhas de guarda, era possível contemplar, de relance, os pálidos desenhos que ali havia: mapas das viagens missionárias de Paulo, uma Palestina dos tempos do Novo Testamento, uma Canaã feita só de finas linhas, repartida entre doze tribos.

Luz de tungstênio no quarto escuro da infância. Descobri nos textos antigos que ele recitava o terror noturno e a seta que voa de dia. *Embora meu olho fechado não dormisse à noite, embora Deus me assediasse sem piedade e o Sheol se achasse sobre o meu estrado*,* nunca eram ocultas ao seu olhar rigo-roso nossas formas tímidas sob as cobertas, atrás daquelas páginas que com saliva nas pontas dos dedos ele perseguia. Ao encontrá-las, nos fazia entender

* Do *Livro dos Hinos*, encontrado entre os Manuscritos do Mar Morto. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. In: J. Guinsburg; Zulmira R. Tavares. *Quatro mil anos de poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

inúmeras palavras, que como laços de passarinho queriam nos livrar com ferocidade de pestes perniciosas. De Baal. Da destruição final de um templo.

Como se soubesse hebraico de forma misteriosa, com o tempo comecei a ler cada verso ao contrário. Escolhia abraçar tudo aquilo que a poesia trágica traduzida pela voz grave do meu pai de pé, entre nossas camas infantis, não era. Espalhado pelo vento, com a Beleza no colo, busquei andar segundo o conselho dos ímpios e me assentei voluntariamente na roda dos escarnecedores, ainda que nunca tenha conseguido de verdade ser um, pois as palavras já estavam comigo.

Mesmo que contra qualquer forma mecânica de reza, sua grande alegria era perceber que sabíamos de cor todos os termos (e o modo como foram ordenados) da tradução portuguesa de João Ferreira Almeida, feita no século xvii, para mim ainda a mais bonita. Descobri muito depois que, antes dos louvores e dos Gideões Internacionais, essas palavras se cristalizaram em poderosos amuletos e, aladas, em conjuros infalíveis; simples como a pomba e prudente como a serpente, Satanás as escolheu para lançar contra Jesus no deserto. Nas profundezas da terra, ainda um pouco informe, escondi essas mesmas palavras em meu coração.

Björk

Canção da âncora

eu vivo à beira do oceano
e durante a noite
mergulho
fundo, fundo
mais fundo que todas as correntes
e lanço a minha âncora

é onde eu vou ficar
esta é a minha casa

TRADUÇÃO

Fernanda Regaldo e Maria Carolina Fenati

NOTA

Elisa Marques e Fernanda Regaldo

NOTA DAS EDITORAS

“The Anchor Song” é a última faixa do álbum *Debut*, lançado em 1993 por Björk. Foi escrita no verão de 1990, quando ela deu uma volta à Islândia de bicicleta, visitando as muitas igrejas antigas da costa, que não raro são pequenas como um cômodo ornamentado, com paredes de madeira e estrelas pintadas no teto. Cada uma dessas igrejas tem um harmônio, e neles Björk compôs muitas melodias, entre elas a de “The Anchor Song”.

LETRA COPIADA DO ENCARTE DO ÁLBUM

Björk. *Debut*, 1993.

The Anchor Song

i live by the ocean
and during the night
i dive into it
down to the bottom
underneath all currents
and drop my anchor

this is where I'm staying
this is my home

Elisa Marques e Fernanda Regaldo

A língua das sereias

Meu falecido pai pescador me dizia que as sereias falavam italiano. *Mamma mia*, eu pensava, *acqua in bocca*, elas respondiam, do fundinho do vasto mundo oceânico. As mais antigas falavam grego, e se metiam nas histórias como monstrengas, mulheres-pássaro que desviavam os viajantes de suas rotas e os devoravam com os dentes afiados. As sereias modernas falam italiano quando cantam ópera, quase todas sopranos, é claro. A voz precisa sair límpida e forte, projetar-se em direção aos marinheiros, amarrados aos mastros com a boca cheia de saliva, os sexos entumecidos. Marinheiros e viajantes que segurem firme, porque a carne é fraca e as sereias são danadas, elas te seduzem e te fazem comida de tubarão, sereia é meio piranha, umas *femmes fatales*. Isso quando não se apaixonam por algum príncipe e em troca de um par de belas pernas abrem mão da própria voz. Quem não quer morar em casas grandes com móveis de bom gosto e geladeiras duplas? Quem precisa de voz, quando dá pra fazer quase qualquer coisa com o dedão do pé?

Aprendi a ser sereia ainda criança. Era menina-peixe nas brincadeiras na piscina, ondulando as pernas com os pezinhos cruzados. Eu era a guerreira branca, *Change Mermaid*, com bustiê e cauda costurados pela minha mãe. Ajustava a cauda bem abaixo do umbigo, e com ela conseguia até plantar bananeira quando não estava na escadinha de azulejo, apoiada sobre os braços, contemplando o mundo dos humanos, sonhando em ter pernas. Penteava os cabelos com um garfo dos náufragos. Nessa hora vinha sempre uma onda e batia na pedra, minha silhueta recortada contra o sol, e o som dos violinos ficava mais penetrante.

Aprendi a ser piranha no carnaval. Abro baús com tecidos e collants e junto das outras sou pássara, tigre, onça. Ondulamos o corpo na água, no ar, na rua, nas pistas de dança, no sexo, no mar. Como naquele barquinho

no Rio Vermelho, em que seguimos, um cardume de mulheres-peixe, alguns metros na baía, em direção ao horizonte, enquanto o sol ainda nascia no céu. Flutuávamos e costurávamos colares, introduzindo pérolas uma a uma num mesmo fio, e o movimento cadenciado dos nossos dedinhos embalava a conversa e os cantos. contei às amigas sobre a cirurgia que eu tinha feito meses antes, quando no lugar de um dos seios me implantaram uma estrela-do-mar. A operação foi um sucesso, mas desde então venho observando fenômenos curiosos. Escamas apontam na minha pele e meus dentes começaram a ser-rilhar. Uma noite, num impulso irresistível, arranquei com uma mordida um pedaço da bochecha do meu marido. Sinto uma fervilhante necessidade de me molhar e uma tarde me joguei no lago do parque.

Me afastando da praia com meu cardume, eu buscava a benção de Iemanjá, esperando que ela me reconhecesse como uma das suas. Não demorou para que o mar nos trouxesse caprichados pescadores. Cercamos o barco deles sem trocar uma única palavra. De volta à praia quente, mergulhamos com as barrigas cheias num balde de gelo com cervejas *long-neck* e atravessamos a nado o fim da manhã. *Eccomi*, me ouvi dizer.

Mary Oliver

Chama

TRADUÇÃO
Patrícia Lino

NOTA
Leonardo Fróes

NOTA DAS EDITORAS

Publicamos aqui um dos poemas de *A folha e a nuvem* (2000), um dos três livros que compõem a coletânea póstuma de Mary Oliver, publicada em Nova York em 2025 com o título de *Little Alleluias: Collected Poetry and Prose*, e no Brasil, em 2026, com o título *Pequenas glórias*. Na nota da tradutora, Patrícia Lino anuncia: “Onde foi necessário e onde não foi necessário, fiz magia.” E, no prefácio, Natalie Diaz cita uma pergunta que Mary Oliver faz em um dos seus ensaios, com uma inquietação que é próxima àquela do poema “Chama”: “O que significa, perguntam as palavras, a beleza tão imensa da Terra? E o que devo fazer em relação a isso? Que presente devo oferecer ao mundo? Que vida deverei viver?”

SELECIONADO DE

Mary Oliver. *Pequenas glórias*. Trad. Patrícia Lino. Prefácio de Natalie Diaz. São Paulo: Círculo de Poemas, 2026.

POEMA DA NOTA SELECIONADO DE

Leonardo Fróes. *Sibilitz*. Ilustrações de Ricardo Reis. Prefácio de Reuben da Rocha. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2015.

I.

Bem-vindos ao poema bobo e reconfortante.

Não é o nascer do sol,
enxaguado em vermelho,
que anda chamuscando boa parte do céu oriental;

nem os pingos de chuva que Deus deixa cair da carteira;

tampouco o capacete azul que o céu desenha no espaço logo depois,

ou as árvores, ou o besouro cavoucando a terra;

e não é decerto o sabiá que, sozinho entre os demais,
continuará chiando e aplaudindo
dos ramos da catalpa a abarrotar de flores,
ondulantes e luzidias
oscilando sob o vento.

2.

Às vezes, você ainda se lembra do celeiro velho que ficava no sítio do bisavô, aonde você foi uma vez e entrou sozinha enquanto os adultos se sentaram na casa para conversar.

Estava vazio. Ou quase vazio. Uma mão-cheia de feno cobrindo o chão, algumas vespas zumbiam à janela, e talvez houvesse um pássaro meio estranho tremulando bem lá no alto, algo perturbado, chilreando e fitando imóvel, do parapeito, o entorno com olhos selvagens e binoculares.

Acima e apesar de tudo, cheirava a leite. Você se lembra também da paciência dos bichos, dos seus membros invisíveis pairando no ar e de um leve odor de amoníaco que não incomodava tanto assim.

Acima e apesar de tudo, não acontecia grande coisa no celeiro secreto, de teto alto e curvado, e com tábuas rasas por pintar.

Você poderia ter lá ficado para sempre, uma criança pequena disposta em um dos cantos, sobre o último e enorme tufo de feno, deslumbrada com tanto espaço que parecia estar vazio. Mas não estava.

Você também se lembra, era meio-dia e você regressou — por ter sentido o aperto da fome — daquele sonho crepuscular, encaminhou-se com alguma pressa para a casa, onde tudo estava a postos, um tio qualquer lhe deu uma palmadinha de boas-vindas no ombro e havia um lugar para você na mesa.

3.

Nada dura.
Tudo é um cemitério onde tudo o que digo é,
agora.

Uma vez, joguei lá flores, sobre o verde da grama.

4.

Nada é tão delicado ou tão delicadamente engonçado
[como as asas viçosas
da mariposa
diante da lanterna
do calor da lanterna
ou do bico do corvo
cedinho pela manhã.

Ainda assim, a mariposa, tão refinada quanto briguenta,
não tem pena de si mesma.

Nem aqui nem na lua.

5.

A minha mãe
era uma glicínia azul,
a minha mãe
era o riacho musgoso que corria atrás de casa
a minha mãe, ai de mim, ai de mim,

nem sempre amou a vida que teve,
mais pesada do que a bigorna
que ela carregava nos braços de um quarto para o outro.
Ó, nunca me esquecerei!

Dispus a minha mãe
em uma caixa
debaixo da terra
e fui embora.
O meu pai
demônio de sonhos impraticáveis,
pronto para quebrar a confiança de todos,
menino pobre, magrinho e azarento,
seguia Deus, até porque não havia mais ninguém
com quem ele pudesse falar;
e se vangloriava perante o Senhor, porque não havia mais ninguém
que o escutasse.

Escute,
a vida era dele.
Enterro-a.
Limpo os armários.
E abandono a casa.

6.

Falo deles agora,
e não o voltarei a fazer.

Não é falta de amor
não é que não me doa.
Mas não carregarei a dor centenária que eles carregavam.

Dou-lhes — um, dois, três, quatro — beijos de cortesia,
doces obrigadas,
de raiva e de boa sorte para debaixo da terra.
Espero que eles durmam bem. E em paz.

Mas o meu beijo não será cúmplice do peso
e eles não serão responsáveis pela minha vida.

7.

Sabia que a formiga tem uma língua
que coleta tudo o que há de
docinho?

Sabia disso?

8.

O poema não é o mundo.
Não é sequer a primeira página do mundo.

Mas o poema quer ser tão flor como a flor.
É essa a sua única certeza.

Quer se abrir,
como a porta de um pequeno templo,
para que você entre, se refresque, o corpo arrefeça
e você seja menos você — e mais as coisas.

9.

A voz de uma criança chorando de dentro da boca de uma mulher
é no mínimo trágico e desanimador.
A voz de uma criança gritando de dentro de um homem alto,
barbudo e forte
é no mínimo mesquinho e assombroso.

10.

Me diga então:
o que realmente importa?
O que faz com que os lugares mais recônditos
[da sua cabeça estremecem

como estremecem ao primeiro toque
do amor?

II.

De qualquer modo,
o celeiro nunca existiu.
Nem a criança.

Nem o tio nem a mesa nem a cozinha.

Só um campo muito bonito cheio de triste-pias.

12.

Quando a solidão vier cutucar o silêncio, vá até o campo, observe
a ordem natural das coisas. Repare
no que nunca tinha reparado antes,

como, por exemplo, o tinido de pandeiro que faz o grilinho-da-neve
cujo corpo verde e pálido não é maior do que o seu polegar.

Olhe com demora os beija-flores que, sob as chuvas de verão
chacoalham os pingos de ambas as asas.

Faça da dor sua irmã. Ela o será quer você queira ou não.
Dê um chega pra lá na tristeza e seja tão verde
e incansável como estas folhas.

Uma vida inteira não é suficiente para a beleza deste mundo
e para as responsabilidades de estar vivo.

Espalhe flores sobre a grama e desapareça.
Seja bom e desleixado em exuberâncias.

Seja modesto apesar de sua cabeça brilhante
e apegue-se ao que é tátil e pulsa.

Viva a sua vida como o besouro faz, ou como o vento.

Esta é a parte escura do pãozinho que é o poema.

Esta é a parte escura e mais nutritiva do pãozinho que é o poema.

Flare

1.

Welcome to the silly, comforting poem.

It is not the sunrise,
which is a red rinse,
which is flaring all over the eastern sky;

it is not the rain falling out of the purse of God;

it is not the blue helmet of the sky afterward,

or the trees, or the beetle burrowing into the earth;

it is not the mockingbird who, in his own cadence,
will go on sizzling and clapping
from the branches of the catalpa that are thick with blossoms,
that are billowing and shining,
that are shaking in the wind.

2.

You still recall, sometimes, the old barn on your great-grandfather's farm, a place you visited once, and went into, all alone, while the grownups sat and talked in the house.

It was empty, or almost. Wisps of hay covered the floor, and some wasps sang at the windows, and maybe there was a strange fluttering bird high above, disturbed, hooing a little and staring down from a messy ledge with wild, binocular eyes.

Mostly, though, it smelled of milk, and the patience of animals; the give-offs of the body were still in the air, a vague ammonia, not unpleasant.

Mostly, though, it was restful and secret, the roof high up and arched, the boards unpainted and plain.

You could have stayed there forever, a small child in a corner, on the last raft of hay, dazzled by so much space that seemed empty, but wasn't.

Then—you still remember—you felt the rap of hunger—it was noon—and you turned from that twilight dream and hurried back to the house, where the table was set, where an uncle patted you on the shoulder for welcome, and there was your place at the table.

3.

Nothing lasts.
There is a graveyard where everything I am talking about is,
now.

I stood there once, on the green grass, scattering flowers.

4.

Nothing is so delicate or so finely hinged as the wings
of the green moth
against the lantern
against its heat
against the beak of the crow
in the early morning.

Yet the moth has trim, and feistiness, and not a drop
of self-pity.

Not in this world.

5.

My mother
was the blue wisteria,
my mother
was the mossy stream out behind the house,
my mother, alas, alas,
did not always love her life,
heavier than iron it was

as she carried it in her arms, from room to room,
oh, unforgettable!

I bury her
in a box
in the earth
and turn away.
My father
was a demon of frustrated dreams,
was a breaker of trust,
was a poor, thin boy with bad luck.
He followed God, there being no one else
he could talk to;
he swaggered before God, there being no one else
who would listen.

Listen,
this was his life.
I bury it in the earth.
I sweep the closets.
I leave the house.

6.

I mention them now,
I will not mention them again.

It is not lack of love
nor lack of sorrow.
But the iron thing they carried, I will not carry.

I give them—one, two, three, four—the kiss of courtesy,
of sweet thanks,
of anger, of good luck in the deep earth.
May they sleep well. May they soften.

But I will not give them the kiss of complicity.
I will not give them the responsibility for my life.

7.

Did you know that the ant has a tongue
with which to gather in all that it can
of sweetness?

Did you know that?

8.

The poem is not the world.
It isn't even the first page of the world.

But the poem wants to flower, like a flower.
It knows that much.

It wants to open itself,
like the door of a little temple,
so that you might step inside and be cooled and refreshed,
and less yourself than part of everything.

9.

The voice of the child crying out of the mouth of the
grown woman
is a misery and a disappointment.
The voice of the child howling out of the tall, bearded,
muscular man
is a misery, and a terror.

10.

Therefore, tell me:
what will engage you?
What will open the dark fields of your mind,
like a lover
at first touching?

II.

Anyway,
there was no barn.
No child in the barn.

No uncle no table no kitchen.

Only a long lovely field full of bobolinks.

12.

When loneliness comes stalking, go into the fields, consider
the orderliness of the world. Notice
something you have never noticed before,

like the tambourine sound of the snow-cricket
whose pale green body is no longer than your thumb.

Stare hard at the hummingbird, in the summer rain,
shaking the water-sparks from its wings.

Let grief be your sister, she will whether or no.
Rise up from the stump of sorrow, and be green also,
like the diligent leaves.

A lifetime isn't long enough for the beauty of this world
and the responsibilities of your life.

Scatter your flowers over the graves, and walk away.
Be good-natured and untidy in your exuberance.

In the glare of your mind, be modest.
And beholden to what is tactile, and thrilling.

Live with the beetle, and the wind.

This is the dark bread of the poem.
This is the dark and nourishing bread of the poem.

Leonardo Fróes

Justificação de deus

o que eu chamo de deus é bem mais vasto
e às vezes muito menos complexo
que o que eu chamo de deus. Um dia
foi uma casa de marimbondos na chuva
que eu chamei assim no hospital
onde sentia o sofrimento dos outros
e a paciência casual dos insetos
que lutavam para construir contra a água.
Também chamei de deus a uma porta
e a uma árvore na qual entrei certa vez
para me recarregar de energia
depois de uma estrondosa derrota.
Deus é o meu grau máximo de compreensão relativa
no ponto de desespero total
em que uma flor se movimenta ou um cão
danado se aproxima solidário de mim.
E é ainda a palavra deus que atribuo
aos instintos mais belos, sob a chuva,
notando que no chão de passagem
já brotou e feneceu várias vezes o que chamo de alma
e é talvez a calma
na química dos meus desejos
de oferecer uma coisa.

Edimilson de Almeida Pereira

Poemas rituais

‹fragmento›

NOTA

César Guimarães

SELECIONADO DE

Edimilson de Almeida Pereira. *O som vertebrado*.

Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

8.

Eu-raposa de pelo ruço.

Vivendo com as religiões aprendi pouco sobre deus,
muito sobre os homens.

E não gostei do que vi.

Minha bisavó puri ficava dentro das pequenas coisas.
Apesar de morta,
não deixou de soprar na direção do vento.

E nós?

Somos grandes com a palavra. Sem ela, um grão
nos esmaga.

Totem preá

Manhã de sol — estavam descuidados — flores de corola aberta.

Não viram descer o dente impiedoso.

Não dá para ser livre com a liberdade dos outros.

*

o beija-flor inumado — o homem
de apelido mutum

um esqueleto âmbar que era
um lagarto

o mal antes de secar o palude

um canto — *hã é hã?* — na cabeça

se continuarem a cavar pode ser
que a pá enferruje

o homem mutum tem um nome
beija-flor

*

o espírito criador de tudo
— que não
criou sozinho —
se enforcou na curva do rio

esse
é o gesto digno de uma enxó

14.

o rosto azul do menino caiapó no ciclo de nossa
senhora o atrito o rumor de um tambor na rua
o apito a sombra dos roedores o assunto do dia
: *escatungandém a redonda voz da morte-mor*
o dançante está livre pela cidade vindo da mata
onde à noite um delírio se encontra com a irmã
do sonho: à socapa se desce ao inferno se desce
das nuvens e pouco se precisa do medo: o rosto
azul envolto em cinzas passeia por são josé do
rio pardo, fala com hermes — um dos que sabem
que a tartaruga grande dá a volta ao mundo — o
rosto amanhece azul na casa do menino caiapó

17.

não há fotografia que testemunhe três mulheres
entrando na mata: duas sobre as próprias pernas,
outra sob um canto ainda menos canto — ruído
parco de embaúbas e espíritos subtraídos ao clã.
me pergunto se a câmera capturaria em sépia
o tremor dos pés nas folhas secas. se alguma vez
essa cena se repetisse quem — processo químico
ou dígito da floresta — a levaria para o futuro?
a pergunta está morta: a primeira é a última vez
que as três mulheres se deixam ver, sob a noite,
longe da foz: seguem agora por onde não se volta.

Última festa do Rosário

Nessa fotografia do século xx sinto tua respiração.
Não sabemos que em breve
Joaquim
se despedirá.
Não intuímos que antes do pai de Joaquim entregará
o manto
e a coroa.

Essa fotografia é para morrer de tristeza
as sombrinhas
coloridas pálios sem prepotência
filtram a luz do sol
e sorrimos
como se estivéssemos levantando voo sem perceber.

Pousados aqui, para o fotógrafo, com as mulheres
e as crianças
os novos e
os velhos paramentados
aqui, na porta de casa
sob fitas
e turbantes
(ninguém se mexe — pede a máquina de espíritos)
lá, aonde já não vamos,
cada um desliza por dentro.

Não há vento, a barra dos vestidos e as capas
de cetim
azul e rosa
se descolam do chão — nenhuma aragem, nos queixamos
por educação.

Aquele instante nos teve tão próximos que o terço
em tuas mãos me enlaça
e por ser uma hora
aberta
sequer nos tocamos: meio-dia, mira-sol, quem te vê?

Tenho ainda o colete daquela foto, não mais o corpo.

E a percepção
de que o descanso em forma de sombra no rosto
era um indício:
não soube antes, não saberei por que estão deitados
tu
Joaquim
e seu pai
os irmãos as irmãs
e aquele sol.
Não haverá nunca como saber
se aquele clique quando amávamos era o futuro.

Sangria

Enterrei na curva
do rio, não devia ter demorado.

Enterrei onde
a lama ainda não era lama.

Estavam
comigo os enterrados vivos,

os que não tiveram
braço para cavar a fundo

e os que
presos sequer viviam.

Enterramos
à unha o que de nós não desistia,

tão íntimo
em nosso fogo queimara, em

nossa cama
dormira — enterrei enterramos

por
termos perdido o desejo

que nos
ensinaram antes de haver o rio.

Enterrei
o que me habitava sem forma

e em
outra matéria seria esculpido.

Não era preciso
ser o eixo da roda do mundo, não

era
: bastava descer o sol da cabeça

que o mais
viria a bem do corpo (não veio) —

enterrei
o mar de ilusões na curva do rio.

César Guimarães

A soleira, transposta

Ao atravessar a soleira da casa visitada, se desfazem os poderes da ciência que se propunha catalogar e classificar os muitos mundos dos Outros em anotações no caderno de campo ou registros fotográficos.

Alguma roça perdida na lembrança, conto lido na juventude (entre o amor e o assombro), os ancestrais vigilantes nos retratos pintados nas paredes da sala. Aquele que entra é um estrangeiro, acolhido dadivosamente, mas nada conhece dos territórios em que pisa. Tudo vaza no que o olho enquadra. Quando lhe apertam a mão, o que sente primeiro são os calos e o madeirame dos ossos que sustenta os corpos. Vozes convidam a entrar. Na gente mais antiga quase não se veem os olhos; no fundo das pálpebras em dobra, algo ainda faísca; o que excede, quem sabe, o severo balanço da vida vivida. Os mais moços se aproximam, cumprimentos suspensos. Teriam a idade do visitante, não fossem os trabalhos e os dias que os consumiram.

Bichos, plantas, árvores e espíritos coabitam com os parentes, vizinhos. Tudo fala uma linguagem que não cabe nos termos alinhavados pelo etnógrafo. Só ele não sabe disso, demasiadamente seguro de si. O poema recusa as palavras conquistadoras: não desbrava lugares ou desdenha o desconhecido. Muitos menos se arroga o direito de adentrar a infinitude das coisas ínfimas ou de vasculhar os danos (ou as alegrias) que um acontecimento um dia trouxe aos que ali habitam. A câmera recua, mulheres somem na mata entre embaúbas. Cantos são arrancados à terra; aquecida, a pele dos tambores vibra e ressoa; gente chega para a festa (a primeira ou a última). Os que nos esperam saúdam à porta. O poema é um deles, transposta a soleira.

Lista de autores, tradutores, revisores e colaboradores

Adalberto Alves — Lisboa, Portugal, 1939
Afonso Fontes — Aldeia Ukuki-Cachoeira, Igarapé Uaranaã,
Rio Ayarí, Terra Indígena Alto Rio Negro, Brasil, 1964
Agnieska Szpila — Wałbrzychu, Polônia, 1977
Aline Magalhães Pinto — Belo Horizonte, Brasil, 1981
Amos Tutuola — Abeokuta, Nigéria, 1920-Ibadan, Nigéria, 1997
Ana Estaregui — Sorocaba, Brasil, 1987
Ana França — Belo Horizonte, Brasil, 1993
Ana Martins Marques — Belo Horizonte, Brasil, 1977
André Brasil — Belo Horizonte, Brasil, 1969
André Capilé — Barra Mansa, Brasil, 1978
Andrea Stahel — São Paulo, Brasil, 1970
Aníbal Aleluia — Inhambane, Moçambique, 1926-Maputo,
Moçambique, 1993
Anna Flávia Dias Salles — Belo Horizonte, Brasil, 1962
Audre Lorde — Nova York, EUA, 1934-Saint Croix, EUA, 1992
Barbara Amaral — Belo Horizonte, Brasil, 1985
Björk — Reykjavik, Islândia, 1965
Bronisław Malinowski — Cracóvia, Polônia, 1884-New Haven, EUA, 1942
Caístulo — Território Wichí, Gran Chaco, Argentina, anos 1950
Cecília Rocha — Goianésia, Brasil, 1981
César Guimarães — Patos de Minas, Brasil, 1964
Cida Reis — Belo Horizonte, Brasil, 1961
Cidinha da Silva — Belo Horizonte, Brasil, 1967
Coletivo Paqueta — Foz do Iguaçu, Brasil, 2024
Conceição Evaristo — Belo Horizonte, Brasil, 1946
Daiane Carneiro Pimentel — Timóteo, Brasil, 1988
Dani Zelko — Buenos Aires, Argentina, 1990
Daniel de Jesus Figueiredo — Belo Horizonte, Brasil, 1976
Danilo Vaz-Curado R. M. Costa — Olinda, Brasil, 1979
Douglas Cristiano Silva — Belo Horizonte, Brasil, 1988
Edimilson de Almeida Pereira — Juiz de Fora, Brasil, 1963

Édouard Glissant — Sainte-Marie, Martinica, 1928-Paris, França, 2011
 Elisa Marques — Belo Horizonte, Brasil, 1983
 Ellen Lima Wassu — Rio de Janeiro, Brasil, 1987
 Elton Hiku Krahô — Aldeia Cachoeira, Terra Indígena Krahô, Brasil, 1985
 Fernanda Regaldo — Belo Horizonte, Brasil, 1983
 Fernanda Silva e Sousa — São Paulo, Brasil, 1993
 Filipe Lampejo — Divinópolis, Brasil, 1988
 Flávia Mafra — Belo Horizonte, Brasil, 1974
 Friedrich Hegel — Stuttgart, Alemanha, 1770-Berlim, Alemanha, 1831
 Guilherme Freitas — Rio de Janeiro, Brasil, 1983
 Guilherme Gontijo Flores — Brasília, Brasil, 1984
 Hannah Arendt — Hanôver, Alemanha, 1906-Nova York, EUA, 1975
 Henry Munn — Nashville, EUA, 1940-Washington, EUA, 2014
 Hortência Lencastre — s/l; s/d
 Ian Packer — São Paulo, Brasil, 1985
 Ilda da Silva Cardoso — Aldeia Santa Isabel, Rio Ayarí,
 Terra Indígena Alto Rio Negro, Brasil, 1976
 Inês Dias — Lisboa, Portugal, 1976
 Irineu Franco Perpetuo — São Paulo, Brasil, 1971
 Jalaludin Rumi — Balkh, Afeganistão, 1207-Konya, Turquia, 1273
 João Duruteu Xaj — Aldeia Cachoeira, Terra Indígena Krahô,
 Tocantins, Brasil, s/d
 João Ferreira de Almeida — Várzea de Tavares, Portugal, 1628-Jakarta,
 Indonésia, 1691
 João Vianna — Brasília, Brasil, 1987
 José Jorge de Carvalho — s/l; s/d
 Júlia de Carvalho Hansen — São Paulo, Brasil, 1984
 Lena Yunis — s/l; s/d
 Leonardo Fróes — Itaperuna, Brasil, 1941-Petrópolis, Brasil, 2025
 Liudmila Ulítskaia — Davlekanovo, Rússia, 1943
 Louise Glück — Nova York, EUA, 1943-Cambridge, EUA, 2023
 Luísa Rabello — Belo Horizonte, Brasil, 1985
 Marcílio França Castro — Belo Horizonte, Brasil, 1967
 Marco Lucchesi — Rio de Janeiro, Brasil, 1963
 Maria Carolina Fenati — Belo Horizonte, Brasil, 1982
 Maria Fenati Ribeiro — Belo Horizonte, Brasil, 2017
 María Sabina — Huautla de Jiménez, México, 1894-Huautla
 de Jiménez, México, 1984
 Mariana Sanchez — Curitiba, Brasil, 1981

Marina Apolinário — Santa Luzia, Brasil, 1995
 Mary Oliver — Maple Heights, EUA, 1935-Hobe Sound, EUA, 2019
 Maura Lopes Cançado — São Gonçalo do Abaeté, Brasil, 1929-
 - Rio de Janeiro, Brasil, 1993
 Mayara Alexandre Costa — Imperatriz, Brasil, 1984
 Micheline Verunschik — Recife, Brasil, 1972
 Milena Woitovicz Cardoso — Lapa, Brasil, 1987
 Morán Zumaeta Bastín — Baixo Urubamba, Peru, s/d
 Natalia Toledo — Oaxaca, México, 1967
 Nian Pissolati — Belo Horizonte, Brasil, 1983
 Patrícia Lino — Porto, Portugal, 1990
 Patricio Rago — Buenos Aires, Argentina, 1982
 Patrick Chamoiseau — Fort-de-France, Martinica, 1953
 Paulo Gaspar de Menezes SJ — Maranguape, Brasil, 1924-
 - Fortaleza, Brasil, 2012
 Pedro Bomba — Aracaju, Brasil, 1989
 Plutarco — *ca.* Queroneia, Grécia, 46 d.C.-Delfos, Grécia, 120 d.C.
 Raquel Camargo — João Pessoa, Brasil, 1987
 Roberta Ferraz — São Paulo, Brasil, 1980
 Roberto Zular — São Paulo, Brasil, 1971
 Sara Gallardo — Buenos Aires, Argentina, 1931-Buenos Aires,
 Argentina, 1988
 Sara Pinheiro — Belo Horizonte, Brasil, 1986
 Sebastião Nascimento — Curitiba, Brasil, 1976
 Selva Almada — Entre Ríos, Argentina, 1973
 Sepideh Radfar — Teerã, Irã, 1965
 Sérgio Molina — Buenos Aires, Argentina, 1964
 Sony Ferseck — Belém, Brasil, 1988
 Starhawk — Saint Paul, EUA, 1951
 Stephanie Borges — Rio de Janeiro, Brasil, 1984
 Tiago Macedo — Belo Horizonte, Brasil, 1980
 Vinciane Despret — Anderlecht, Bélgica, 1959

Gratuita v.5 Magia

Coordenação Editorial: Maria Carolina Fenati

Organização e Edição: Fernanda Regaldo e Maria Carolina Fenati

Assistência Editorial: Cecília Rocha e Júlia de Carvalho Hansen

Editorial Palavra Poética Ameríndia: Ian Packer

Projeto Gráfico: Luísa Rabello

Revisão: Andrea Stahel

Edição Sonora: Bárbara Amaral e Tiago Macedo

Gestão Financeira: Flávia Mafra

Gratuita é a revista das Edições Chão da Feira, distribuída gratuitamente, em versão impressa, digital e sonora. Este é o último volume.

v. 1 Cartas para para todos e para ninguém, 2012

v. 2 Atlas, 2015

v. 3 Infância, 2017

v. 4 Animais, 2023

v. 5 Magia, 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(EDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G773 Gratuita v.5: Magia / Organizadoras Maria Carolina Fenati,
Fernanda Regaldo. – 1. ed. – Belo Horizonte, MG: Chão da Feira, 2026.
268 p. ; 17 x 25 cm – (Gratuita; v. 5)

ISBN 978-85-66421-29-3

1. Literatura – Coletânea. 2. Ficção. 3. Ensaios. 4. Contos. 5. Poesia.

I. Fenati, Maria Carolina. II. Regaldo, Fernanda. III. Série.

CDD B869.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal
de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Projeto 2122/2023.

Patrocínio

Realização

Incentivo



No interior da capa deste volume de Gratuita, estão repetidas algumas frases. São elas: “Sou Gratuita.”, “A leitura viva é o sinal dos tempos vivos.”, “Grátis. Sem remuneração. De graça.”, do livro *Os Cantores de Leitura*, de Maria Gabriela Llansol, do qual também vem o nome desta revista; “O ‘sim’ da literatura é o seu modo de testemunhar.”, do livro *Literatura, defesa do atrito*, de Silvina Rodrigues Lopes; “A experiência, única autoridade, único valor.”, de *A experiência interior*, de Georges Bataille, e “Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método.”, de *Moby Dick*, de Herman Melville — esta última esteve estampada no interior da capa da Gratuita v. 1.

Os 2.000 exemplares desta Gratuita foram compostos em Cardo e Sharphy, com capa impressa em papel Kraft 200g/m² e miolo impresso em Chambril Avena 80g/m² pela gráfica Formato, em Belo Horizonte, em outubro de 2026.

Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A experiência, única autoridade, único valor. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Sou Gratuita. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. Sou Gratuita. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A experiência, única autoridade, único valor. Grátis. Sem remuneração. De graça. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. Grátis. Sem remuneração. De graça. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Sou Gratuita. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Grátis. Sem remuneração. De graça. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. A experiência, única autoridade, único valor. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Sou Gratuita. Grátis. Sem remuneração. De graça. A experiência, única autoridade, único valor. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Sou Gratuita. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. Grátis. Sem remuneração. De graça. Sou Gratuita. A leitura viva é o sinal dos tempos vivos. O “sim” da literatura é o seu modo de testemunhar. Grátis. Sem remuneração. De graça. A experiência, única autoridade, único valor. Há algumas empreitadas cuja cuidadosa desordem é o verdadeiro método. Sou Gratuita. Grátis.

Gratuita

- v.1 Cartas para todos e para ninguém, 2012
- v.2 Atlas, 2015
- v.3 Infância, 2017
- v.4 Animais, 2023
- v.5 Magia, 2026